UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GESOEL ERNESTO RIBEIRO MENDES JUNIOR

SOBRE QUESTÕES A-NÃO-A E TAG QUESTIONS

CURITIBA
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GESOEL ERNESTO RIBEIRO MENDES JUNIOR

SOBRE QUESTÕES A-NÃO-A E TAG QUESTIONS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, com ênfase em Estudos Linguísticos, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Guimarães Miranda

CURITIBA
2013

Catalogação na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Mendes Junior, Gesoel Ernesto Ribeiro
Sobre questões A-não-A e *tag questions* / Gesoel Ernesto Ribeiro Mendes Junior – Curitiba, 2013.
119 f.

Orientador: Profº. Drº. Maximiliano Guimarães Miranda
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

1. Gramática comparada e geral - Sintaxe. 2. Gramática comparada e geral – Morfologia. 3. *Tag questions*. 4. Questões A-não-A. I.Título.

CDD 415

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ata qüingentésima septuagésima oitava, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu o mestrando **GESOEL ERNESTO RIBEIRO MENDES JUNIOR.** No dia seis de dezembro de dois mil e doze, às quatorze horas, no anfiteatro 1000, 10.º andar, no Edifício Dom Pedro I, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: **MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA**, Presidente, **ANDREW IRA NEVINS** e **SÉRGIO MOURA MENUZZI**, designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada: SOBRE QUESTÕES A-NÃO-A E TAG QUESTIONS apresentada por **GESOEL ERNESTO RIBEIRO MENDES JUNIOR.** A sessão teve início com a apresentação oral do mestrando sobre o estudo desenvolvido. Logo após o senhor presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para as suas arguições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na sequência, o Professor **MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação do candidato. Em seguida, o senhor Presidente declarou **APROVADO** o candidato, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos,** devendo encaminhar à Coordenação em até 60 dias a versão final da dissertação. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. Feita em Curitiba, no dia seis de dezembro de dois mil e doze. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Dr. Maximiliano Guimarães Miranda

Dr. Andrew Ira Nevins

Dr. Sérgio de Moura Menuzzi

Gesoel Ernesto Ribeiro Mendes Junior

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de dissertação do mestrando GESOEL ERNESTO RIBEIRO MENDES JUNIOR para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA, ANDREW IRA NEVINS e SÉRGIO MOURA MENUZZI arguiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

SOBRE QUESTÕES A-NÃO-A E TAG QUESTIONS

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	**Assinatura**	**APROVADO Não APROVADO**
MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA		APROVADO
ANDREW IRA NEVINS		Aprovado!
SÉRGIO DE MOURA MENUZZI		Aprovado!

Curitiba, 06 de dezembro de 2012

Prof.ª Dr.ª Teresa Cristina Wachowicz
Vice-Coordenadora

Agradecimentos

Sou imensamente grato:

- a meu orientador Maximiliano Guimarães, pela orientação, conversas, incentivo desde a graduação e liberdade;
- a pessoas com quem discuti versões anteriores deste trabalho: Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR), Andrew Nevins (UCL/Unicamp), Cilene Rodrigues (PUC-RJ), Jeffrey Lidz (University of Maryland), Sergio Menuzzi (UFRGS), Rafael Nonato e Klaus Abels (UCL). Comentários, sugestões e ceticismos dessas pessoas me permitiram melhorar a análise e a argumentação aqui propostas;
- a Marcel den Dikken (CUNY), Kyle Rawlins (Johns Hopkins University), e Craig Sailor por disponibilizarem seus trabalhos via email para mim com tanta agilidade. Os trabalhos desses autores tiveram grande impacto sobre minha compreensão das estruturas aqui estudadas;
- a pessoas que leram versões anteriores deste texto e que permitiram melhorá-lo: Ana Paula Mendes, Luana de Conto (em especial!), Marcos Carreira e Leandro Cardoso (em especial!);
- a minha banca de qualificação, formada por Marcelo Ferreira (USP) e Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR), pelos comentários e críticas, que me fizeram ver uma série de lacunas no trabalho;
- a minha banca de defesa, formada por Sergio Menuzzi (UFRGS) e Andrew Nevins (UCL), pela leitura criteriosa que me permitiu tapar mais alguns buracos de minha análise (dos muitos que ainda restaram!).
- a meus informantes e pessoas que me ajudaram com dados: Tami Fryszer (Celin-UFPR) e Denise Weishof (Celin-UFPR) - *Hebraico Moderno*; Valentina Bianchi (Università degli Studi di Siena) - *Italiano*; Regina Darriba (UFPR) - *Espanhol*; Andrea Knöfple (UFPR) e Ludmila Sandmann (UFPR) - *Alemão*; Julia Orie Yamamoto (UFSC) - *Japanês*; Eduardo Nadalin (UFPR) - *Polonês*; Jântô Suyá- *Kĩsêdjê*; Ana Paula Mendes - *Francês*;

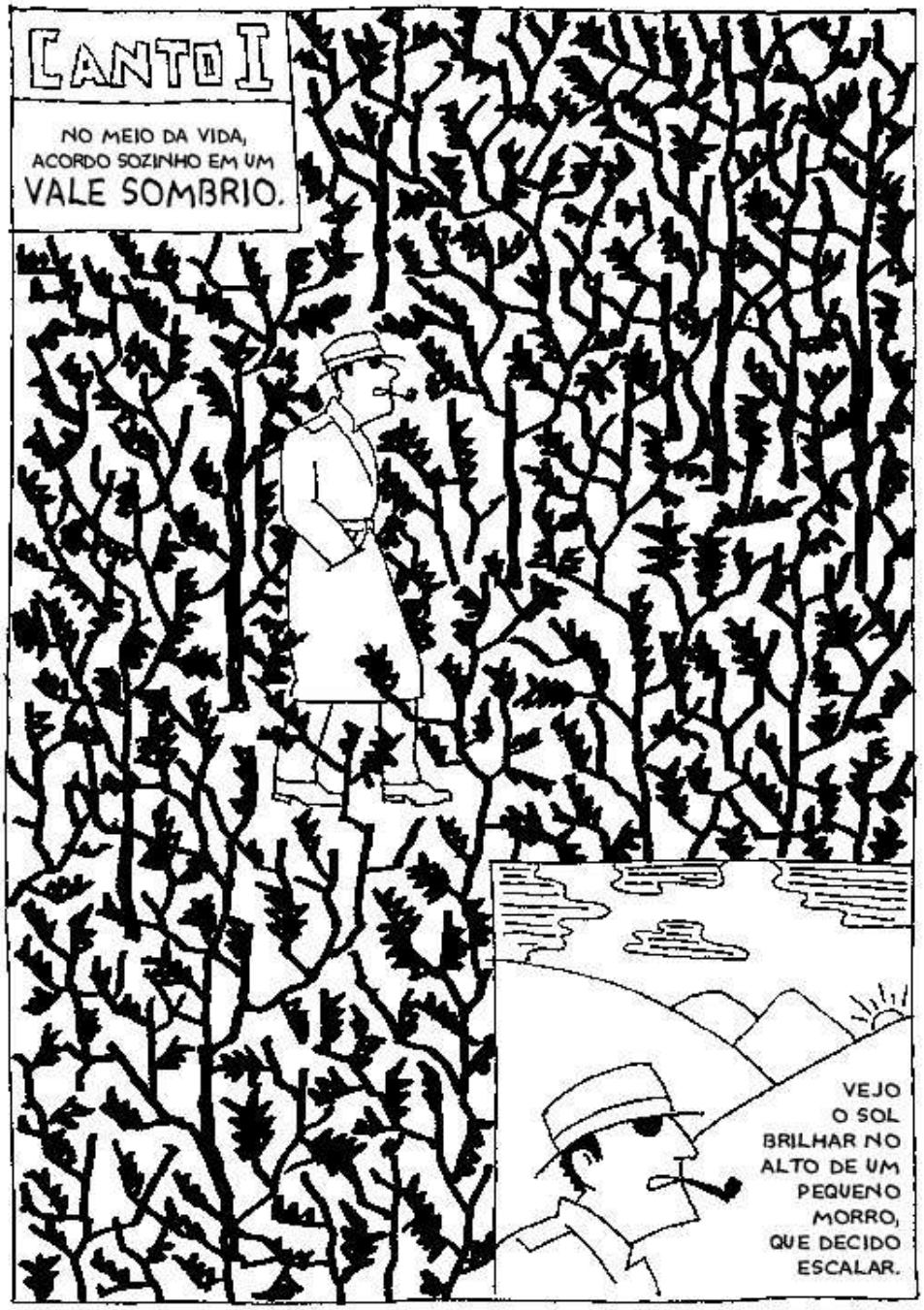
➢ a meus amigos pelo incentivo e apoio;

➢ a meus pais, Gesoel e Rose, pelo carinho, incentivo e orações;

➢ a minha mulher, Ana Paula, pelo amor e suporte (*Como não te amaria eu?*);

➢ a Deus pelo lugar que ocupa em minha vida;

➢ a Capes pelo financiamento.



Alighieri, Dante. **A divina comédia**. Canto 1.
(Adaptação de Seymour Chwast)

Resumo

Este trabalho discute a formação de *tag questions* e questões A-não-A. Desenvolvi duas hipóteses levantadas na literatura: (i) a *Hipótese de den Dikken*, para quem *tag questions* do Inglês e questões A-não-A formariam uma classe natural; e (ii) a *Hipótese de Morin*, para quem *tag questions* do Inglês e do Francês diferenciariam-se pelo constituinte afetado pela elipse. Essas duas hipóteses são aqui refinadas e estendidas para um variedade de línguas. Defende-se, neste trabalho, que *tag questions*, e questões A-não-A são formados por coordenação disjuntiva. *Tag questions* seriam perguntas formadas por coordenação na camada CP e questões A-não-A formadas por coordenação na camada ΣP, domínio responsável pela polaridade da sentença segundo Laka (1990). Defende-se também que a diversidade na formação de *tag questions* seria derivada, além do constituinte afetado pela elipse, da interação entre: (i) a especificação morfossintática do núcleo que encabeça a coordenação; e (ii) as possibilidade de superficialização desse núcleo, dadas pela competição de itens de vocabulário (Halle e Marantz 1993). O núcleo responsável pela coordenção poderia sofrer, em alguns casos, um processo que chamei de *empobrecimento do traço disjuntivo*, que ocorreria na presença de um traço interrogativo e, ao alterar o valor do traço disjuntivo, alteraria o item de vocabulário, de outra forma, inserido nesse núcleo. Questões A-não-A portariam, no núcleo coordenador Σ^0, além do traço disjuntivo, um traço interrogativo não interpretável que entraria em concordância com um traço interrogativo na camada CP. À medida que essa relação é sensível a minimalidade e ciclicidade, interpretada neste trabalho como Múltiplos *Spellouts* (Uriagereka 1999), as restrições a ilhas apresentadas por essas estruturas puderam ser derivadas. Para questões V-não-VP em que somente a primeira sílaba é repetida, propus duas análises, uma em que a repetição é resultado de uma regra de reduplicação, e outra em que a repetição é resultado de uma adaptação fonotática. Apresento também uma análise preliminar para *tag questions* que não guardam identidade entre a oração inicial e a oração final (e.g "João joga xadrez, não é?") que, embora em estágio prematuro, me permitiu capturar uma série de regularidades entre a formação desse tipo de pergunta nas línguas.

Palavras-chave: *Tag questions*, questões A-não-A, sintaxe, morfologia

Abstract

This work discusses the formation of tag questions and A-not-A questions. I have developed two hypotheses previously proposed in the literature: (i) den Dikken's hypothesis, according to which tag questions and A-not-A questions form a natural class; and (ii) Morin's hypothesis, according to which what distinguishes English and French tag questions is the constituent affected by ellipsis. These hypotheses are here refined and extended for a much larger range of languages. I state that tag questions and A-not-A questions are built from a structure of disjunctive coordination. Tag questions involve coordination at the CP layer, and A-not-A questions would have coordination at the ΣP layer, the domain responsible for the polarity of the sentence (Laka 1990). I also claim that, aside from the issue of which constituent is affected by the ellipsis, the diversity in tag question formation is derived from: (i) the morphosyntactic specification of the head of the coordination; and (ii) the possibilities of morphological realization of such head, given the competition among vocabulary items (Halle & Marantz 1993). The head responsible for coordination could, in some cases, undergo what I called *disjunctive feature impoverishment*, which would be conditioned by the presence of an interrogative feature. A-not-A questions would bear an uninterpretable interrogative feature in the Σ head, alongside the disjunctive feature. Such uninterpretable interrogative feature would enter in an agreement relation with an interpretable interrogative feature in the CP domain. As this agreement relation is sensible to minimality and cyclity – here implemented in terms of Multiple Spell-outs (Uriagereka 1999) – the island constraints showed by these structures are predicted. For V-not-VP questions in which only the first syllable is repeated, I propose two analyses: one where the repetition is the result of a reduplicative rule, and another one where the repetition is the result of phonotactic adaptation. I also present a prelimiary analysis for reduced tag questions in which there is no indentity between the initial clause and the final clause (e.g. "John played chess, right?"). Though still sketchy, this analysis allows us to capture a range of regularities of this kind of question structure.

Keywords: Tag questions, A-not-A questions, syntax, morphology

Lista de Abreviações

ABS	absolutivo
ACC	acusativo
Agr	concordância
Asp	aspecto
AUX	verbo auxiliar
C	complementizador
CL	classificador
CLT	clítico
CON	aspecto continuativo
CONT	partícula contrastiva
COP	cópula
DAT	dativo
DISJ	disjunção
DEF	definido
e	categoria vazia
ERG	ergativo
EXP	expletivo
FUT	futuro
GEN	genitivo
IMPERF	imperfectivo
FORCE	força ilocucionária
LF	Forma Lógica
MASC	masculino
MOD	modo
MS	marcador de sujeito
NEG/NEG	negação
NOM	nominativo
OBJ	objeto
PAS	passado
PL	plural
PERF	perfectivo
PF	Forma Fonética
POT	potencial
PRES	presente
pro	pronome/ pronominal
PRT	partícula
Q	questão
REAL	realis
REV	reverso
SC	*small clause*
SG	singular
Spec	especificador
SRel	sentença relativa
SUF	sufixo
Suj/SUJ	sujeito
TOP	tópico
TR	transitivo
T	tempo/ temporal
VF	vogal final
V	verbo/ verbal
&	coordenação

Lista de Línguas

Alemão	[Indo-europeia, Germânica]	Alemanha, ...
Árabe Libanês	[Afro-asiática, Semítica]	Líbano
Basco	[*Isolada*]	Espanha
Cantonês	[Sino-tibetana, Chinesa]	China, ...
Chukchi	[Chukotko-kamchatkana, Setentrional]	Rússia
Coreano	[*Isolada*]	Coreia do Sul, ...
Dinamarquês	[Indo-europeia, Germânica]	Dinamarca,...
Dime	[Afro-asiática, Omótica]	Etiópia
Espanhol	[Indo-europeia, Românica]	Espanha, ...
Francês	[Indo-europeia, Românica]	França, ...
Frísio	[Indo-europeia, Germânica]	Alemanha
Gaélico Escocês	[Indo-europeia, Celta]	R.U.
Hebraico Moderno	[Afro-asiática, Semítica]	Israel, ...
Hindi	[Indo-europeia, Indo-iraniana]	Índia, ...
Inglês	[Indo-europeia, Germânica]	R.U., ...
Italiano	[Indo-europeia, Românica]	Itália, ...
Islandês	[Indo-europeia, Germânica]	Islândia
Japonês	[Japônica]	Japão, ...
Kĩsêdjê	[Macro-jê]	Brasil
Madurês	[Austronésia, Malaio-polinésia]	Madura
Mandarim	[Sino-tibetana, Chinesa]	China, ...
Meithei	[Sino-tibetana, Tibeto-birmanesa]	Índia, ...
Nupe	[Nígero-congolesa, Banue-congolesa]	Nigéria
Panará	[Macro-jê]	Brasil
Persa	[Indo-europeia, Indo-iraniana]	Irã, ...
Phan Rang Cham	[Austronésia, Malaio-polinésia]	Vietnã
Polonês	[Indo-europeia, Eslava]	Polônia, ...
Português	[Indo-europeia, Românica]	Brasil, ...

Romani	[Indo-europeia, Indo-iraniana]	Sérvia
Russo	[Indo-europeia, Eslava]	Russia, ...
Samoano	[Afro-asiática, Omótica]	Etiópia
Sheko	[Indo-europeia, Indo-iraniana]	Sri Lanka
Sinhala	[Indo-europeia, Indo-iraniana]	Sri Lanka
Sueco	[Indo-europeia, Germânca]	Suécia, ...
Tainae	[Trans-neoguineana, Angana]	Papua-Nova Guiné
Taiwanês	[Sino-tibetana, Chinesa]	Taiwan
Teochew	[Sino-tibetana, Chinesa]	Singapura
Trique de Copala	[Oto-mangueana, Mixtecana]	México
Tumbuka	[Nígero-congolesa, Bantu estrito]	Malawi, ...
Zapoteca do Istmo	[Oto-mangueana, Zapotecana]	México
Turco	[Altaica, Turca]	Turquia, ...
Vata	[Nígero-congolesa, Kru]	Costa do Marfim

Para a classificação das línguas, segui, de modo geral, Lewis (2009). Algumas dessas línguas aparecem neste trabalho somente para ilustrar algum aspecto específico, não necessariamente questões A-não-A ou *tag questions*. A tabela acima apresenta somente o país em que a língua possui o maior número de falantes segundo Lewis (2009).

Advertência

Os dados apresentados neste trabalho, tanto do Português quanto de outras línguas, têm basicamente duas fontes: (i) dados disponíveis na literatura; e (ii) dados coletados por mim com falantes nativos. Os dados que pertencem à primeira categoria provêm, em sua maioria, de textos escritos em Inglês. Tanto as glosas quanto as traduções, portanto, foram traduzidas e adaptadas para o Português e não se encontram, aqui, em sua forma original. Ainda a respeito de dados dessa categoria, algumas glosas, e até mesmo traduções, podem gerar algum desconforto no leitor. Para certas línguas, como o Mandarim e o Taiwanês, mais de uma fonte foi consultada. Algumas palavras e morfemas receberam glosas diferentes em diferentes trabalhos, por diferentes autores. Huang (1991), por exemplo, glosa "zheben", em Mandarim, por "this" (esse); Huang, Li e Li (2009), por sua vez, separam essa palavra em dois morfemas "zhe-ben" e glosam com "this-CL" (esse-CL). Um segundo exemplo seria o morfema/auxiliar "u" do Taiwanês, glosado em Huang (1991) por "have" (ter) e em Sailor (2009) por "PERF". As traduções das questões A-não-A são aproximativas e também devem ser lidas com cuidado. Alguns autores traduzem questões A-não-A como perguntas alternativas (*e.g* "João gosta desse livro ou não gosta?", "João gosta ou não gosta desse livro?", ...) enquanto outros autores as traduzem como perguntas polares (*e.g.* "João gosta de música?"). É de extrema importância que o leitor tenha em mente que nenhuma dessas traduções corresponde a questões A-não-A em Português. Português não possui questões A-não-A, como ficará claro no decorrer do trabalho. Como nenhuma dessas diferenças será relevante para os aspectos investigados ou, no caso das questões A-não-A, as traduções não correspondem a posições analíticas, decidi por manter as glosas e as traduções o mais fiel possível aos originais de cada trabalho, mesmo que isso implique algumas aparentes incoerências. Os dados da segunda categoria, coletados por mim, seguem, de modo geral, o formato "*X joga xadrez*", com pequenas adaptações para formação da estrutura e do conteúdo informacional relevantes. Todos os dados da literatura, ao contrário dos dados coletados por mim, serão indicados com referência bibliográfica. Os dados da literatura não serão indicados com referência somente quando acrescentados por mim aspectos analíticos (árvores, colchetes, ...). Todos os dados desse tipo aparecerão com referência bibliográfica em momento oportuno.

Sumário

Agradecimentos **iii**

Resumo **vi**

Abstract **vii**

Lista de Abreviações **viii**

Lista de Línguas **ix**

Advertência **xi**

1 Introdução **1**
1.1 Triagem inicial 2
1.2 Objetivos, Hipóteses Iniciais e organização do trabalho 11

2 *Questões A-não-A* e *Tag questions* revisitadas **13**
2.1 Questões A-não-A 14
2.1.1 Huang (1991)/ Huang, Li e Li (2009) 14
2.1.2 Law (2001) 21
2.1.3 Cole e Lee (1997) 22
2.1.4 Discussão 24
2.2 Tag Questions 27
2.2.1 Culicover (1991) 27
2.2.2 den Dikken (1995) 29
2.2.3 Sailor (2009) 30
2.2.4 Morin (1973) 33
2.2.5 Discussão 33

3 Direções analíticas **40**
3.1 Algumas Considerações Teóricas e Empíricas 41
3.1.1 Arquitetura 41
3.1.2 Sincretismo Vertical e Sicretismo Horizontal 43

3.1.3 Partículas de Polaridade, Partículas Reversas, Respostas e Respostas Curtas 50
3.2 Retomando, revisando e estendendo as hipóteses iniciais 55
3.3 O *Empobrecimento do Traço Disjuntivo* e a tipologia dos *Tag questions Reduzidos* 62
3.4 Questões A-não-A reduplicativas 68
3.4.1 Proposta 1 - Reduplicação como Regra de Reajuste 68
3.4.2 Proposta 2 - Reduplicação como Consequência de Reajuste Fonológico 72
3.5 (Re)interpretando restrições contextuais em questões A-não-A 77
3.6 A posição do sujeito em questões A-não-A e *tag questions* com elementos fronteados 82
3.7 *Pseudo tag questions*: primeiras palavras 85

4 Considerações Finais **90**

Referências Bibliográficas **100**

Capítulo 1

Introdução

No meio do caminho desta vida
me vi perdido numa selva escura,
solitário, sem sol e sem saída.

Ah, como armar no ar uma figura
desta selva selvagem, dura, forte,
que, só de eu a pensar, me desfigura?

É quase tão amargo como a morte;
mas para expor o bem que encontrei,
outros DADOS darei da minha sorte.

Alighieri, Dante. **A divina comédia**. Canto 1.
(via Augusto de Campos)

1.1 Triagem inicial

As línguas naturais apresentam basicamente quatro estratégias para formar sentenças interrogativas polares, também chamadas de perguntas sim-não, que solicitam informação acerca da verdade da proposição expressa na sentença (*cf.* Dryer 2005, p. 470):

(1) MORFEMAS INTERROGATIVOS
Tumbuka (Dialeto Karonga)

a. iye a-ku-gon-a
3SG MS-PRES-dormir-VF
"Ele está dormindo."

b. **kasi** iye a-ku-gon-a?
Q 3SG MS-PRES-dormir-VF
"Ele está dormindo?"
(Kimper 2006, p. 75)

(2) ORDEM DE PALAVRAS
Alemão

a. Der Lehrer **trink-t** das Wasser.
o professor **bebe-3SG** a água
"O professor está bebendo a água"

b. **trink-t** der Lehrer das Wasser.
bebe-3SG o professor a água
"O professor está bebendo a água?"
(Dryer 2005, p. 470)

(3) AUSÊNCIA DE MORFEMA DE CONTEXTO DECLARATIVO
Sheko

a. n̪=māāk-ā-**m**
1SG-contar-colocar-**MOD**
"Eu vou contar."

b. n̪=māāk-ā-∅
1SG-contar-colocar-∅
"Eu devo contar?"
(Hellenthal 2010, p. 401)

(4) CURVA ENTOACIONAL
Espanhol

a. El es médico. (↓)
ele é médico
"Ele é médico."

b. ¿El es médico? (↑)
ele é médico
"Ele é médico?"
(Akerberg 2011, p. 156)

Algumas dessas estratégias coexistem em certas línguas, e, em certos casos, em uma mesma sentença podem ser executadas mais de uma estratégia.

A formação de pergunta também pode interagir com outros elementos da sentença. Em Sinhala, por exemplo, o elemento [də], além de marcar a sentença como interrogativa, pode se anexar a um termo da oração resultando em focalização:

(5) *Sinhala*

a. Chitra ee potə kieuwa də?
Chitra aquele livro leu.A **Q**
"Chitra leu aquele livro?"

b. Chitra [ee potə]-də kieuwe?
Chitra [aquele livro]-**Q** ler.E
"Foi aquele livro que Chitra leu?"
(Kishimoto 2005, p. 11 apud Ginsburg 2009, p. 109)

Há, ao menos, duas aparentes estratégias de formação de perguntas polares que não se enquadram nessa tipologia devido a sua interação com outros processos linguísticos e traços morfossintáticos: *questões A-não-A* e *tag questions*. Esses fenômenos constituirão o objeto desta pesquisa.

Questões A-não-A são perguntas polares encontradas em línguas sino-tibetanas. Elas são tradicionalmente divididas em dois tipos: V-não-VP e VP-não-V(P). Nas questões V-não-VP, o verbo ou parte do verbo é repetido[1] e uma partícula negativa é inserida entre as duas *ocorrências*:[2]

(6) *Mandarim*

a. ta xihuan bu xihuan zheben shu?
ele gosta não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

[1]Eventualmente o elemento repetido pode ser um adjetivo ou mesmo uma preposição. Neste trabalho, concentro-me nos casos de repetição verbal.

[2]Novamente, as traduções das questões A-não-A são aproximativas e devem ser lidas com cuidado. Alguns autores traduzem questões A-não-A como perguntas alternativas (*e.g* "João gosta desse livro ou não gosta?", "João gosta ou não gosta desse livro?", ...) enquanto outros autores as traduzem como perguntas polares (*e.g.* "João gosta de música?"). É de extrema importância que o leitor tenha em mente que nenhuma dessas traduções corresponde a questões A-não-A em Português. Português e Inglês não possuem questões A-não-A. Questões A-não-A foram documentadas somente em línguas sino-tibetanas e apresentam uma série de idiossincrasias que serão apresentadas e discutidas no próximo capítulo. Portanto sentenças como "João gosta desse livro ou não gosta?", "João gosta ou não gosta desse livro?", "João gosta desse livro ou não gosta desse livro?", ..., NÃO são questões A-não-A.

b. ta xi bu xihuan zheben shu?
ele gos não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"
(Huang 1991, p. 306)

(7) *Taiwanês*

a. li bat m bat khi Bikok?
você ter não ter estar América
"Você já esteve na América?"

b. li ai m ai chit-e lang?
você gosta não gosta essa pessoa
"Você gosta ou não gosta dessa pessoa?"
(Huang 1991, p. 327)

(8) *Cantonês*

a. nei zung m zungji jamok?
você gos não gosta música
"Você gosta de música?"
(Law 2001, p. 302)

b. keoi lei m lei?
ele vir não vir
"ele está vindo?"
(Cheng, Huang e Tang 1997, p. 81)

(9) *Teochew coloquial de Singapura*

a. Ah Meng su m suka ji bun zi?
Ah Meng gos não gosta esse CL livro
"Ah Meng gosta desse livro?"

b. Ah Meng oi b-oi suka ji bun zi?
Ah Meng vai não-vai gostar esse CL livro
"Ah Meng vai gostar desse livro?"
(Cole e Lee 1997, p. 190/193)

Nas questões VP-não-V(P), todo o VP é repetido (VP-não-VP), e o complemento do verbo pode ser elidido no segundo VP (VP-não-V):

(10) *Mandarim*

a. ta xihuan zheben shu bu xihuan zheben shu?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta desse livro ou não gosta?"

b. ta xihuan zheben shu bu xihuan?
ele gosta esse livro não gosta
"Ele gosta desse livro ou não gosta?"
(Huang 1991, p. 306)

(11) *Taiwanês*

a. li u cia hun bou cia hun?
você ter comer tabaco não+ter comer tabaco
"Você fuma ou não fuma?"

b. i e lai b-e lai?
ele vai vir não-vai vir?
"Ele vai vir ou não vai?"
(Huang 1991, p. 327)

Tag questions, por sua vez, são perguntas polares que interagem com a estrutura informacional resultando em perguntas polares enviesadas, que carregam um viés epistêmico, por parte do falante, acerca da verdade da proposição (Romero e Han 2002; Romero 2006). *Tag questions* podem ser divididos em dois constituintes principais: *oração inicial* e *oração final*. A *oração inicial* toma a forma de uma sentença declarativa, e a *oração final* de uma sentença interrogativa reduzida. Esses dois constituintes guardam entre si uma identidade parcial e aparecem de modo geral com a polaridade invertida:[3]

(12) *Inglês*

a. John was playing chess, wasn't he?
João estava jogando xadrez estava+NEG ele
"João estava jogando xadrez, não estava?"

a′. [$_{\text{Oração Inicial}}$ John was playing chess], [$_{\text{Oração Final}}$ wasn't he]

b. John wasn't playing chess, was he?
João estava+NEG jogando xadrez estava ele
"João não estava jogando xadrez, estava?"

b′. [$_{\text{Oração Inicial}}$ John wasn't playing chess], [$_{\text{Oração Final}}$ was he]

Até o início dos anos noventa, *tag question* foi tomado geralmente como uma construção específica do Inglês (Lakoff 1972, Culicover 1991). Nos últimos anos, contudo, vem sendo documentado em várias outras línguas:

(13) *Dinamarquês*

a. Jasper læste bogen, gjorde han ikke?
Jasper ler-PAS livro-DEF AUX ele não
"Jasper leu o livro, não leu?"

b. Jasper læste ikke bogen, gjorde han?
Jasper ler-PAS não livro-DEF AUX ele
"Jasper não leu o livro, leu?"
(Sailor 2009, p. 55)

[3]Daqui em diante usarei a nomenclatura *tag questions* para me referir à construção como um todo; e *oração inicial* e *oração final*, para os constituintes que a compõem.

(14) *Persa*

a. Naysan ketaab-o khoond, na-khoond?
Naysan livro-OBJ leu NEG-leu
"Naysan leu um livro, não leu?"

b. Naysan ketaab-o na-khoond, khoond?
Naysan livro-OBJ NEG-leu leu
"Naysan não leu um livro, leu?"

(Sailor 2009 p. 59)

(15) *Gaélico Escocês*

a. leugh Calum an leabhar sin, nach do leugh?
ler Calum o livro DIST NEG-Q PAS ler
"Calum leu o livro, não leu?"

b. cha do leugh Calum an leabhar sin, an do leugh?
NEG PAS ler Calum o livro SIN Q PAS ler
"Calum não leu o livro, leu?"

(Sailor 2009, p. 63)

(16) *Samoano*

a. na faitau e Sina le tusi, na le'i faitau-a?
PAS ler ERG Sina ABS.o livro, PAS NEG ler-A
"Sina leu o livro, não leu?"

b. na le'i faitau e Sina le tusi, na faitau-a?
PAS NEG ler ERG Sina ABS.o livro, PAS ler-A
"Sina não leu o livro, leu?"

(Sailor 2009, p. 66)

(17) *Taiwanês*

a. A-Ying u thak cit-pun che, (i) kam b-o?
A-Ying PERF leu um livro ele/ela Q NEG-PERF
"A-Ying leu o livro, não leu?"

b. A-Ying b-o thak cit-pun che, (i) kam u?
A-Ying NEG-PERF leu um livro ele/ela Q PERF
"A-Ying não leu o livro, leu?"

(Sailor 2009, p. 48)

(18) *Hindi*

a. vah kita:b parhega:, parhega: na:?
ele livro ler-3SG-FUT ler-3SG-FUT NEG-Q
"Ele vai ler o livro, não vai?"

b. vah patr nahĩ: parhega:, parhega:?
ele carta NEG ler-3SG-FUT ler-3SG-FUT
"Ele não vai ler a carta, vai?"

(Koul 2008, p. 225)

(19) *Meithei*

a. məhak yu thək-y, thək-tra?
ele liquor beber-ASP beber-NEG+Q
"Ele bebe licor, não bebe?"

b. məhak yu thək-te, thək-pra?
ele liquor beber-NEG beber-Q
"Ele não bebe licor, bebe?"

(Singh 1996, p. 30)

(20) *Dime*

a. p'et'ros yín-im madd-i-n, (nú) mad-káy-áá?
Pedro 2SG.OBJ-ACC ajudar-PERF-3 3MS ajudar-NEG-Q
"Pedro te ajudou, não ajudou?"

b. ʔaté kén-im gís'-káy, (ʔaté) gís-í
1SG.SUJ 3PL.OBJ-ACC bater-NEG, (1SG.SUJ) bater-PERF
"Eu bati nele, não bati?"

(Seyoum 2008, p. 167/168)

(21) *Português*

a. Ele joga xadrez, não joga?

b. Ele não joga xadrez, joga?

As línguas ainda podem exibir, além dos *tag questions canônicos*, apresentados acima, outros dois tipos de *tag questions*, para os quais eu reservarei os nomes *tag questions reduzidos* e *pseudo tag questions*. *Tag questions reduzidos* são formados por uma sentença na forma declarativa (*oração inicial*) seguida de uma partícula de polaridade, de uma partícula disjuntiva ou de uma partícula especializada para essa função:

(22) *Hebraico Moderno*

Daniel messaheck shachmat, lo?
Daniel joga xadrez não
"Daniel Joga xadrez, não?"

(23) *Italiano*

Tu giochi a scacchi, no?
Você joga a xadrez não
"Você joga xadrez, não?"

(24) *Japonês*

Joan-wa chess-o shimassu, ne?
João-TOP xadrez-ACC joga PRT
"João joga xadrez, né?"

(25) *Alemão*

a. João spielt Schach, oder?
João joga xadrez ou
"João joga xadrez, né?"

b. João spielt Schach, gell?
João joga xadrez PRT
"João joga xadrez, né?"

(26) *Kĩsêdjê*

Hwĩtxi-n pâj, jantã?
Hwĩtxi-FOC chegou ou
"Foi o Hwĩtxi que chegou, não foi?"

(27) *Francês*

Il est nerveux ce matin, non?
Ele está ansioso esta manhã não
"Ele está ansioso esta manhã, não?"
(Morin 1973, p. 97)

(28) *Trique de Copala*

tiko^{2} hunx^{1} yanx^{3} zhah^{2}
POT.brincar eu papel PRT
"Eu posso brinca com o papel, não posso?"
(Hollenbach 1992, p. 226)

(29) *Basco (Zamudio)*

Peskeu-en bat-∅ ya-n d -o -su ela?
peixe-GEN um-ABS comer-PERF L -PRES.3.SG -CLT.E.2.SG ou
"Você comeu algum tipo de peixe, não comeu?"
(Gaminde 2000, p. 53 apud Arregi e Nevins 2012, p. 119)

(30) *Espanhol*

Juan ha jugado al ajedrez, no?
Juan AUX jogado a+o xadrez não?
Juan jogou xadrez, não?

(31) *Português*

João jogou xadrez, não?

Pseudo tag questions são formados por uma sentença declarativa seguida por: (i) uma palavra afirmativa ("certo", "Ok", "verdade" , ...), que pode vir acompanha por uma partícula negativa e um morfema interrogativo; ou (ii) uma cópula, que, por sua vez, também pode aparecer acompanhada por uma partícula negativa e um morfema interrogativo. Não raro, essas duas possibildades podem aparecer misturadas (*..., não*

é verdade?):

(32) *Alemão*

João spielt Schach, nicht wahr?
João joga xadrez, não verdade
"João joga xadrez, não é verdade?"'

(33) *Hebraico Moderno*

Daniel messaheck shachmat, nachon?
Daniel joga xadrez certo
"Daniel joga xadrez, certo?"

(34) *Turco*

Ahmet dün sinema-ya gi-ti, değil mi?
Ahmet ontem cinema-DAT ir-PAS NEG.COP Q
"Ahmet foi ao cinema ontem, não é?"
(*König e Siemund 2007, p. 297*)

(35) *Italiano*

Tu giochi a scacchi, {vero/ giusto}?
Você joga a xadrez verdade certo
"Você joga xadrez, {verdade/ certo}?"

(36) *Mandarim*

ta hui lai, bu shi ma?
Ele vai vir não COP Q
"Ele está vindo, não está?"
(Cheng, Huang e Tang 1997, p. 95)

(37) *Inglês*

John was playing chess, {right/ Ok/ ...}?
João estava jogando xadrez {certo/ Ok/ ...}
"João estava xadrez, {certo/ Ok/ ...}?"

(38) *Russo*

Ty ego slyšal, pravda?
você ele ouvir verdade
"Você ouviu ele, não é verdade?"
(*König e Siemund 2007, p. 297*)

(39) *Espanhol*

¿Juan no ha jugado al ajedrez, verdad?
Juan não AUX jogado a+o xadrez verdade
"Juan não jogou xadrez, verdade?"

(40) *Francês*

Jean a joué aux échecs, n'est-ce pas
Jean tem jogado a xadrez NEG'é-EXP não
"Jean jogou xadrez, né?"

(41) *Phan Rang Cham*

aay naaw thaaŋ o ʔjɔwʔ laay
velho.irmão ir casa NEG correto Q
"Você não está indo pra casa, correto?"
(Blood 1978, p. 4 apud Thurgood 2005, p. 498)

(42) *Polonês*[4]

a. Jan to zrobił, prawda
Jan isso.ACC fez.PERF.MASC verdade?
"João fez isso, não é?"
(Olesky 1977, p. 106)

(43) *Português*

João jogou xadrez, {não é ({isso /verdade/ mesmo})/ certo/ ...}?

Diferentemente dos *tag questions canônicos*, até onde pude pesquisar, *tag questions reduzidos* e *pseudo tag questions* ainda não receberam nenhum estudo sistemático em nenhum quadro teórico.

Tanto *tag questions* quanto *questões A-não-A* interagem de modo intrincado com outros fenômenos da língua tais como elipse de VP e TP, alçamento do verbo, condições de licenciamento do sujeito nulo e aspecto. Um dos desafios a ser aqui enfrentado é separar o que superficialmente decorre da própria formação dessas construções e o que deve ser reduzido a processos linguísticos independentes.

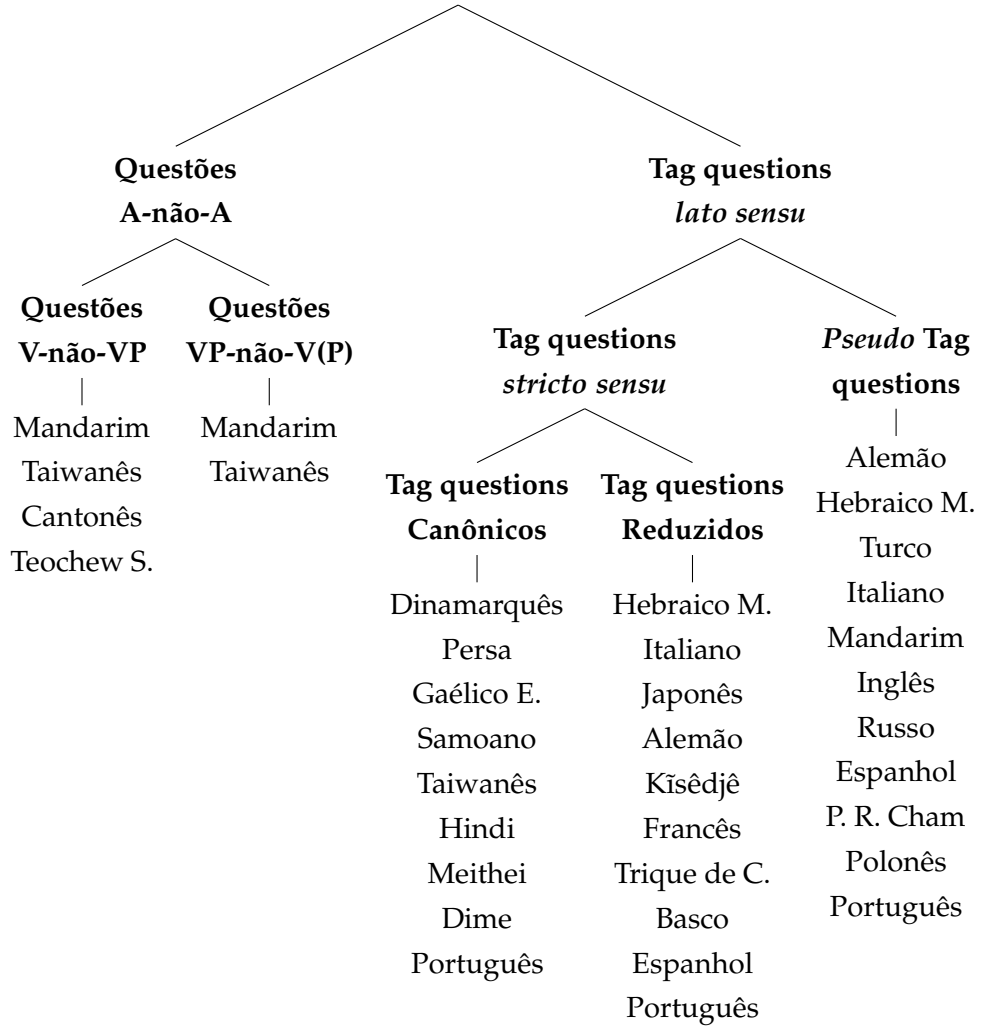
Agruparei aqui os *tag questions canônicos e reduzidos* em uma classe que denominarei de *tag questions stricto sensu* em oposição aos *pseudo tag questions*. Essa divisão, aparentemente arbitrária neste momento, ficará evidente à medida que a análise se desenvolver.

Os dados que vimos até agora podem ser, então, agrupados no seguinte diagrama:[5]

[4]Glosas e tradução feitas por Eduardo Nadalin.

[5]Essa lista não se pretende exaustiva. Pesquisas futuras, ou mesmo pesquisas já feitas às quais não tive acesso, enriquecerão essa lista.

(44)



1.2 Objetivos, Hipóteses Iniciais e organização do trabalho

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise, ou ao menos direções de análise, para *tag questions* e *questões A-não-A* que revele os aspectos comuns entre esses dois tipos de pergunta e suas subdivisões.

Alguns trabalhos já sugeriram timidamente algumas correlações entre essas estruturas para línguas específicas, mas até o momento nenhuma investigação sistemática foi feita. Tomarei essas sugestões como hipóteses preliminares e justificativas para agrupar esses fenômenos num único estudo.

> HIPÓTESE DE DEN DIKKEN: *tag questions canônicos* do Inglês e questões A-não-A do Mandarim são desencadeados pelo mesmo formativo. (den Dikken 1995)

> HIPÓTESE DE MORIN: *tag questions canônicos* do Inglês e *tag questions reduzidos* do Francês diferenciam-se pelo constituinte que sofre elipse na oração final. (Morin 1973)

O presente trabalho organiza-se da seguinte maneira. No capítulo 2, apresento uma revisão bibliográfica de trabalhos específicos a respeito dos fenômenos estudados, incluindo os trabalhos que levantaram as minhas hipóteses preliminares. Essa tarefa não se pretende exaustiva dada a limitação de tempo e espaço e a quantidade de bibliografia. Selecionei apenas os trabalhos que julguei mais relevantes para o tipo de pesquisa que desenvolvi, seja por aspectos descritivos seja por aspectos analíticos. Aproveitei, para minha análise, uma série de *insights* analíticos presentes nesses trabalhos. No decorrer do capítulo, farei críticas, revisões, extensões das análises propostas. Minha análise, portanto, está ancorada nesses trabalhos precedentes e inicia-se no próximo capítulo à medida que os trabalhos forem sendo apresentados e discutidos. O capítulo 3 inicia-se com algumas considerações teóricas e empíricas que serão relevantes. Em seguida, desenvolvo a análise, iniciada no capítulo anterior.

Capítulo 2

Questões A-não-A **e** *Tag questions* **revisitadas**

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Melo Neto, João Cabral de. **Tecendo a manhã**. In. Educação pela pedra

No capítulo introdutório, apresentei, de modo superficial, dados de questões A-não-A e *tag questions* documentados em várias línguas. Neste capítulo, avançaremos em aspectos descritivos e analíticos. Discutirei alguns trabalhos que apresentam generalizações empíricas e propostas de análise que nos ajudarão a compreender melhor essas estruturas. Ao final de cada seção, referente a cada um dos fenômenos, será feita uma discussão geral dos trabalhos apresentados e, quando necessário, dados novos serão acrescentados.

2.1 Questões A-não-A

2.1.1 Huang (1991)/ Huang, Li e Li (2009)

Para maior organização, esta subseção está dividida em três subtópicos: (i) V-não-VP *versus* VP-não-V(P); (ii) questões A-não-A *versus* Questões Alternativas; e (iii) Questões A-não-A em Taiwanês.

V-NÃO-VP *versus* VP-NÃO-V(P)

Segundo Huang, Li e Li (2009), atualizando conclusões e análise de Huang (1991), questões VP-não-V(P) e questões V-não-VP do Mandarim, apesar de compartilharem certos traços, seriam formadas por dois mecanismos distintos:[1]

[1]Em Huang (1991), sentenças como (i), VP-neg, também foram colocadas no paradigma das questões A-não-A.

(i) ta xihuan zheben shu bu?
ele gosta esse livro não
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

Excluo esse tipo de sentença do pardigma baseado em conclusões de Cheng, Huang e Tang (1997a/1997b) e Huang, Li e Li (2009). Esses trabalhos mostram que, se VP-neg fosse um forma reduzida de questões A-não-A, os pares a seguir ficariam sem explicação:

(ii) COOCORRÊNCIA COM CERTOS ADJUNTOS PRÉ-VERBAIS:

a. ta chang qu bu?
ele normalmente vai não
"Ele normalmente vai?"

b. *ta chang qu bu qu?
ele normalmente vai não vai
"Ele normalmente vai?"
(Cheng, Huang e Tang 1997, p. 79)

(iii) COOCORRÊNCIA COM PARTÍCULA [NE]:

a. ta lai-bu-lai (ne)?
ele vir-não-vir Q
"Ele vem?"

(1) *Mandarim: VP-não-V(P)*

a. ta xihuan zheben shu bu xihuan zheben shu?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta desse livro ou não gosta?"

b. ta xihuan zheben shu bu xihuan?
ele gosta esse livro não gosta
"Ele gosta desse livro ou não gosta?"
(Huang 1991, p. 306)

(2) *Mandarim: V-não-VP*

a. ta xihuan bu xihuan zheben shu?
ele gosta não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

b. ta xi bu xihuan zheben shu?
ele gos não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"
(Huang 1991, p. 306)

A formação de questões VP-não-V(P) envolveria uma coordenação de VPs, gerada na base. O núcleo dessa coordenação portaria um traço [Q], responsável pela formação de pergunta, um traço de disjunção nulo (*null haishi* "*ou* nulo") e um traço [A-não-A], que garantiria a direcionalidade da negação ([VP neg-VP]/ *[neg-VP VP]).

(3) VP-NÃO-V(P)

ta [[$_{VP}$ xihuan zheben shu] **&$_{[A\text{-}não\text{-}A]}$** bu-[$_{VP}$ xihuan zheben shu]]?
ele gosta esse livro & não gosta esse livro
"Ele gosta desse livro ou não gosta?"

---

b. ta qu bu (*ne)?
ele ir-não-ir Q
"Ele vai?"
(Cheng, Huang e Tang 1997, p. 80)

(iv) OCORRÊNCIA EM SUBORDINADAS COMPLETIVAS:

a. *wo bu xiaode [ta mai shu bu].
Eu não sei ele gostar livro não
"Eu não sei se ele gosta desse livro ou não?"
(Huang, Li e Li 2009; p. 258)

b. wo bu zhidao [ta xi-bu-xihuan ni].
Eu não saber ele gos-não-gostar você.
"Eu não sei se ele gosta de você ou não gosta."
(Huang, Li e Li 2009, p. 255)

Os autores então apresentam uma análise alternativa em que a negação em questões VP-neg do Mandarim seria gerada em Neg^0 e se moveria abertamente para C^0 marcando a sentença como interrogativa.

A partir dessa estrutura ainda haveria a possibilidade de elisão do objeto no segundo VP:

(4) a. ta [$_{VP}$ xihuan [zheben shu]] bu [$_{VP}$ xihuan [zheben shu]]?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

b. ta [$_{VP}$ xihuan [zheben shu]] bu [$_{VP}$ xihuan ~~[zheben shu]~~]?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

A formação de questões V-não-VP, por sua vez, daria-se por uma espécie de núcleo funcional híbrido Q/Neg, no domínio de IP, com um traço [A-não-A], que atuaria como um morfema reduplicativo que copiaria a primeira sílaba do verbo (*Repetição Parcial*) ou o verbo inteiro (*Repetição Total*) e inseriria um elemento negativo entre as duas cópias:[2]

(5) V-NÃO-VP - Repetição Parcial

a. ta **bu$_{[A\text{-}não\text{-}A]}$** xihuan zheben shu ⇒
ele **não** gosta esse livro

b. ta **xi bu** xihuan zheben shu?
ele **gos não** gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

(6) V-NÃO-VP - Repetição Total

a. ta **bu$_{[A\text{-}não\text{-}A]}$** xihuan zheben shu ⇒
ele **não** gosta esse livro

b. ta **xihuan bu** xihuan zheben shu?
ele **gosta não** gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

Segundo os autores, esse morfema reduplicativo seria a contrapartre de partículas interrogativas pré-verbais encontradas no próprio Mandarim e em línguas relacionadas:

(7) *Mandarim:*

ni **ke** ting-guo zhe-zhong shi?
você **Q** ouvir-GUO esse-CL coisa
"Você já ouviu falar desse tipo de coisa?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 257)

[2]Nenhum dos trabalhos apresenta formalização da regra de Reduplicação. Para dados e análises formalizadas de processos de reduplicação nas línguas do mundo, ver Raimy (2000), Halle (2008) e trabalhos citados nessas obras. No capítulo seguinte, apresento um esboço do que seria a regra de reduplicação em questões A-não-A.

(8) *Taiwanês:*

li **kam** bat jit-e hakseng?
você **Q** saber esse-CL estudante
"Você conhece aquele estudante?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 257)

(9) *Shanghai:*

nong **a** le va?
você **Q** vir PRT
"Você vai vir?"
(Huang 1991, p. 324)

A diferença analítica entre questões V-não-VP, geradas por reduplicação, e VP-não-V(P), geradas por meio de estruturas coordenadas, acomodaria pares do seguinte tipo:

(10) (IM)POSSIBILIDADE DE "TRUNCAMENTO" DO VERBO

a. ta **xi**-bu xihuan zhe-ben shu?
ele gos-não gosta este-CL livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

b. *ta xihuan zhe-ben shu bu xi-?
ele gosta este-CL livro não **xi**-
"Ele gosta desse livro ou não gosta?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 248)

(a) seria um caso sentença V-não-VP, gerada por repetição parcial. (b), por outro lado, seria gerada por meio de coordenação, e, portanto, a possibilidade de repetição parcial não estaria disponível, barrando o aparente "truncamento" do verbo.

QUESTÕES A-NÃO-A *versus* QUESTÕES ALTERNATIVAS

Tanto as questões VP-não-V(P) quanto as V-não-VP seriam marcadas/tipadas como interrogativas por meio do movimento encoberto do núcleo/constituinte portador do traço [A-não-A] para o domínio CP.

(11) VP-NÃO-V(P)

a. ta xihuan zheben shu bu xihuan (zheben shu)?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta desse livro ou não gosta?"

b. LF: $[_{CP}\, [_{TP}$ ta $[_{VP}$ xihuan zheben shu$]$ **&$_{[A\text{-não-}A]}$** bu-$[_{VP}$ xihuan zheben shu $]]]$

(12) V-NÃO-VP

a. ta xi(huan) bu xihuan zheben shu?
ele gosta não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"

b. LF: [$_{CP}$ [$_{TP}$ ta **bu$_{[A\text{-}não\text{-}A]}$** [$_{VP}$ xihuan zheben shu]]]

A presença do traço [A-não-A] e seu movimento para a camada CP, segundo os autores, explicariam diferenças entre *questões A-não-A* e questões alternativas simples como a impossibilidade de ocorrência em contexto de ilhas, com escopo na sentença matriz[3], e a direcionalidade rígida da negação ([VP neg-VP]/ *[neg-VP VP]):

(13) QUESTÕES A-NÃO-A - Sensibilidade a ilhas

a. *ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ mai shu bu mai shu] de ren?
você mais gostar comprar livro não comprar livro DE pessoa
"Você prefere pessoas que gostam de livros ou não gostam de livros?"

b. *ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ lai bu lai] de nei-ge ren?
você mais gostar vir não vir DE aquele-CL pessoa
("Você prefere a pessoa que vai vir ou a pessoa que não vai vir?")

c. *[$_{Suj}$ ta lai bu lai] bijiao hao?
ele vir não vir mais bom
"É melhor que ele venha ou não venha?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 247/246)

(14) QUESTÕES ALTERNATIVAS SIMPLES - Insensibilidade a ilhas

a. ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ lai haishi bu lai de nei-ge] ren
você mais gostar vir ou não vir DE aquele-CL pessoa
"Você prefere a pessoa que vai vir ou a pessoa que não vai vir?"

b. [$_{Suj}$ ta lai haishi bu lai] bijiao hao?
ele vir ou não vir mais bom
"É melhor que ele venha ou não venha?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 247)

Repare que não há nenhum impedimento geral quanto ao encaixamento de questões A-não-A fora de contexto de ilhas com escopo sobre a sentença matriz, nem impedimento à sua ocorrência em contexto de ilhas sem escopo sobre a sentença matriz:

(15) QUESTÃO A-NÃO-A ENCAIXADA COM ESCOPO MATRIZ

ni juede [ta hui bu hui lai]?
você sentir ele vai não vai vir
"Você acha que ele não vir ou não vai?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 246)

[3] O escopo, nesse caso, seria o domínio de atuação do traço Q na marcação de interrogatividade dado pelo movimento do núcleo ou constituinte portando os traços [A-não-A] e [Q].

(16) QUESTÕES A-NÃO-A EM CONTEXTO DE ILHAS SEM ESCOPO MATRIZ

a. [$_{Suj}$ ta lai bu lai] yidiar dou mei guanxi.
ele vir não vir YIDIAR tudo não importa
"Se ele vem ou não vem não importa mais."

b. wo xiang taolun [$_{SRel}$ ta lai bu lai] de wenti.
eu quero discutir ele vir não vir DE questão
"Eu gostaria de discutir a questão de se ele vai vir ou não vai vir."
(Huang, Li e Li 2009, p. 247)

A sensibilidade a ilhas seria um efeito de localidade sobre o movimento, em LF, do núcleo ou constituinte portando o traço [A-não-A] para o domínio CP matriz.

Quanto à direcionalidade da negação, nas questões A-não-A, somente o segundo VP pode ser negado, enquanto, nas questões alternativas simples, o primeiro ou o segundo constituinte da conjunção podem aparecer negados:

(17) A-NÃO-A - Direcionalidade da negação

a. ta daodi lai **bu** lai?
ele verdadeiramente vir não vir
"Ele vai vir ou não vai?"

a′. *ta daodi **bu** lai lai?
ele verdadeiramente não vir vir
"Ele não vai vir ou vai?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 248)

b. ni xihuan ta **bu** xihuan ta?
você gostar ele não gostar ele
"Você gosta dele ou não gosta dele?"

b′. *ni **bu** xihuan ta xihuan ta?
você não gostar ele gostar ele
"Você não gosta dele ou gosta dele?"
(Hagstrom 2006, p. 207)

(18) QUESTÕES ALTERNATIVAS SIMPLES - Liberdade da negação

a. ta daodi lai haishi **bu** lai?
ele verdadeiramente vir ou não vir
"Ele vai vir ou não vai?"

a′. ta daodi **bu** lai haishi lai?
ele verdadeiramente não vir ou vir
"Ele não vai vir ou vai?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 248)

b. ni xihuan ta haishi **bu** xihuan ta.
você gostar ele ou não gostar ele
"Você gosta dele ou não gosta dele?"

b′. ni **bu** xihuan ta haishi xihuan ta?
você não gostar ele ou gostar ele
"Você não gosta dele ou gosta dele?"
(Hagstrom 2006, p. 207)

QUESTÕES A-NÃO-A EM TAIWANÊS

Como parte da argumentação, Huang (1991) ainda apresenta dados de questões A-não-A em Taiwanês, que, como o Mandarim, possui ambos V-não-VP e VP-não-V(P).

(19) *Taiwanês* - V-NÃO-VP

a. li bat-m-bat khi Bikok?
você ter-não-ter ir América
"Você já esteve na América?"

b. li mai-m-mai chit-e lang?
você gostar-não-gostar esse pessoa
"Você gosta dessa pessoa?"
(Huang 1991, p. 327)

(20) *Taiwanês* - VP-NÃO-V(P)

a. li bat khi Bikok m-bat?
você ter ir América não-ter
"Você já esteve na América?"

b. li ai chit-e lang m-ai?
você gostar esse pessoa não-gostar?
"Você gosta dessa pessoa?"
(Huang 1991, p. 327)

Em Taiwanês, contudo, a existência de V-não-VP é mais restrita que em Mandarim e está disponível apenas para alguns verbos:

(21) RESTRIÇÃO SOBRE V-NÃO-VP EM TAIWANÊS

a. li u cia hun bou cia hun?
você ter comer tabaco não-ter comer tabaco
"Você fuma ou não fuma?"

a′. *li u bou cia hun?
você ter não-ter comer tabaco
"Você fuma?"

b. i e lai be lai?
ele vai vir não-vai vir
"Ele vai vir ou não?"

b′. *i e be lai?
ele vai não-vai vir
“Ele vai vir?”
(Huang 1991, p. 327)

2.1.2 Law (2001)

Segundo Law (2001), o Cantonês possui somente questões A-não-A do tipo V-não-VP, mais especificamente, somente aquelas em que só a primeira sílaba é repetida.

(22) *Cantonês* - V-NÃO-VP - Repetição Parcial

nei zung-m-zungji jamok?
você gos-não-gosta música
“Você gosta de música?”
(Law 2001, p. 302)

(23) *Cantonês* - *V-NÃO-VP - Repetição Total

??/* nei zungji-m-zungji jamok?
você gosta-não-gosta música
“Você gosta de música?”
(Law 2001, p. 302)

(24) *Cantonês* - *VP-NÃO-V(P)

??/* nei zungji jamok m zungji jamok?
você gosta música não gosta música
“Você gosta de música?”
(Law 2001, p. 302)

O morfema de negação sentencial [m] seria gerado em [Spec, NegP], sua posição canônica, segundo o autor, em casos de negação sentencial. Um operador de pergunta seria gerado em Neg^0, na camada IP, e se moveria em LF para o domínio CP para checar seu traço [Q]. Esse movimento seria responsável por efeitos de ilhas também atestados, segundo Law, em questões V-não-VP em Cantonês, embora ele não apresente nenhum dado. Um processo de reduplicação copiaria a primeira sílaba do verbo à esquerda da partícula negativa, semelhantemente à análise da seção anterior:

(25) *Cantonês* - V-NÃO-VP - Repetição Parcial

nei **m** zungji jamok ⇒
Você não gosta música

nei **zung m** zungji jamok?
você gos não gosta música
“Você gosta de música?”

Law tenta derivar uma série de restrições de ocorrência de questões A-não-A em Cantonês por meio de restrições de localidade sobre movimento, independentemente motivadas, que atuariam sobre o alçamento do operador. Basicamente, dada a natureza quantificacional do operador de pergunta, outros elementos quantificacionais, em configuração apropriada, atuariam como interventores para o movimento. Esse raciocínio pretende acomodar pares como:

(26) SUJEITO/OBJETO QUANTIFICADO

a. *__mui__ go hoksaang dou zung-m-zungji tai dinsi aa3?
__todo__ CL estudante tudo gos-não-gostar assistir TV PRT
"Todo estudante gosta de assistir TV?"

b. sinsaang gamnin wui-m-wui sung laimat bei __mui__ go hoksaang aa3?
professor este-ano vai-não-vai dar presente para __todo__ CL estudante PRT
"O professor vai dar presentes para todos os estudantes?"
(Law 2001, p. 304)

(27) ADVÉRBIOS DE QUANTIFICAÇÃO

a. *ngo __zinghai__ ho-m-hoji gaau jat pin man?
eu somente posso-não-posso submeter um CL artigo
"Eu só posso submeter um artigo?"

b. ngo ho-m-hoji __zinghai__ gaau jat pin man?
eu posso-não-posso somente submeter um CL artigo
"Eu posso submeter só um artigo?"
(Law 2001, p. 305/306)

2.1.3 Cole e Lee (1997)

Questões A-não-A em Teochew Coloquial de Singapura foram documentadas e analisadas em Cole e Lee (1997).

(28) *Teochew coloquial de Singapura*

a. Ah Meng su m suka ji bun zi?
Ah Meng gos não gosta esse CL livro
"Ah Meng gosta desse livro?"
(Cole e Lee 1997, p. 190)

Do ponto de vista linear, questões A-não-A em Teochew Coloquial de Singapura obedecem o padrão V-não-VP (Cole e Lee 1997, p. 206 nota 2). Do mesmo modo que em Cantonês, é a primeira sílaba do verbo que aparece repetida.

Quando o verbo que entra na construção A-não-A é um auxiliar que possui valor modal[4], contudo, os elementos podem ser distribuídos de modo semelhante ao padrão

[4]e.g oi/b-oi "poder/não poder", ai/m-ai "querer/não querer", u/b-o "ter/não ter", si/m-si,m-i "ser/ não ser" e tio /miang "ter que/ não ter que" *cf.* Cole e Lee (1997, p. 206 nota 4)

VP-não-V(P), que os autores denominam *Questões com Auxiliar Negado Posposto*:

(29) A-NÃO-A COM VERBOS COM VALOR MODAL

Ah Meng oi b-oi suka ji bun zi?
Ah Meng vai não-vai gostar esse CL livro
"Ah Meng vai gostar desse livro?"
(Cole e Lee 1997, p. 193)

(30) QUESTÕES COM AUXILIAR NEGADO POSPOSTO:

Ah Meng (oi) suka ji bun zi b-oi?
Ah Meng (vai) gostar esse CL livro não-vai
"Ah Meng vai gostar desse livro?"
(Cole e Lee 1997, p. 190)

Os autores propõem, então, que questões A-não-A em Teochew Coloquial de Singapura sejam derivadas de uma estrutura coordenada (disjuntiva). Quando o verbo for um auxiliar com valor modal, o verbo negado, do segundo conjunto, pode ser opcionalmente posposto por meio de movimento:

(31) QUESTÕES A-NÃO-A:

a. Ah Meng [$_{VP}$ su e_1] & [$_{VP}$ m suka [ji bun zi]$_1$]?
Ah Meng gos & não gosta esse CL livro
"Ah Meng gosta desse livro?"

b. Ah Meng [$_{VP}$ oi e_1] & [$_{VP}$ b-oi [$_{VP}$ suka ji bun zi]$_1$]?
Ah Meng vai & não-vai gostar esse CL livro
"Ah Meng vai gostar desse livro?"

(32) QUESTÕES COM AUXILIAR NEGADO POSPOSTO:

a. Ah Meng [$_{VP}$ oi e_1] & [$_{VP}$ b-oi [$_{VP}$ suka ji bun zi]$_1$]? ⇒
Ah Meng vai & não-vai gostar esse CL livro

b. Ah Meng [$_{VP}$ oi e_1] & [$_{VP}$ t [$_{VP}$ suka ji bun zi]]$_1$ b-oi ⇒

c. Ah Meng [$_{VP}$ oi e_1] & [$_{VP}$ t_2 [$_{VP}$ suka ji bun zi]$_1$] b-oi$_2$?
Ah Meng vai & gostar esse CL livro não-vai
"Ah Meng vai gostar desse livro?"

Cole e Lee ainda notam que, ao contrário das questões A-não-A do Mandarim e do Taiwanês (e provavelmente do Cantonês), as questões A-não-A do Teochew Coloquial de Singapura não apresentam efeitos de ilha:

(33) QUESTÕES A-NÃO-A EM CONTEXTO DE ILHA

a. [$_{Suj}$ Wa kih m kih Pakiah] you hor?
eu ir não ir Beijing melhor?
"É melhor para mim ir para Beijing ou não?"

b. ?Le suka [$_{SRel}$ tiao m tiaobu] gai nang?
você gostar dançar não dançar pessoa
"Você prefere pessoas que dançam ou não dançam?"
(Cole e Lee 1997, p. 199)

Cole e Lee descartam a possibilidade da presença, em Teochew Coloquial de Singapura, de um formativo de pergunta A-não-A no domínio IP, como na análise de Huang (1991), Huang, Li e Li (2009) e Law (2001), que se relaciona como o domínio CP por meio de *unselective binding* para derivar essa diferença entre essas línguas. Os autores comentam que, segundo Tsai (1994), *unselective binding* seria restrita a elementos nominais e que, para eles, seria difícil justificar essa *nominalidade* para o formativo A-não-A.

2.1.4 Discussão

O quadro geral quanto a fonte de questões A-não-A nos trabalhos aqui discutidos segue o seguinte quadro:

(34) FORMAÇÃO DE QUESTÕES A-NÃO-A

	VP-NÃO-V(P)	V-NÃO-VP	
		V TOTAL	V PARCIAL
Huang (1991) (*Mandarim/ Taiwanês*)	Coordenação	Reduplicação	Reduplicação
Law (2001) (*Cantonês*)	∅	∅	Reduplicação
Cole & Lee (1997) (*Teochew*)	∅	Coordenação (Aux. Modais)	Coordenação

A análise de Huang (1991) e Huang, Li e Li (2009) para as questões V-não-VP do Mandarin e a análise de Law (2001) para as questões V-não-VP do Cantonês compartilham uma série de características.

Em primeiro lugar, ambas postulam a existência de uma unidade sintática portadora de um traço [Q] no domínio IP que se moveria, em LF, para o domínio CP.

Algumas diferenças, contudo, impedem uma unificação adequada. O padrão V-não-VP para Huang, Li e Li (2009) engloba tanto casos em que somente a primeira sílaba do verbo é repetida (*xi bu xihuan zhe-ben shu*), quanto casos em que o verbo todo é repetido (*xihuan bu xihuan zhe-ben shu*). Já em Cantonês, a possibilidade de repetição total de verbos com mais de uma sílaba nem mesmo é possível (*??/* zungji-m-zungji jamok*). Huang, Li e Li (2009, p. 254, nota 16), comentam casos de ambiguidade em sua

análise. Casos de V-não-VP em que todo o verbo é repetido poderiam, sem consequências empíricas, ser gerados do mesmo modo que questões VP-não-V(P), isto é, por meio de coordenação de VPs. Neste caso, a elipse se aplicaria no interior do primeiro VP da coordenação, [[$_{\text{VP}}$ V ~~OB~~] & neg-[$_{\text{VP}}$ V OB]]. Se assim for, podemos reduzir o processo de reduplicação em Mandarim somente para os casos em que a primeira sílaba é repetida. Esse processo, por sua vez, seria exatamente o mesmo processo que existiria em Cantonês, que se diferenciaria do Mandarim e do Taiwanês pela impossibilidade de formação de questões A-não-A por meio de coordenação de VPs.

Com relação a análise de Huang, Li e Li (2009) para questões A-não-A derivadas de estruturas coordenadas (VP-não-V(P)), alguns comentários também precisam ser feitos. Em primeiro lugar, gostaria de questionar o estatuto teórico do traço [A-não-A]. Esse traço possui basicamente duas funções na análise. A primeira é o movimento para o domínio CP que garantiria a interpretação de questão (Huang, Li e Li 2009, p.255) e seria responsável pelos efeitos de ilha (Huang, Li e Li (2009), p. 256), função essa que poderia ser plenamente desempenhada pelo movimento do traço [Q] no domínio, traço existente na análise e independentemente motivado na teoria da gramática. A segunda função é garantir a direcionalidade da negação ([VP neg-VP]/ *[neg-VP VP]). A questão aqui é saber como esse traço desempenharia essa função de uma maneira natural. Nem checagem de traços, nem concordância (*Agree*), processos que manipulam traços, seriam de utilidade aqui. A garantia de direcionalidade teria, aparentemente, que ser dada como condição de licenciamento desse traço por definição. Se a análise dos autores está no caminho certo, deve ser possível derivar a direcionalidade da negação de outras bases e abandonar o traço [A-não-A].

Vejamos agora o caso do Teochew Coloquial de Singapura. Segundo Cole e Lee (1997), essa língua apresenta somente o padrão V-não-VP (Cole e Lee 1997, p.190/206 nota 2) com reduplicação da primeira sílaba. Ao contrário do que se poderia esperar pelas análises vistas do Mandarim, do Cantonês e do Taiwanês, os autores não apresentam uma análise por meio de reduplicação para essas sentenças, e sim por meio de estruturas coordenadas. Não há, no texto, nenhuma evidência independente para essa análise. Além disso, os autores têm que lidar com os seguinte problemas: (i) obrigatoriedade de elipse no primeiro termo da coordenação; (ii) obrigatoriedade de truncamento do verbo do primeiro termo da coordenção em questões A-não-A (*suka* $\rightarrow$ *su*); e (iii) movimento de posposição opcional não motivado de verbos auxiliares negados com valor modal. Alternativamente, poderíamos propor uma análise por meio de reduplicação para as questões V-não-VP, do mesmo modo proposto para o Mandarim, o Cantonês e o Taiwanês. O Teochew permitiria A-não-A por meio de coordenação somente para um subconjunto dos verbos, no caso, verbos auxiliares com valor modal. Nesse caso, o complemento do verbo sofreria elipse resultando no padrão que eles denominaram *auxiliar negado posposto*.

(35) *Teochew coloquial de Singapura*

a. Ah Meng su m suka ji bun zi?
Ah Meng gos não gosta esse CL livro
"Ah Meng gosta desse livro?"
(Cole e Lee 1997, p. 190)

b. Ah Meng m **suka** ji bun zi ⇒ Ah Meng **su m suka** ji bun zi

(36) QUESTÕES COM AUXILIAR NEGADO POSPOSTO:

a. Ah Meng (oi) suka ji bun zi b-oi?
Ah Meng (vai) gostar esse CL livro não-vai
"Ah Meng vai gostar desse livro?"
(Cole e Lee 1997, p. 190)

b. Ah Meng [oi [suka ji bun zi]] & [b-oi ~~[suka ji bun zi]~~]?

Assumirei que a relação entre o formativo A-não-A e o domínio CP se dá por meio de *unselective binding* apesar das restrições de Cole e Lee a essa proposta.[5]

Essa análise tem a mesma cobertura empírica da análise proposta pelos autores. Ela não enfrenta os problemas apontados no parágrafo anterior e, dado o panorama comparativo, é bem mais natural.

Resumindo: comparando as possibilidade de formação de questões A-não-A em Mandarim, Cantonês, Taiwanês e Teochew Coloquial de Singapura, sugiro que somente questões A-não-A com repetição da primeira sílaba do verbo sejam geradas por processo de reduplicação, e que todos os outros tipos, V-não-VP dissílabos e VP-não-V(P), sejam derivados de estruturas coordenadas que sofrem opcionalmente elipse do complemento do verbo. Reservarei o nome de *questões A-não-A reduplicativas* para o primeiro caso e *questões A-não-A coordenativas* para o segundo. Essa proposta nos leva a um quadro comparativo mais simples que as propostas originais, sem perda na cobertura empírica:

(37) FORMAÇÃO DE QUESTÕES A-NÃO-A - *revisado*

	A-NÃO-A COORDENATIVOS	A-NÃO-A REDUPLICATIVOS
Mandarim	✔	✔
Taiwanês	✔	✔(Restrito)
Cantonês	∅	✔
Teochew	✔(Restrito)	✔

[5] Acredito que o verdadeiro desafio para uma análise por meio de *unselective binding* para questões A-não-A do Teochew Coloquial de Singapura não seja o requerimento de nominalidade de Tsai (1994), mas sim um problema de adequação explicativa. A questão é saber como essa diferença se dá aqui em termos de aquisição.

2.2 Tag Questions

2.2.1 Culicover (1991)

Esse trabalho é a primeira tentativa de acomodar a formação de *tag questions* dentro do modelo de Princípios e Parâmetros.[6]

A análise de Culicover envolve os seguintes passos[7]:

(38) a. Restrições pragmáticas que atuam no encadeamento de sentenças no discurso são reponsáveis pela distribuição da força ilocucionária e da negação entre a oração inicial e a oração final (Princípio de Consistência Pragmática);
b. A oração final, advérbio sentencial apositivo da oração inicial, é um constituinte pronominal com o seguinte formato: $[_{\text{PolP}}$ Pol $[_{\text{IP}}$ + pro]];
c. A oração final contém um VP elíptico.

Análises anteriores à Teoria de Princípios e Parâmetros, derivadas da análise de Klima (1964, p. 319), embutiam, na própria regra de formação de *tag questions*, a distribuição da negação e da força ilocucionária. De modo geral, a regra garantia que oração inicial e a oração final tivessem a polaridade invertida e que a oração final tivesse uma forma interrogativa (Inversão entre Sujeito e Auxiliar). Culicover sugere que restrições pragmáticas que atuam no encadeamento de sentenças no discurso seriam responsáveis pela distribuição da força ilocucionária e da negação entre oração inicial e oração final. Por exemplo, uma sentença interrogativa negativa carregaria, segundo ele, uma "força positiva fraca", o que permitiria a sua anexação a uma oração inicial declarativa positiva:

[6] A primeira análise de *tag questions* em Gramática Gerativo-Transformacional encontra-se em Klima (1964):

(i) TAG QUESTION FORMATION (Klima 1964, p. 319):
a. $\underbrace{\text{wh}}_{1} - \underbrace{\text{Nominal}}_{2} - \underbrace{\text{Aux}}_{3} - \underbrace{\text{X}}_{4} \Rightarrow 2, 3, 4, 1, \text{neg, Pro} + 2, 3$
b. $\underbrace{\text{wh}}_{1} - \underbrace{\text{neg}}_{2} - \underbrace{\text{Nominal}}_{3} - \underbrace{\text{Aux}}_{4}\ \underbrace{\text{X}}_{5} \Rightarrow 2, 3, 4, 5, 1, \text{Pro} + 3, 4$

Repare que o elemento tragado/elidido na oração final ("4" em (a) e "5" em (b)) corresponde, grosso modo, ao predicado da sentença, ou seja, algo que hoje chamaríamos elipse de VP. O reconhecimento de que o que ocorre na oração final de *tag questions canônicos* faz parte de um processo mais geral da gramática, contudo, foi sugerido pela primeira vez em Emonds (1970, p. 12). Apesar de muitos trabalhos terem comprado essa intuição, como se verá nesse capítulo, infelizmente nenhum deles dá os créditos a Emonds.

[7] A análise de Culicover, na verdade, não se limita a *tag questions*. Engloba sentenças como "John played chess, I think", conhecidas na literatura como S-lifting (Ross 1973).

(39) It is raining, isn't it?
EXP está chovendo, está+NEG EXP
"Está chovendo, não está?"
(Culicover 1991, p. 193)

Culicover não explica o que seria uma "força positiva fraca". Acredito que o que ele tinha em mente seria o fato de que uma pergunta negativa, por algum motivo, normalmente pode carregar uma expectativa de resposta positiva.[8] Isso então a tornaria pragmaticamente consistente com uma sentença positiva.

O segundo elemento da análise de Culicover é o estatuto pronominal da oração final ([$_{\text{PolP}}$ Pol [$_{\text{IP}}$ + pro]]). O autor assume que o traço pronominal em IP se espraia pelos elementos por ele dominados por meio de percolação. Isso explicaria, segundo ele, o sujeito pronominal em [Spec, IP] e o VP elíptico, pro-VP, da oração final (terceiro elemento da análise de Culicover). O licenciamento da oração final estaria atrelado a uma exigência de ligação (*binding*) entre as duas orações, resultando na interpretação apropriada dos elementos pronominais.

Culicover então associa a inexistência de *tag questions* em uma língua à inexistência de elipse de VP (Culicover 1991, p. 213). O autor não apresenta nenhum estudo sistemático para essa observação e inclusive argumenta que, aparentemente, o Inglês seria a única língua que licenciaria elipse de VP, e, portanto, a única língua que apresentaria *tag questions*.[9]

Culicover não explica, contudo, como o Princípio de Consistência Pragmática aceita casos trivias de *tag questions* com a oração inicial negativa e a oração final positiva, em que uma asserção (mais especificamente, uma negação) é seguida de uma pergunta polar − aparentemente sem "força fraca negativa ou positiva" − questionando o conteúdo proposicional da asserção:

(40) John wasn't playing the guitar, was he?
John estava+NEG tocando a guitarra estava ele
"João não estava tocando a guitarra, estava?"

[8] No caso do Inglês, esse viés de resposta positiva está atrelado não somente à presença da negação, mas também à sua posição (Romero e Han 2002; Romero 2006):

(i) a. Does**n't** he drink? (*viés obrigatório*)
AUX+NEG ele bebe
Ele não bebe?
b. Does he **not** drink? (*viés não obrigatório*)
AUX ele não bebe
"Ele não bebe?"
(*Romero 2006, p. 9*)

[9] Hoje, de modo geral, elipse de VP é tomada como um fenômeno produtivo em várias outras línguas do mundo. Para mais informações ver Goldberg (2005) e trabalhos lá mencionados. Ainda neste capítulo, veremos, com o trabalho de Sailor (2009), consequências da associação entre elipse de VP e *tag questions canônicos*.

Além disso, tanto oração inicial quanto oração final são avaliadas pelo Princípio de Consistência Pragmática como sentenças discursivamente autônomas, o que é contraditório ao requerimento de c-comando sobre ligação, que atua sobre as duas orações na análise.

2.2.2 den Dikken (1995)

A análise de den Dikken, ao contrário da de Culicover, toma a oração final como espinha dorsal dos *tag questions*. Segundo ele, a oração inicial seria formada por uma espécie de movimento remanescente do VP da oração final para [Spec, CP]. Esse movimento seria desencadeado pela necessidade de licenciar um operador de condições de verdade [A-não-A] posicionado no núcleo C:

(41) a. John played chess, didn't he?
John tocou xadrez, AUX+NEG ele
"João jogou xadrez, não jogou?"

b. $[_{CP}\ [_{VP}$John played chess$]\ [_{C'}\ $[didn't]+$C_{[A\text{-não-}A]}\ [_{TP}$ he ... $t_{VP}]]]$

O sujeito pronominal da oração final seria uma cópia reduzida do sujeito da oração inicial, uma espécie de resumptivo[10]. O operador [A-não-A], por sua vez, seria o mesmo formativo que desencadearia questões A-não-A em Mandarim. A associação entre *tag questions* e questões A-não-A é feita, contudo, de modo muito indireto no texto, já que o autor não apresenta nem mesmo um dado de questões A-não-A para ilustrar a suposta relação entre os dois fenômenos.

A análise de den Dikken possui basicamente dois tipos de problemas empíricos. O primeiro problema é considerar a *oração inicial* como um VP. Há efeitos de Princípio de Projeção Estendido, *EPP* (*Toda sentença deve ter um sujeito*/ TP $\rightarrow$ DP$\frown$T$'$) que indicam que a *oração inicial* é, ao menos, um TP.

(42) ESTRUTURAS PASSIVAS NA ORAÇÃO INICIAL

a. **[The guitar]**$_1$ was played t_1 by John, wasn't it?
a guitarra foi tocada por John foi+NEG *pron.*
"A guitarra foi tocada por John, não foi?"

b. *Was played the guitar by John, wasn't it?

(43) INSERÇÃO DE EXPLETIVOS NA ORAÇÃO INICIAL

a. **[It]** is raining, isn't it?
EXP está chovendo está+NEG EXP
"Está chovendo, não está?"

b. *Is raining, isn't it?

[10] den Dikken não desenvolve esse aspecto da análise no artigo.

(44) VERBOS INACUSATIVOS NA ORAÇÃO INICIAL

a. **[John]**$_1$ died t_1, didn't he?
John morreu AUX+NEG ele
"João morreu, não morreu?"

b. *Died John, didn't he?

O segundo problema está relacionado ao estatuto de cópia entre a *oração inicial* e a *oração final*. Sailor (2009) argumenta que essa relação é muito restritiva para capturar certos fatos apresentados em McCawley (1988), que são, em princípio, incompatíveis com análises em que oração inicial e oração final são formadas por meio de cópia[11]:

(45) TRAÇOS FLEXIONAIS DISTINTOS:

a. IBM$_1$ **doesn't** make that model anymore, { **do**/ ***does**} they$_1$?
IBM AUX.3SG+NEG fazer aquele modelo mais AUX AUX.3SG eles
"??A IBM não vai mais fazer aquele modelos, vão?"

b. Google$_1$ has built a fully-functional prototype, {
Google tem.3SG construído um plenamente-funcional protótipo,
haven't/ ***hasn't**} they$_1$?
tem+NEG tem.3SG+NEG eles
"??O google construiu um protótipo plenamente funcional, não construíram?"
(Sailor 2009, p. 25)

2.2.3 Sailor (2009)

Sailor (2009) apresenta um estudo tipológico a respeito da forma superficial das orações finais dos *tag questions*[12]. O autor argumenta que um traço essencial na formação de *tag questions* seria a elipse de VP. Paralelos quanto ao encalhamento (*stranding*) do material verbal pleno ou encalhamento do verbo auxiliar entre *tag question* e casos canônicos de elipse de VP (em estruturas coordenadas, por exemplo), segundo ele, forneceriam evidência robusta para essa correlação.

Em línguas (e expressões) em que o verbo não sai do domínio verbal para o domínio funcional (como Inglês), o verbo não sobreviveria a elipse de VP. Verbos auxiliares, por sua vez, por serem conectados em um ponto mais alto na estrutura, fora do constituinte afetado pela elipse de VP, sobreviveriam a esse processo, [(SUJ) AUX ~~[VP V (OBJ)]~~]:[13]

[11] Essa crítica aplica-se também às análises descendentes de Klima (1964).

[12] Meu objetivo aqui é apresentar os resultados gerais do trabalho de Sailor. Embora os dados apresentados aqui sejam robustos o suficiente para justificar a análise, os dados discutidos pelo autor não são tão cristalinos como essa minha apresentação pode dar a entender. Para o leitor familiar com descrições das línguas discutidas por ele, uma série de questões podem se levantar. Remeto o leitor ao texto original para uma discussão mais elaborada, levando em consideração outros fatores dessas línguas.

[13] Além das línguas apresentadas aqui, Sailor também apresenta uma discussão a respeito do Gaélico Escocês. Os dados para essa língua não são tão claros como o das outras e, por isso, a deixarei de lado da apresentação.

(46) *Taiwanês* - ELIPSE DE VP

A-Ying **u** thak cit-pun che, A-Ha ma **u**
A-Ying PERF ler um-classe livro A-ha também PERF
"A-Ying leu o livro, e A-Ha também leu?"
(Sailor 2009, p. 48)

(47) *Taiwanês* - TAG QUESTION

a. A-Ying **u** thak cit-pun che, (i) kam b-**o**
A-Ying PERF ler um-classe livro ele Q NEG-PERF
"A-Ying leu o livro, não leu?"

b. A-Ying b-**o** thak cit-pun che, (i) kam **u**?
A-Ying NEG-PERF leu um livro ele/ela Q PERF
"A-Ying não leu o livro, leu?"
(Sailor 2009, p. 48)

(48) *Dinamarquês* - ELIPSE DE VP

Mona og Jasper **havde** vask-et bilen, eller rettere Mona **havde**
Mona e Jasper ter.PAS lavar-PART carro.DEF ou antes Mona ter.PAS
"Mona e Jasper lavaram o carro, ou melhor, Mona lavou."
(Sailor 2009, p. 53)

(49) *Dinamarquês* - TAG QUESTIONS[14]

a. han **havde** slået Udelvik, **havde** han ikke?
ele ter.PAS espancado Udelvik ter.PAS ele não
"Ele tinha espancado Udelvik, não tinha?"
(Sailor 2009, p. 53)

b. Jasper læste ikke bogen, **gjorde** han?
Jasper ler-PAS não livro-DEF AUX ele
"Jasper não leu o livro, leu?"
(Sailor 2009, p. 55)

Por outro lado, em línguas em que o verbo pleno se move para o domínio funcional abertamente, o verbo sobreviveria à elipse de VP, [(SUJ) V ~~[VP *t*V (OBJ)]~~].[15]

[14] O auxiliar [gjorde], em (b), funciona como uma espécie de *do-support* do Inglês.

[15] Sailor admite que uma análise completa envolveria testes de desambiguização entre Elipse de VP e possibilidade de omissão de objeto. Apesar de uma investigação desse tipo fugir do escopo de seu estudo, o autor apresenta, para cada uma das línguas dessa categoria, ao menos um teste do seguinte tipo:

(i) *Persa* - ELIPSE DE VP / *OMISSÃO DE OBJETO

a. Naysan ketaab-ro ba deghat **khoond**, Nasim ham **khoond**
Naysan livro-OBJ com cuidado leu Nasim também leu
Naysan leu o livro com cuidado, ...

b. ... e Nasim também leu ~~[o livro com cuidado]~~ *(Elipse de VP)*
c. *... e Nasim também leu ~~[o livro]~~ *(omissão de objeto)*

(50) *Persa* - ELIPSE DE VP

Naysan ketaab-ro emrooz **khoond**, Nasim dirooz **khoond**
Naysan livro-OBJ hoje leu Nasim ontem leu
"Naysan leu o livro hoje, e Nasim leu ontem."
(Sailor 2009, p. 60)

(51) *Persa* - TAG QUESTION

a. Naysan ketaab-o **khoond**, na-**khoond**?
Naysan livro-OBJ leu NEG-leu
"Naysan leu um livro, não leu?"

b. Naysan ketaab-o na-**khoond**, **khoond**?
Naysan livro-OBJ NEG-leu leu
"Naysan não leu um livro, leu?"
(Sailor 2009, p. 59)

(52) *Samoano* - ELIPSE DE VP

a. na **faitau** e Sina le tusi ananafi a'o Ioane na **faitau**-a ananei
PAS ler ERG Sina ABS.o livro ontem mas João PAS ler-A hoje
"Sina leu o livro ontem, mas o João leu hoje"
(Sailor 2009, p. 67)

(53) *Samoano* - TAG QUESTION

a. na **faitau** e Sina le tusi, na le'i **fautau**-a?
PAS ler ERG Sina ABS.o livro PAS NEG ler-A
"Sina leu o livro, não leu?"

b. na le'i **faitau** e Sina le tusi, na **faitau**-a?
PAS NEG ler ERG Sina ABS.o livro, PAS ler-A
"Sina não leu o livro, leu?"
(Sailor 2009, p. 66)

(54) *Português* - ELIPSE DE VP

O Bruno **leu** o livro hoje e a Maria **leu** ontem
(Sailor 2009, p. 69)

(55) *Português* - TAG QUESTION

a. O Bruno **leu** o livro, não **leu**?

b. O Bruno não **leu** o livro, **leu**?
(Sailor 2009, p. 68)

Como previsões dessa análise, Sailor apresenta os seguintes *universais*:

(Sailor 2009, p. 60)

> IMPLICAÇÃO SOBRE TAG QUESTIONS: Se uma língua L possui *tag questions*, então L também possui elipse de VP independentemente.
> *(Sailor 2009, p. 40)*

> GENERALIÇÃO SOBRE TAG QUESTIONS: *Tag question* em uma língua L comporta-se como elipse de VP com respeito ao tipo de material encalhado (*stranded*).
> *(Sailor 2009, p. 40)*

2.2.4 Morin (1973)

Neste pequeno *squib*, Morin sugere que a diferença entre a formação de *tag questions* em Inglês e Francês daria-se no nível da estrutura afetada por um processo de elipse na oração final.

(56) a. He is nervous this morning, isn't he?
ele está ansioso esta manhã está+NEG ele
"Ele está ansioso esta manhã, não está?"
(Morin 1973, p. 98)

b. He is nervous this morning, isn't he ~~[nervous this morning]~~?

(57) a. Il est nerveux ce matin, non?
ele está ansioso esta manhã não
"Ele está ansioso esta manhã, não?"
(Morin 1973, p. 98)

b. Il est nerveux ce matin, non ~~[Il est nerveux ce matin]~~?

Em Inglês, por um lado, a elipse afetaria somente o VP; em Francês, por outro, o constituinte afetado seria sentencial, deixando de fora somente o marcador de polaridade.

2.2.5 Discussão

Os aspectos cruciais para análise de *tag questions* que serão levados em conta aqui dizem respeito basicamente à: (i) forma da oração final; (ii) conexão entre oração final e inicial; e (iii) distribuição da negação. Organizarei essa discussão segundo esses tópicos.

A FORMA DA ORAÇÃO FINAL

As análises de *tag question canônicos* possuem um traço em comum. Todas tomam o VP como constituinte ausente na oração final, seja por meio de elipse seja por meio de movimento. Os problemas da análise de den Dikken nos fazem suspeitar de uma análise via movimento, fronteamento de VP. A proposta de elipse de VP (Emonds 1970;

Culicover 1991; Sailor 2009), por outro lado, recebe suporte do comportamento do material verbal que sobrevive à elipse no estudo comparativo de Sailor (*Generalização sobre Tag Questions*).

Em relação aos *tag questions reduzidos* em que a oração inicial é seguida por um marcador de polaridade, o trabalho de Morin (1973), oferece caminho para um tratamento unificado a *tag questions canônicos*. Segundo ele, a diferença entre *tag questions canônicos* do Inglês e *tag questions reduzidos* do Francês daria-se no nível de estrutura afetada pela elipse. Em Inglês, o constituinte seria o VP; em Francês, seria um contituinte sentencial com a sobrevivência do marcador de polaridade. A essa proposta, refiro-me como "Hipótese de Morin" (*cf.* Introdução).

Embora o autor tenha tratado somente dos casos do Inglês e do Francês, eu gostaria de ampliar agora essa sugestão para *tag questions reduzidos* em que a oração inicial é seguida por um marcador de polaridade em línguas além do Francês (repetido abaixo), já citadas na introdução:

(58) *Francês*

Il est nerveux ce matin, non?
ele está ansioso esta manhã não
"Ele está ansioso esta manhã, não?"
(Morin 1973, p. 98)

(59) *Italiano*

Tu giochi a scacchi, no?
você joga a xadrez não
Você joga xadrez, não?

(60) *Espanhol*

Juan ha jugado al ajedrez, no?
Juan AUX jogado a+o xadrez não
Juan jogou xadrez, não?

(61) *Hebraico Moderno*

Daniel messaheck shachmat, lo?
Daniel joga xadrez não
"Daniel Joga xadrez, não?"

(62) *Português*

João jogou xadrez, não?

Vejamos primeiramente o caso do Português e do Hebraico Moderno. Ambos apresentam elipse de VP. Nessas duas línguas, contudo, o verbo move-se abertamente para o domínio funcional e, portanto, sobrevive à elipse de VP (*cf.* Goldberg (2005) para discussão a respeito do Hebraico Moderno; e Cyrino (1994) *inter alia* para discussão a

respeito do Português).

(63) *Português*

Ana comprou um carro ontem, mas a Maria não comprou ~~[$_{VP}$ t_V um carro ontem]~~

(64) *Hebraico Moderno*

A: Šalaxt etmol et ha-yeladim le-beit-ha-sefer?
enviar[PAS.2FSG] ontem ACC as-crianças para-casa-o-livro
"Você mandou [$_{VP}$ t_V as crianças para escola ontem]?"

B: Šalaxti.
enviar[PAS1SG]
"(Eu) mandei ~~[$_{VP}$ t_V as crianças para escola ontem]~~"
(Doron 1999, ex. 13, apud Goldberg 2005, p. 44)

O Hebraico Moderno, ao contrário do Português, não possui *tag questions canônicos*. O Português, por sua vez, possui tanto *tag questions canônicos* quanto *reduzidos*. A ausência de *tag questions canônicos* em uma língua L, portanto, não é condição necessária para a presença de *tag questions reduzidos*.

Vejamos agora o caso do Francês, do Italiano e do Espanhol. De modo geral, essas línguas não permitem elipse de VP:[16]

(65) *Francês* - Impossibilidade de elipse de VP

*On a demandé si ils ont dejà mangé, et ils ont.
Nós tem perguntado se eles têm já comido e eles têm
"Nós perguntamos se eles já tinham comido, e eles já tinham"
(Lobeck 1995, p. 158)

(66) *Espanhol* - Impossibilidade de elipse de VP

*Susana había leído "Guerra y Paz", pero María no había
Susana havia lido "Guerra y Paz" mas María não havia
"Susana tinha lido "Guerra y Paz", mas María não tinha"
(Lobeck 1999 apud Cyrino e Matos 2007, p. 193)

(67) *Italiano* - Impossibilidade de elipse de VP

*Tom ha visto a Lee ma Maria non ha.
Tom tem visto a Lee mas Maria não tem
"Tom viu Lee, mas Maria não viu."
(Dagnac 2010, p. 157)

Se a Hipótese de Morin (estendida) estiver correta, a ausência de elipse de VP não implica a ausência de *tag questions*, como previsto pela *Implicação sobre tag questions*

[16] Para uma discussão detalhada a respeito da ausência de elipse de VP nessas línguas, remeto o leitor aos textos dos quais os exemplos foram retirados.

de Sailor. Em outras palavras, o fato de uma língua não possuir elipse de VP não a desautoriza a possuir *tag question*, já que a possibilidade de elipse sentencial pode estar disponível.

Assumir essa linha de raciocínio, entretanto, não implica negar a *Implicação sobre tag questions*, já que Sailor lidou somente com o que estou chamando de *tag questions canônicos* e nada disse a respeito de *tag questions reduzidos*. Para ampliar a compreensão dessas estruturas e, ao mesmo tempo, endossar as conclusões de Sailor, tanto a *Implicação sobre Tag Questions* quanto a *Generalização sobre Tag Questions* precisam de uma pequena revisão:

> IMPLICAÇÃO SOBRE **TAG QUESTIONS CANÔNICOS**: Se uma língua L possui ***tag questions canônicos***, então L também possui elipse de VP independentemente.

> GENERALIZAÇÃO SOBRE **TAG QUESTIONS CANÔNICOS**: ***Tag questions canônicos*** em uma língua L comportam-se como elipse de VP em relação ao tipo de material encalhado (*stranded*).

O seguinte quadro resume boa parte dos aspectos descritivos a que chegamos até agora com relação à distribuição de *tag questions* neste capítulo:

(68) TAG QUESTIONS CANÔNICOS E REDUZIDOS[17]

		TQ CANÔNICOS	TQ REDUZIDOS
não possui elipse de VP	**Francês**	✗	✓
	Italiano	✗	✓
	Espanhol	✗	✓
possui elipse de VP	**Português**	✓	✓
	Hebraico Moderno	✗	✓
	Inglês	✓	✗
	Samoano	✓	?
	Dinamarquês	✓	?
	Taiwanês	✓	?
	Persa	✓	?

Obviamente, isso não é tudo, e alguma história deve ser contada a respeito da interação entre esses marcadores de polaridade e a sentença (elíptica) sobre as quais eles teriam escopo. O caminho, contudo, é promissor.

[17] Esse quadro será ampliado no capítulo seguinte.

A CONEXÃO ENTRE A ORAÇÃO INICIAL E A ORAÇÃO FINAL

As análises discutidas neste capítulo diferem em um ponto crucial: a relação entre a oração inicial e a oração final. Culicover (1991), den Dikken (1995) e Sailor (2009) apresentam análises em que a conexão entre esses dois elementos é sintática embora o ponto de conexão fique claro somente em den Dikken (1995). Ao estudarmos *tag questions*, manipulamos constituintes grandes o suficiente para funcionar como sentenças autônomas no discurso e, aparentemente, fica difícil encontrar uma justificativa independente para a conexão sintática, que acaba normalmente sendo uma hipótese de trabalho. Gostaria, entretanto, de sugerir alguns dados que possam justificar independentemente uma conexão sintática, e não paratática ou discursiva, para a ligação entre oração inicial e oração final. Ao mesmo tempo, esses dados nos darão indicações do ponto de conexão.

Parentéticos, a depender de seu conteúdo interno, são sensíveis à força ilocucionária da sentença a que estão anexados:[18]

(69) a. A Maria [$_{\text{Parentético}}$ todo mundo sabe] traiu o João.
b. #A Maria [$_{\text{Parentético}}$ todo mundo sabe] traiu o João?

(70) a. A Maria [$_{\text{Parentético}}$ me responda agora] traiu o João?
b. #A Maria [$_{\text{Parentético}}$ me responda agora] traiu o João.

À primeira vista, parentéticos do tipo [todo mundo sabe] são, de modo geral, anexados a sentenças declarativas, e parentéticos do tipo [me responda agora], por sua vez, são, de modo geral, anexados a sentenças interrogativas. Enquanto uma inspeção mais detalhada nos revela que [todo mundo sabe] pode, aparentemente, ser anexado a sentenças interrogativas em casos especiais, parece impossível encontrar casos em que [me responda agora] possa se ligar a sentenças declarativas:[19]

(71) a. Você perdeu o presente que [todo mundo sabe] o João deu pra você?
b. Aquele bolo, que a tua mãe [todo mundo sabe] gosta de fazer, tem receita?

Vejamos agora o comportamento desses parentéticos em *tag questions*:

(72) a. João [todo mundo sabe] joga xadrez, não joga?
b. João [me responda agora] joga xadrez, não joga?

[18] A discussão preliminar a respeito de parentéticos que se segue foi inspirada, embora cheguemos a resultados razoavelmente distintos, em dados discutidos em Asher e Reese (2006) que apresentam uma análise para interpretação de *tag questions* no quadro teórico da *Teoria de Representação do Discurso Segmentada*.

[19] Essa aparente possibilidade de inserção de parentéticos de contexto declarativo em sentenças interrogativas parece estar ligada a seu escopo. Nos exemplos em que isso ocorre, os parentéticos têm escopo no domínio subordinado, não interrogativo. O que quer esteja por traz desse fenômeno, contudo, não enfraque o raciocínio adiante.

A oração inicial dos *tag questions* é compatível com os dois tipos de parentéticos. Uma maneira de acomodar esses dados é assumir que a força ilocucionária da sentença como um todo é de pergunta. Se esse raciocínio estiver correto, dados do Inglês são ainda mais reveladores:

(73) a. #[Tell me], John owns a car.
diga me, John possui um carro
"#[Diga-me], João possui um carro."

b. [Tell me], does John own a car?
diga me, AUX John possui um carro?
"[Diga-me], João possui um carro?"
(Asher e Reese 2006, p. 451)

O parentético [Tell me] comporta-se como o parentético [me responda agora] do Português anexando-se a sentenças interrogativas. O fato é que ele pode se anexar a orações iniciais de *tag questions*:

(74) [Tell me], Jane is coming, isn't she?
diga me Jane está vindo está+NEG ela
[Diga-me], Jane está vindo, não está?
(Asher e Reese 2006, p. 452)

Se a força ilucionária da expressão como um todo é interrogativa, como os parentéticos indicam, a oração final deve ser considerada a espinha dorsal dos *tag questions*, já que é ela que carrega a marca de interrogatividade (Inversão de Sujeito e Auxiliar)[20]. A conexão entre oração final e inicial deve ser, portanto, sintática. Essa conclusão vai de encontro à análise de den Dikken (1995).[21]

[20]De modo semelhante, quem carrega a estratégia de formação de pergunta em Taiwanês é a oração final:

(i) *Taiwanês* - TAG QUESTION
A-Ying u thak cit-pun che, (i) **kam** b-o
A-Ying PERF ler um-classe livro, ele **Q** NEG-PERF
"A-Ying leu o livro, não leu?"
(Sailor 2009, p. 48)

[21]Embora esse assunto não seja discutido em den Dikken (1995), o autor apresenta alguns dados que poderiam ser tomados como evidência de conexão sintática:

(i) a. John has found e_1, hasn't he [the treasure said to have been buried on that
John tem encontrado tem+NEG ele o tesouro dito TO ter sido enterrado em aquela
island]$_1$?
ilha.
"John encontrou, não encontrou [o tesouro que dizem estar enterrado naquela ilha]?"
(den Dikken 1995, p. 12)

Independentemente da história exata que den Dikken conta para dados desse tipo, se a relação entre oração inicial e oração final não for sintática, temos que lidar com uma caso de objeto nulo em Inglês,

Repare finalmente que, se assumirmos que a conexão entre oração inicial e oração final é sintática, o modo mais natural de derivar a Inversão entre Sujeito e Auxiliar em *tag questions* é assumir que a oração final é a sentença matriz, dado que, de modo geral, esse processo não ocorre em sentenças subordinadas (*cf.* Emonds, 1970. seção I.3 p.5-10 para a discussão a respeito dessa generalização e para a noção de *Root Transformation*).

A distribuição da Negação

Den Dikken (1995) sugere que a inversão da polaridade seja derivada de um operador de condições de verdade [A-não-A], que seria, segundo ele, o mesmo formativo responsável pela formação de questões A-não-A. O autor, porém, não apresenta nem mesmo um dado para justificar essa relação, e, pelo que vimos, questões A-não-A apresentam uma série de propriedades particulares que tornam qualquer comparação uma questão não trivial. Por outro lado, Culicover (1991) sugere que restrições pragmáticas que atuam no encadeamento de sentenças no discurso restringiriam a distribuição da negação. Se a relação entre oração inicial e oração final for sintática, porém, parece estranho que essas mesmas restrições sejam responsáveis pela distribuição da negação. As sugestões de den Dikken e Culicover, entrentanto, encontram-se em estado tão prematuro que fica difícil avaliá-las. A distribuição da negação, portanto, permanece aqui obscura, e será retomada no capítulo seguinte.

fenômeno que parece bem restrito. Por outro lado, se estivermos diante de um caso especial de *Heavy NP Shift*, o aparente objeto nulo não passaria de um vestígio.

Andrew Nevins (c.p.) alertou-me, contudo, que esses dados são delicados em termos de aceitabilidade. Não os tomo, portanto, como evidência primária de conexão sintática.

Capítulo 3

Direções analíticas

To be, [or not] to be, *that is the question*

Shakespeare, W. **The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark**. Ato III, Cena I

No capítulo anterior, discuti algumas análises para questões A-não-A e *tag questions* propostas na literatura. Apesar de aproveitar uma série de *insights* analíticos presentes nesses trabalhos, sugeri alguns refinamentos que nos fizeram, por exemplo, chegar a um quadro mais simples da distribuição das questões A-não-A em Mandarim, Cantonês, Taiwanês e Teochew Coloquial de Singapura do que as propostas originais nos permitiriam no modo em que foram formuladas. Para os *tag questions canônicos*, uma análise por meio de elipse de VP (Emonds 1970, Culicover 1991, Sailor 2009) mostrou-se eficiente para acomodar a distribuição do material verbal encalhado na oração final para línguas como Persa, Taiwanês, Samoano, Dinamarquês, Inglês e Português (Sailor 2009). Sugeri também que a Hipótese de Morin fosse estendida para acomodar não só a diferença entre a oração final de *tag questions canônicos* do Inglês e *tag questions reduzidos* do Francês, mas também entre *tag questions canônicos* das línguas estudadas por Sailor (2009) e, ao menos, *tag questions reduzidos* com partícula de polaridade do Hebraico Moderno, Italiano, Espanhol e Português. Para a conexão entre a oração final e a oração inicial, os dados de parentéticos deram-nos pistas de que, além da conexão sintática entre elas, a oração final, aparentemente, é uma oração matriz, hipótese de trabalho de den Dikken (1995). A distribuição da negação tanto em *tag questions* quanto em questões A-não-A, feita por meio do suspeito traço [A-não-A] na análise de Huang, Li e Li (2009), mostrou-se, até agora, a menos clara das propriedades dessas construções.

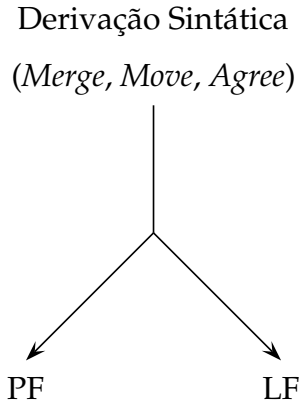
Este capítulo inicia-se com algumas considerações a respeito da arquitetura de gramática assumida daqui em diante e de fenômenos direta e indiretamente relacionados aos aqui estudados. Em seguida, eu retomo as minhas hipóteses iniciais e apresento minha análise.

3.1 Algumas Considerações Teóricas e Empíricas

3.1.1 Arquitetura

Assumo, daqui em diante, uma arquitetura de gramática não lexicalista aos moldes da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993; Halle 1997; e trabalhos subsequentes; *cf.* Noyer e Harley 1999; Embick e Noyer 2006; e trabalhos lá citados para apresentação geral):

(1) ARQUITETURA DA GRAMÁTICA[1]



Basicamente, as operações sintáticas atuam sobre um conjunto de terminais formado a partir de um inventário universal de traços morfossintáticos e de um inventário de raízes específico da língua.

Traços morfossintáticos recebem conteúdo fonológico somente em PF, a partir de um conjunto de pareamentos de expoentes fonológicos e condições de inserção (itens de vocabulário) especificados em termos de traços morfossintáticos e restrições contextuais. Os itens de vocabulário, assim, competem pela inserção em um dado terminal, em que o mais "adaptado" àquela posição vence. O item de vocabulário mais "adaptado" a um determinado terminal sintático é aquele que contém mais traços morfossintáticos compatíveis com a posição e nenhum traço incompatível com ela[2].

Antes que a inserção de vocabulário aconteça, porém, algumas operações ainda podem alterar a configuração e a composição de traços dos terminais sintáticos (fusão, empobrecimento, ...) alterando o item de vocabulário que seria, de outra forma, inserido em um determinado nódulo. Após a inserção lexical, os expoentes fonológicos podem também sofrer certos reajustes, não reduzíveis a processos fonológicos, resultando, por exemplo, em alomorfia.

[1] Por conveniência, suprimi alguns elementos desse diagrama, como a organização em listas (Noyer e Harley 1999) e a Numeração (Chomsky 1995), conjunto a partir do qual as operações sintáticas *Merge*, *Move* e *Agree* operam.

[2] Essa "lei da adaptação" tem sido elaborada em Morfologia Distribuída pelo *Princípio do subconjunto*:

(i) PRINCÍPIO DO SUBCONJUNTO

O expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em um morfema de uma string terminal se o item é compatível com todos ou com um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não acontece se o Item de Vocabulário contém traços que não estão presentes no morfema. Se acontecer de vários itens de Vocabulário satisfazerem as condições para inserção, o item compatível com o maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser escolhido. (Halle 1997, p. 128, *tradução minha*)

3.1.2 Sincretismo Vertical e Sicretismo Horizontal

Sincretismos ocorrem quando uma ou mais oposições morfêmicas são neutralizadas em um paradigma. Considere os seguintes dados do Tainae, verbo "fazer", descritos em Carlson (1991):

(2) *Tainae* - PASSADO

	SINGULAR	DUAL	PLURAL
1ª pessoa	nekoni	nepwasi	nepwani
2ª pessoa	nekoni	nekosi	nekafi
3ª pessoa	neko	nekosi	nekafi

(3) *Tainae* - PASSADO IMEDIATO

	SINGULAR	DUAL	PLURAL
1ª pessoa	nekyi	nepwai	nepwa
2ª pessoa	nekyi	netikyi	nefikya
3ª pessoa	netiye	netikyi	nefikya

(4) *Tainae* - FUTURO

	SINGULAR	DUAL	PLURAL
1ª pessoa	nemti	nentai	neanta
2ª pessoa	nemti	nentiti	netifi
3ª pessoa	nemtiti	nentiti	netifi

Em Tainae, a informação de tempo e concordância aparecem fundidas em um único morfema. Repare que, em todos os casos, no singular, perde-se a oposição morfêmica entre a primeira e segunda pessoa, oposição presente no dual e no plural. De modo semelhante, no dual e no plural, perde-se a oposição, vista no singular, entre segunda e terceira pessoa.

Neutralizações morfêmicas, como as apresentadas acima, recebem o nome de *sincretismo*. Sincretismo é um fenômeno morfológico comum nas línguas. Baerman e Brown (2011a), em estudo tipológico, apontam que, de uma amostra de 141 línguas que apresentam marcação número-pessoal de sujeito no verbo, 60 apresentam sincretismo. Baerman e Brown (2011b) apontam também que, de uma amostra de 75 línguas que apresentam marcação de caso, 40 apresentam esse fenômeno.

Apresentarei agora dois fonêmenos que possuem algo parecido com sincretismo, mas que não ocorrem dentro de um paradigma. Um deles envolve *tag questions reduzidos*, e, até onde pude pesquisar, nenhum deles foi sistematizado na literatura. O primeiro exemplo, ilustrativo, diz respeito à formação de perguntas polares; o segundo, à formação de *tag questions reduzidos*.

Línguas que possuem como estratégias de formação de perguntas polares a inserção de morfemas ao final da sentença dividem-se, de acordo com o morfema selecionado para desempenhar essa função, em três grupos (algumas línguas, como o Mandarim, pertencendo a mais de um grupo)[3]: (i) línguas em que o morfema é especilizado para marcar a sentença como interrogativa; (ii) línguas em que o morfema responsável por marcar a sentença como interrogativa é uma partícula negativa; e (iii) línguas em que o morfema responsável por marcar a sentença como interrogativa é uma partícula disjuntiva. Como exemplos prototípicos dessa tipologia, temos:

PARTÍCULAS INTERROGATIVAS ESPECIALIZADAS

(5) *Zapoteca do Istmo*

Cheu' Lulá' **la**?
vai.você Oaxaca **Q**
"Você vai para Oaxaca?"
(Picket, Black e Cerqueda 2001, p. 99)

(6) *Trique de Copala*

otox^{32} zoh^{1} **nah**^{3}
CON.dormir você **Q**
"Você está dormindo?"
(Hollenbach 1992, p. 225)

PARTÍCULAS INTERROGATIVAS NEGATIVAS

(7) *Cantonês*

a. keoi **mei** lei
ele **não** vir
"Ele não veio."

b. keoi lei-zo **mei**
keoi vir-PERF **não**
"Keoi já veio?"
(Cheng, Huang e Tang 1997, p. 67/68)

(8) *Taiwanês*

a. i **m** lai
ele **não** vir
"Você não está vindo."

b. li ki **m**
você ir **não**
"Você está indo?"
(Cheng, Huang e Tang 1997, p. 70/71)

[3]Essa tipologia foi estabelecida por mim. Pesquisas futuras podem, obviamente, refiná-la

PARTÍCULAS INTERROGATIVAS DISJUNTIVAS

(9) *Malayalam*

a. John-**oo** Bill-**oo** Peter-**oo** wannu.
John-**DISJ** Bill-**DISJ** Peter-**DISJ** veio
"João ou Bill ou Peter veio."

b. Mary John-ine-(y)**oo** Bill-ine-(y)**oo** cumbiccu.
Mary John-ACC-**DISJ** Bill-ACC-**DISJ** beijou
"Mary beijou o João ou o Bill."

c. Mary wannu-**oo**?
Mary veio-**DISJ**
"Mary veio?"

(Jayaseelan 2008, p. 3)

(10) *Sinhala*

a. Mahattee-tə tee **d**ə koopi **d**ə oone?
senhor-DAT chá **DISJ** café **DISJ** necessário
"O senhor quer chá ou café?"

b. Chitra ee potə kieuwa **d**ə?
Chitra esse livro leu **DISJ**
"Chitra leu esse livro?"

(Gair 1970 apud Jayaseelan 2008, p. 3)

Nessas línguas, partículas negativas e partículas disjuntivas exibem uma espécie de sincretismo não paradigmático, que chamarei, daqui em diante, de *Sincretismo Horizontal* – em oposição a sincretismo vertical, paradigmático. Elas tanto funcionam para negação ou disjunção quanto para marcar uma sentença como interrogativa – aparentemente, na mesma posição que partículas interrogativas especializadas. Jayaseelan (2008), analisando os dados do Malayalam e do Sinhala, identifica o elemento disjuntivo como um operador de pergunta na periferia da sentença ao qual a disjunção seria semanticamente associada. Cheng, Huang e Tang (1997), analisando os dados de partículas interrogativas negativas de final de sentença em Mandarim, Taiwanês e Cantonês, apesar de apresentarem um rastreamento histórico para esse tipo de pergunta, não dão pistas para explicar por que elas ocorrem.

Acrescentando alguns dados, chegamos ao seguinte quadro:

(11) SINCRETISMO HORIZONTAL: PARTÍCULAS INTERROGATIVAS DE FINAL DE SENTENÇA

	PRT DISJUNTIVA	PRT INTERROGATIVA	NEGAÇÃO SENTENCIAL
Zapoteca do I.	pacaa/ o	la	cadi/qué
Trique de C.	se^{32}	nah^{3}	ne^{3}/ se^{3}
Cantonês	dihng/ waahkjí	mei	mei, mou, m
Taiwanês	asi/ a	m, be, ...	m, be, ...
Malayalam	oo	oo	-illa
Sinhala	$də_{(int.)}$/ $hari_{(pos.)}$/ $vat_{(neg.)}$	də	nææ

Repare, agora, que uma tipologia semelhante, apresentando *sincretismo horizontal*, pode ser levantada para *tag questions reduzidos*:

TQ REDUZIDOS COM PARTÍCULAS ESPECIALIZADAS

(12) *Japonês*

Joan-wa chess-o shimassu, **ne**?
João-TOP xadrez-ACC joga **PRT**?
"João joga xadrez, né?"

(13) *Alemão*

João spielt Schach, **gell**?
João joga xadrez **PRT**
"João joga xadrez, né?"

(14) *Trique de Copala*

$tiko^{2}$ $hunx^{1}$ $yanx^{3}$ **$zhah^{2}$**
POT.brincar eu papel **PRT**
"Eu posso brincar com o papel, não posso?"
(Hollenbach 1992, p. 226)

TQ REDUZIDOS COM PARTÍCULAS NEGATIVAS

(15) *Hebraico Moderno*

a. Daniel messaheck shachmat, **lo**?
Daniel joga xadrez **não**
"Daniel joga xadrez, não?"

b. A: Daniel messaheck shachmat?
Daniel joga xadrez
"Daniel joga xadrez?

B: **Lo**, (Daniel **lo** messaheck shachmat)?
não Daniel **não** joga xadrez
"Não, Daniel não joga xadrez."

(16) *Italiano*

a. Tu giochi a scacchi, **no**?
você joga a xadrez NEG
"Você joga xadrez, não?"

b. A: Ha giocato a scacchi?
AUX jogado a xadrez
"Ele jogou xadrez?"

B: **No**, (non ha giocato a scacchi).
NEG não AUX jogado a xadrez
"Não, ele não jogou zadrez."

(17) *Francês*

a. Il est nerveux ce matin, **non**?
ele está ansioso esta manhã **NEG-1**?
"Ele está ansioso esta manhã, não?"
(Morin 1973, p. 97)

b. A: Il est nerveux ce matin?
ele está ansioso esta manhã
"Ele está ansioso esta manhã?"

B: **Non**, (il (ne) est pas nerveux ce matin).
NEG-1 ele NEG-2 está não ansioso esta manhã
"Não, ele não está ansioso esta manhã."

(18) *Espanhol*

a. Juan ha jugado al ajedrez, **no**?
Juan AUX jogado a+o xadrez, **não**
"Juan jogou xadrez, não?"

b. A: Juan ha jugado al ajedrez?
Juan AUX jogado a+o xadrez
Juan jogou xadrez, não?

B: **No**, (Juan **no** ha jugado al ajedrez).
não, Juan **não** AUX jogado a+o xadrez
"Não, Juan não jogou xadrez."

(19) *Português*

a. João jogou xadrez, **não**?

b. A: João jogou xadrez?

B: **Não**, (João **não** jogou xadrez).

TQ REDUZIDOS COM PARTÍCULAS DISJUNTIVAS

(20) *Alemão*

a. João spielt Schach, **oder**?
João joga xadrez **ou**
"João joga xadrez, né?"

b. Johann hat den Kuchen oder die Banane gegessen
João tem o bolo **ou** a banana comido
"João comeu o bolo ou banana."

(21) *Kĩsêdjê*

a. Hwĩtxi-n pâj **jantã**?
Hwĩtxi-CLT chegou **ou**
"Foi o Hwĩtxi que chegou, não foi?"

b. Thetô-n kwã hwĩká **jantã** ndowehwetxira kĩni.
Thetô-CLT 3.para carro **ou** computador querer
"Thetô quer um carro ou um computador."

(22) *Basco (Zamudio)* (*ala* → *ela* em certos contextos)

a. Peskeu-en bat-∅ ya-n d -o -su **ela**?
peixe-GEN um-ABS comer-PERF L -PRES.3.SG -CLT.2.SG **ou**
"Você comeu algum tipo de peixe, não comeu?"
(Gaminde 2000, p.53 apud Arregi e Nevins 2012, p.119)

b. Nora joan nahi duzu, nizemara **ala** antzerkira?
onde ir querer AUX cinema.para **ou** teatro.para
"Onde você quer ir, ao cinema ou ao teatro?"
(Hualde e Ortiz de Urbina 2003, p. 850)

TQ REDUZIDOS COM PARTÍCULAS REVERSAS[4]

(23) *Francês*

a. Il n'est pas nerveux ce matin, **si**
Ele NEG+está não ansioso está manhã, **SI**
"Ele não está ansioso esta manhã, né?"
(Morin 1973, p. 97)

b. A: Il n'est pas nerveux ce matin?
Ele NEG+está não ansioso esta manhã
Ele está ansioso esta manhã?

B: **Si**, il est nerveux ce matin.
SI ele está ansioso esta manhã
Ao contrário, ele está ansioso esta manhã.

[4] *Partículas reversas* são ligadas discursivamente a sentenças negativas. Elas serão retomadas na próxima seção.

Sergio Menuzzi (c.p.) levantou, ainda, a hipótese de que esse seja o mesmo expoente fonológico presente em perguntas indiretas o francês, *si*, mais uma vez sincretizado:

(i) *Francês* - PREGUNTAS INDIRETAS
Maria a demandé **si** João est mort.
Maria tem pergutado se João é morto
"Maria pergutou se João morreu."

Deixarei essa investigação para trabalhos futuros.

Acrescentando mais algumas informações não contempladas nesses dados, chegamos ao seguinte quadro:

(24) SINCRETISMO HORIZONTAL: TAG QUESTIONS REDUZIDOS

	PRT DISJUNTIVA	TQ REDUZIDO	PRT NEG. (NEG. SENT.)	PRT NEG. (FORÇA ILOC.)
Japonês	ia	ne	*verbo*-na-*tempo*	ie
Trique de C.	se^{32}	zha^{2}	ne^{3} / se^{3}	
Alemão	oder	oder/gell	nicht	nein
Hebraico M.	o	lo	lo	lo
Italiano	o	no	no	no
Francês	ou	non/ si$_{(rev.)}$	(ne) *verbo* pas	non
Espanhol	o	no	no	no
Português	ou	não	não	não
Kĩsêdjê	jantã	jantã	khêrê	khêrê
Basco	ela (/ala/)/ edo	ela (/ala/)/ edo	ez	ez

A pergunta que devemos nos fazer agora é: que propriedade partículas disjuntivas e negativas compartilham com partículas interrogativas que as permite desempenhar, além de suas funções canônicas, a marcação de sentenças interrogativas e a formação de *tag questions reduzidos*? Neste trabalho, argumentarei que, ao menos no caso dos *tag questions reduzidos*, não é uma propriedade especial atribuída a partículas negativas e disjuntivas em situações especiais que as permite desempenhar essa função, mas sim propriedades − traços morfossintáticos − do nódulo em que são inseridas. No que se segue argumentarei que os mesmos mecanismos que nos permitem acomodar sincretismos paradigmáticos (subespecificação e empobrecimento de traços) nos permitem acomodar os casos *sincretismo horizontal* para *tag questions reduzidos*.

É importante notar aqui, além disso, que a noção de "paradigma" não tem nenhum estatuto teórico em Morfologia Distribuída. Paradigmas são epifenômenos e se seguem da própria organização do sistema. Nada, portanto, nos impede de utilizar as mesmas ferramentas para acomodar casos de *sincretismo horizontal*. Se essa tarefa for bem sucedida, acredito que trabalhos futuros ainda nos permitirão estender o mesmo raciocínio para os casos de *sincretismo horizontal* em perguntas polares.

3.1.3 Partículas de Polaridade, Partículas Reversas, Respostas e Respostas Curtas

Kramer e Rawlins (2009, 2010) argumentam que partículas de polaridade solitárias são elementos remanescentes de estruturas elípticas (Laka 1990, entre outros)[5].

(25) A: Is Mary swimming?
está Maria nadando
"Maria está nadando?"
B′: Yes. *(≡ Mary is swimming)*
Sim. *(≡ Maria está nadando)*
B″: No. *(≡ Mary isn't swimming)*
Não. *(≡ Maria não está nadando)*

A análise proposta pelos autores pretende também acomodar dois fenômenos relacionados denominados por eles de *neutralização negativa* e *concordância negativa*. A *neutralização negativa* ocorre nas respostas a perguntas negativas. Tanto a partícula de polaridade positiva quanto negativa, nesse caso, correspondem à mesma resposta:

(26) A: Is Mary not swimming?
está Maria não nadando
"Maria não está nadando?"
B′: Yes. *(≡ Mary isn't swimming)*
?Sim. *(≡ Maria não está nadando)*
B″: No. *(≡ Mary isn't swimming)*
Não. *(≡ Maria não está nadando)*

A *concordância negativa*, por sua vez, acontece nos casos de resposta negativa completa para os dois tipos de pergunta. A resposta completa, nesses casos, sempre envolverá a presença de dois elementos negativos que são interpretados como uma única negação:

(27) **No**, Mary is**n't** swimming.
não Maria está+NEG nadando
Não, Maria **não** está nadando.

Segundo os autores, os dois elementos negativos entrariam em uma relação de concordância em que um deles portaria um traço de negação interpretável e o outro um traço de negação não interpretável.

Os casos de *neutralização negativa* seriam derivados da interação entre esse processo de *concordância negativa* e um requerimento de identidade semântica sobre elipse (Mer-

[5]O primeiro estudo a respeito de respostas curtas dentro dos estudos gerativistas foi feito em Pope (1972). Ver Holmberg (2012) para uma análise mais refinada, levando em consideração variações dialetais do Inglês.

chant 2001, entre outros). Jogando com a posição em que o traço negativo será interpretado na cadeia de concordância, os autores derivam o paradigma apresentado acima da seguinte maneira:

(28) PERGUNTAS NEGATIVAS

A: Is Mary not swimming?
está Maria não nadando
"Maria não está nadando?"

B′: Yes, ~~[she is**n't**$_{[i+\text{NEG}]}$ swimming]~~
?Sim, ~~[ela **não**$_{[i+\text{NEG}]}$ está nadando]~~

B″: No$_{[u+\text{NEG}]}$, ~~[she is**n't**$_{[i+\text{NEG}]}$ swimming]~~
Não$_{[u+\text{NEG}]}$, ~~[ela **não**$_{[i+\text{NEG}]}$ está nadando]~~

No caso das perguntas negativas, o requerimento de identidade semântica que atua no licenciamento da elipse *obriga* o traço de negação interpretável a estar interno ao TP para que o requerimento de identidade seja satisfeito.

Nos casos de pergunta positivas a configuração se inverte:

(29) PERGUNTAS POSITIVAS

A: Is Mary swimming?
está Maria nadando
"Maria está nadando?"

B′: Yes, ~~[she is swimming]~~
Sim, ~~[ela está nadando]~~

B″: No$_{[i+\text{NEG}]}$, ~~[she isn't$_{[u+\text{NEG}]}$ swimming]~~
Não$_{[i+\text{NEG}]}$, ~~[ela não$_{[u+\text{NEG}]}$ está nadando]~~

Para a resposta positiva, o requerimento de identidade é trivialmente satisfeito. Por outro lado, para que ele seja satisfeito na resposta negativa, o traço negativo interno à elipse deve ser o traço não interpretável da cadeia de concordância.

Assumirei, seguindo Laka (1990), que as partículas de polaridade são núcleos C^0.[6] C^0 portaria um traço de negação não valorado, que sonda seu domínio de c-comando entrando em uma relação de concordância com Σ^{07}, projeção responsável pela polaridade da sentença (Laka 1990).

Um traço de negação não interpretável em Σ^0 funcionaria como uma variável permitindo que o requerimento de identidade seja satisfeito e a elipse seja possível.[8]

[6]Segundo Kramer e Rawlins (2009), diferentemente, essas estruturas envolveriam duas projeções Σ, uma dominada por TP, reponsável pela negação sentencial, e outra, dominando TP. As partículas de polaridade teriam natureza adverbial e localizadas em [Spec, ΣP] do Σ mais alto na estrutura. Isso contudo não é essencial para a análise dos autores. Embora eu postule uma estrutura diferente, o espírito da análise é exatamente o mesmo.

[7]Núcleo responsável pela polaridade da oração (Laka 1990).

[8]Esse detalhe é, na verdade, mais próximo da análise de Holmberg (2012) que as análises de Kramer e Rawlins. Para mais detalhes, remeto o leitor aos textos originais.

Para dar conta da posição do traço de negação interpretável e do traço de negação não interpretável, os autores assumem uma duplicação dos itens lexicais. Assim, haveria, no léxico, dois [no]'s e dois [not]'s. Para evitar esse tipo de duplicação, assumirei que a relação de concordância permite que o traço em questão seja interpretado em qualquer um dos elos da cadeia de concordância. Em outras palavras, tomando como ponto de partida que concordância envolve o compartilhamento de traços (Pesetsky e Torrego, 2007), qualquer uma das *ocorrências* de um traço envolvido em uma relação de concordância poderia ser responsável pela interpretabilidade.[9]

Um segundo conjunto de dados enfrentado pelos autores diz respeito às *partículas reversas*, o que nos será importante já que, ao menos em Francês, como vimos, esse tipo de partícula forma *tag questions*. Partículas reversas: (i) ligam-se dicursivamente a sentenças negativas; (ii) podem aparecer sozinhas ou acompanhadas de uma resposta completa não negativa; e (iii) como resultado, sozinhas ou nas respostas completas, apresentam uma resposta de polaridade positiva:[10]

(30) *Alemão* (sim = "ja"; não = "nein")

A: Kommt Oscar nicht aufs Fest?
vir Oscar não para.a festa
"Oscar não vem para a festa?"

B: Doch, (er kommt).
DOCH ele vem
"Ao contrário, ele vem."
(Kramer e Rawlins 2010, p. 9)

(31) *Francês* (sim = "oui"; não = "non")

A: Oscar ne vient pas à la soirée?
Oscar NEG vem não para a festa
"Oscar não vem para a festa?"

B: Si, (Il vient).
SI, ele vem
"Ao contrário, ele vem."
(Kramer e Rawlins 2010, p. 9)

[9] Uma ideia similar é proposta por Chomsky (1995 seção 3.5) para dar conta de casos de Reconstrução. Assumindo a Teoria de Movimento por Cópia (e a ciclicidade do movimento-*wh*), a ambiguidade da sentença abaixo seria derivada da posição em que a anáfora *si mesmo* é interpretada, em outras palavras qual ocorrência é interpretada:

(i) Quantas fotos de si mesmo$_{1/2}$ Pedro$_1$ disse que o João$_1$ tirou?
LF$_1$: Quantas ~~fotos de si mesmo$_{1/*2}$~~ Pedro$_1$ disse [~~quantas~~ fotos de si mesmo$_{1/*2}$] que o João$_2$ tirou ~~[quantas fotos de si mesmo$_{1/*2}$]~~?
LF$_2$: Quantas ~~fotos de si mesmo$_{*1/2}$~~ Pedro$_1$ disse ~~[quantas fotos de si mesmo$_{*1/2}$]~~ que o João$_2$ tirou [~~quantas~~ fotos de si mesmo$_{*1/2}$]?

[10] Partículas reversas também podem servir de correções a declarações feitas pelo interlocutor.

(32) *Islandês* (sim = "já"; não = "nei")

A: Er hann ekki heima?
ele está não casa
"Ele não está em casa?"

B: Jú, (er hann).
JÚ ele está
"Ao contrário, ele está."
(Laka 1990, p. 158 apud Kramer e Rawlins 2010, p. 9)

(33) *Árabe Libanês* (sim = "eh"; não = "laʔ")

A: Ma raaħ Alfonso ʕa l-ħafleh?
não veio Alfonso para a-festa
"Alfonso não veio para a festa?"

B: Mbalaa, (raaħ).
MBALAA veio
"Ao contrário, veio."
(Kramer e Rawlins 2010, p. 10)

Esse comportamento das partículas reversas é, aparentemente, difícil de se conciliar com uma análise por meio de elipse como a proposta para as partículas de polaridade. Para acomodar esses dados, de modo paralelo aos dados com partículas de polaridade, os autores propõem, basicamente, que objetos sintáticos não portadores do traço [*i*+NEG] podem apresentar uma denotação negativa pela presença do traço [*i*+REV] (*reversal*, "reverso"). Sentenças portando [*i*+REV], contudo, compartilhariam com sentenças positivas o fato de apresentarem uma morfologia não marcada de Σ. Com isso, o requerimento de identidade entre o TP antecedente e o TP elidido seria satisfeito[11] mesmo que ele não apresente uma morfologia negativa. O fato de a sentença como um todo ter uma interpretação positiva se deveria à presença de um segundo traço [*i*+REV] na própria partícula reversa posicionada no domínio CP. O resultado da combinação de dois traços [*i*+REV], com denotação negativa, resultaria em uma "dupla negação encoberta" e, portanto, em uma interpretação positiva.

(34) *Alemão*

a. A: Kommt Oscar nicht$_{[i+\text{NEG}]}$ aufs Fest?
vir Oscar não para.a festa
"Oscar vem para a festa?"

B′: Doch$_{[i+\text{REV}]}$, [er $\emptyset_{[i+\text{REV}]}$ kommt].
DOCH ele vem
"Ao contrário, ele vem."

B″: Doch$_{[i+\text{REV}]}$, ~~[er $\emptyset_{[i+\text{REV}]}$ kommt]~~.

[11] Novamente, partículas reversas ligam-se discursivamente a sentença negativas.

b. $\underbrace{\text{Doch}_{[i+\text{REV}]}, \underbrace{[\text{er } \emptyset_{[i+\text{REV}]} \text{ kommt}]}_{\neg p}}_{\neg\neg p \equiv p}$

(35) *Francês*

a. A: Oscar ne vient pas$_{[i+\text{NEG}]}$ à la soirée?
Oscar NEG vem não para a festa
"Oscar não vem para a festa?"

B′: Si$_{[i+\text{REV}]}$, [Il $\emptyset_{[i+\text{REV}]}$ vient].
SI ele vem
"Ao contrário, ele vem"

B″: Si$_{[i+\text{REV}]}$, ~~[Il $\emptyset_{[i+\text{REV}]}$ vient]~~.

b. $\underbrace{\text{Si}_{[i+\text{REV}]}, \underbrace{[\text{Il } \emptyset_{[i+\text{REV}]} \text{ vient}]}_{\neg p}}_{\neg\neg p \equiv p}$

O problema desse tipo de análise para partículas reversas é que nada obriga que elas entrem em concordância com um traço reverso interno ao IP e *vice-versa*. Se permitirmos, por exemplo, $\Sigma^0_{[i+\text{REV}]}$ não acompanhado de $C^0_{[i+\text{REV}]}$, esperaríamos uma sentença com uma interpretação negativa com uma morfologia não marcada. Por outro lado, se permitirmos $C^0_{[i+\text{REV}]}$ sem $\Sigma^0_{[i+\text{REV}]}$, esperaríamos partículas reversas ligando-se discursivamente a sentenças positivas, resultando em uma resposta negativa, o que não é atestado em nenhuma dessas línguas.

Para acomodar o comportamento dessas partículas reversas, proponho uma análise muito mais simples e que não esbarra nos problemas apontados acima. Minha proposta é a seguinte. Partículas reversas possuem duas catacterísicas: (i) elas são afirmativas, formalmente [–NEG]; e (ii) expressam discordância com o interlocutor, formalmente [+REV]. [+REV], em minha análise, não possui uma denotação negativa como o traço [+NEG], ele somente expressa que o falante discorda de sentença apresentada previamente, seja ela interrogativa ou declarativa.[12]

Por mais simples que pareça, essa revisão é suficiente para acomodar o comportamento dessas partículas. O fato de partículas reversas ligarem-se a sentenças negativas é derivado de sua composição de traços, dado que ela é afirmativa e expressa discordância com o interlocutor. A resposta completa afirmativa deriva-se do fato de essas partículas possuirem um traço afirmativo ([–NEG]), que entra em concordância com Σ^0 interno ao IP. Finalmente, sendo o traço [–NEG] de Σ o traço não interpretável da cadeia de concordância, a condição de elipse pode ser satisfeita, já que se comportará como uma variável, de modo semelhante à proposta feita para partículas negativas

[12]Anders Holmberg (c.p.) relatou-me que se pode argumentar que a partícula reversa DOCH do Alemão seja relacionada etimologicamente com a palavra THOUGH (embora, entretanto, contudo) do Inglês, e que a partícula reversa JO do Sueco é usada coloquialmente como partícula afirmativa. Esses fatos podem ser capturados, em minha análise, pelas propriedades (traços) que atribuo a essas partículas.

solitárias como resposta a perguntas não negativas (repetido a seguir).

(36) A: Is Mary swimming?
está Maria nadando
"Maria está nadando?"

B′: Yes, ~~[she is swimming]~~
Sim, ~~[ela está nadando]~~

B″: $\text{No}_{[i+\text{NEG}]}$, ~~[she isn't$_{[u+\text{NEG}]}$ swimming]~~
$\text{Não}_{[i+\text{NEG}]}$, ~~[ela não$_{[u+\text{NEG}]}$ está nadando]~~

A estrutura de resposta com partículas reversas seria, então, a seguinte:

(37) *Alemão*

A: Kommt Oscar $\text{nicht}_{[i+\text{NEG}]}$ aufs Fest?
vir Oscar não para.a festa
"Oscar não vem para a festa?"

B′: $\text{Doch}_{[+\text{REV},\, i\text{–NEG}]}$, [er $\Sigma_{[u\text{–NEG}]}$ kommt].
DOCH ele vem
"Ao contrário, ele vem."

B″: $\text{Doch}_{[i+\text{REV},\, \text{–NEG}]}$, ~~[er $\Sigma_{[u\text{–NEG}]}$ kommt]~~.
DOCH, ele vem
"Ao contrário, ele vem."

(38) *Francês*

A: Oscar ne vient $\text{pas}_{[i+\text{NEG}]}$ à la soirée?
Oscar NEG vem não para a festa
"Oscar não vem para a festa?"

B′: $\text{Si}_{[+\text{REV},\, i\text{–NEG}]}$, [Il $\Sigma_{[u\text{–NEG}]}$ vient].
SI ele vem
"Ao contrário, ele vem"

B″: $\text{Si}_{[+\text{REV},\, i\text{–NEG}]}$, ~~[Il $\Sigma_{[u\text{–NEG}]}$ vient]~~.
SI, ele vem
"Ao contrário, ele vem"

3.2 Retomando, revisando e estendendo as hipóteses iniciais

Nossas hipóteses iniciais foram:

> HIPÓTESE DE MORIN: *tag questions canônicos* do Inglês e *tag questions reduzidos* do Francês diferenciam-se pelo constituinte que sofre elipse na oração final. (Morin 1973)

> HIPÓTESE DE DEN DIKKEN: *tag questions canônicos* do Inglês e questões A-não-A do Mandarim são desencadeados pelo mesmo formativo. (den Dikken 1995)

Já vimos, no capítulo anterior, que a Hipótese de Morin "estendida", associada à Implicação sobre *tag questions canônicos*, acomoda uma série de fatos a respeito da distribuição dos *tag questions canônicos* (Inglês, Samoano, Dianamarquês, Taiwanês, Persa e Português) e *tag questions reduzidos* (Francês, Italiano, Espanhol, Português, Hebraico Moderno). Sobre os *tag questions reduzidos*, limitamo-nos aos formados por partículas negativas, seguindo de perto a proposta de Morin (1970). Neste capítulo, contudo, gostaria de ampliar ainda mais essa hipótese e estendê-la aos outros *tag questions reduzidos*, formados por partículas disjuntivas, especializadas e reversas. Estendendo o quadro a apresentado no capítulo anterior para *tag questions* reduzidos formados por partículas disjuntivas, especializadas e reversas, chegamos ao seguinte quadro:[13]

(39) TAG QUESTIONS CANÔNICOS, REDUZIDOS E A ELIPSE DE VP[14]

		TQ CANÔNICOS	TQ REDUZIDOS
não possui elipse de VP	**Francês**	✗	✓
	Italiano	✗	✓
	Espanhol	✗	✓
possui elipse de VP	**Português**	✓	✓
	Hebraico Moderno	✗	✓
	Inglês	✓	✗
	Samoano	✓	?
	Dinamarquês	✓	?
	Taiwanês	✓	?
	Persa	✓	?
status da elipse de VP desconhecido (para mim!)	**Basco**	?	✓
	Kĩsêdjê	✗	✓
	Trique de C.	✗	✓
	Japonês	✗	✓
	Hindi	✓	?
	Meihei	✓	?
	Gaélico E.	✓	?
	Dime	✓	?

Reelaborando agora a Hipótese de Morin, ficaríamos, então, com:

[13] Obviamente, se Hindi, Meithei e Dime não possuirem elipse de VP, minha análise terá que ser revisada.

[14] "?" significa, nessa tabela, que eu não sei se as línguas em questão possuem a determinada estrutura.

HIPÓTESE DE MORIN ESTENDIDA (*Versão Final*): *tag questions canônicos* e *tag questions reduzidos* diferenciam-se pelo constituinte que sofre elipse na oração final.

- *Tag questions canônicos* sofrem elipse de VP: Inglês, Dinamarquês, Persa e Português (presumivelmente: Gaélico Escocês, Meihei, Dime e Hindi);
- *Tag questions reduzidos* sofrem elipse de TP:
  - ➢ *Partícula Negativa:* Francês, Italiano, Espanhol, Português, Hebraico Moderno;
  - ➢ *Partícula Disjuntiva:* Alemão, Basco, Kĩsêdjê;
  - ➢ *Partícula Especializada:* Alemão, Trique de Copala, Japonês;
  - ➢ *Partícula Reversa:* Francês.

Partículas negativas, disjuntivas, especializadas e reversas, em *tag questions reduzidos*, seriam todas remanescentes de elipse de TP. Todas essas partículas seriam inseridas no núcleo C^0. A escolha entre os quatro tipos de partículas seria guiada pela especificação morfossintática dos itens de vocabulário da língua e pelos traços morfossintáticos do terminal C^0, que poderia sofrer pequenas alterações em sua composição[15]. Todos os tipos de *tag questions reduzidos* sofreriam elipse de TP licenciada nas condições estabelecidas na seção anterior para partículas de polaridade e partículas reversas inspiradas em Kramer e Rawlins (2009, 2010).

Passemos agora para Hipótese de den Dikken. Tanto em den Dikken (1995) quanto em Huang, Li e Li (2009), questões A-não-A são desencadeadas por um formativo especial (traço/operador A-não-A). Para den Dikken, esse mesmo formativo seria responsável pela formação de *tag questions canônicos* do Inglês. Como revisão da Hipótese de den Dikken, proponho que questões A-não-A coordenativas, *tag question canônicos* e *reduzidos* sejam desencadeados basicamente pela presença de um traço disjuntivo [+DISJ] e um traço de pergunta [+Q]. No caso dos *tag questions*, tanto canônicos quanto reduzidos, esses traços estariam na camada CP; no caso das questões A-não-A, por outro lado, eles estariam no núcleo Σ^0. Esquematicamente:

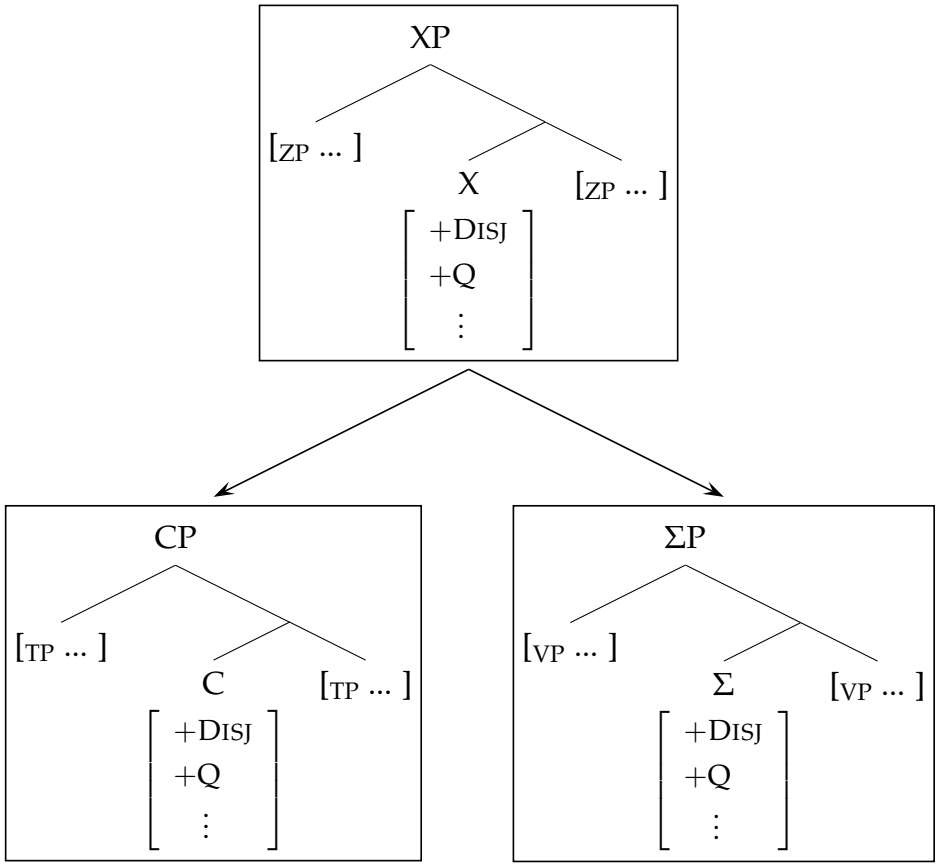
HIPÓTESE DEN DIKKEN ESTENDIDA (*Versão Final*): *tag questions canônicos*, *tag questions reduzidos* e questões A-não-A coordenativas são desencadeadas pelas presença dos traços [+DISJ, +Q].

- *Tag questions* canônicos e reduzidos: [+DISJ, +Q] na camada CP;
- Questões A-não-A: [+DISJ, +Q] na camada ΣP.[16]

[15] A composição de traços de C^0 será retomada na próxima seção.

[16] Nas representações de questões A-não-A coordenativas, daqui em diante, colocarei, por motivos expositivos, a camada VP imediatamente abaixo da camada ΣP. Mandarim, Cantonês e Taiwanês pos-

(40)



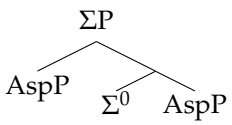
(*tag questions*) (*questões A-não-A coordenativas*)

O traço [+DISJ] seria responsável pelo emparelhamento de predicados, VP ou TP, efeito visto na sintaxe superficial e percebido na interpretação dessas construções independentemente da presença de um item de vocabulário disjuntivo.[17]

A presença de um traço disjuntivo "abstrato" em *tag questions canônicos* e questões A-não-A não é uma inovação deste trabalho. Stockwell, Schacter e Partee (1973, *apud*

suem vários marcadores de negação sentencial, que interagem com outros elementos da sentença como aspecto. Poderíamos assumir, por exemplo, que a ligação entre a camada Σ e a camada VP é intermediada por AspP, e este seria o alvo da coordenação em questões A-não-A.

(i)



A estrutura fina da negação nessas línguas foge do escopo deste trabalho. Adotarei então uma estrura simplificada, consciente dos problemas que ela possui.

[17]Em estruturas coordenativas canônicas, espera-se que a distribuição da coordenação corresponda à distribuição dos elementos coordenados.

(i) COORDENAÇÃO CANÔNICA DE DPS

a. Pedro viu João./?
b. Pedro viu Maria./?
c. Pedro viu João e Maria./?
d. Pedro viu João ou Maria./?

Oleksy 1977) já apresentavam uma análise em que a interação do traço disjuntivo e do traço de pergunta desencadearia *tag questions canônicos*. Huang, Li e Li (2009) falam, como apresentado no capítulo anterior, em um traço *haishi nulo* (*"ou nulo"*). A proposta inovadora aqui consiste em abandonar qualquer tipo de formativo especial para a formação desses dois fenômenos, seja ele traço/operador A-não-A, transformação singular ou outro qualquer. O traço [+Q], por sua vez, seria responsável pela formação de pergunta.

Uma análise aparentemente ainda mais generalizada nessa linha seria tratar os dois fenômenos como coordenações de TP. Nas questões A-não-A, o segundo TP sofreria *omissão de tópico* (*topic drop*), independentemente motivado ao menos para objeto em Mandarim (Huang 1984)[18]:

(41) *Mandarim* - QUESTÕES A-NÃO-A COORDENATIVAS

a. ta xihuan zheben shu bu xihuan zheben shu?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta desse livro ou não gosta?"
(Huang 1991, p.306)

b. [$_{CP}$ [$_{TP}$ ta xihuan zheben shu] [$_{C'}$ $C_{[+DISJ,+Q]}$ [$_{TP}$ ~~ta~~ [$_{TP}$ t_{ta} bu xihuan zheben shu]]]]?

Chamarei essa hipótese de *fortemente unificadora*. Perceba, contudo, que a negação tem uma distribuição restrita nas questões A-não-A coordenativas, o que eu chamei no capítulo anterior de *direcionalidade da negação* (superficialmente: [VP neg-VP]/ *[neg-VP VP]):

(ii) COORDENAÇÃO CANÔNICA DE PREDICADOS
a. João vendeu o carro./?
b. João comprou uma casa./?
c. João vendeu o carro e comprou uma casa./?
d. João vendeu o carro ou comprou uma casa./?

(iii) COORDENAÇÃO CANÔNICA DE CPS
a. João disse que vendeu o carro./?
b. João disse que comprou uma casa./?
c. João disse que vendeu o carro e que comprou uma casa./?
d. João disse que vendeu o carro ou que comprou uma casa./?

Esse, obviamente, não é o caso nas estruturas que estou propondo. Assumo que, nos casos de coordenação canônica, o constituinte é formado a partir de um formativo coordenativo não especificado categorialmente, que herdará o traço/ distribuição dos elementos coordenados. Nos casos de coordenação que estou propondo, a disjunção vem associada a um rótulo categorial que especifica de antemão a categoria do constituinte coordenativo. No casos das questões A-não-A, esse rótulo seria Σ; no caso dos *tag questions*, seria C.

[18] Essa proposta foi-me sugerida por Andrew Nevins (c.p.).

(42) A-NÃO-A - Direcionalidade da negação

a. ta daodi lai **bu** lai?
Ele verdadeiramente vir não vir
"ele vai vir ou não vai?"

a′. *ta daodi **bu** lai lai?
Ele verdadeiramente não vir vir
"ele não vai vir ou vai?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 248)

b. ni xihuan ta **bu** xihuan ta?
você gostar ele não gostar ele
"Você gosta dele ou não gosta dele?"

b′. *ni **bu** xihuan ta xihuan ta?
você não gostar ele gostar ele
"Você não gosta dele ou gosta dele?"
(Hagstrom 2006, p. 207)

Essa propriedade das questões A-não-A foi capturada na análise de Huang, Li e Li (2009) por meio do traço [A-não-A]. Os autores, contudo, não explicam como esse traço garantiria a direcionalidade da negação. Se adotarmos essa hipótese *fortemente unificadora*, em que tanto *tag questions* quanto questões A-não-A são formados por coordenação de TPs, teremos fatalmente que capturar a direcionalidade da negação por um mecanismo *ad hoc* como esse. Em minha proposta, contudo, a direcionalidade da negação nas questões A-não-A segue-se naturalmente da própria geometria da estrutura. A coordenação de VPs nucleada pelo núcleo Σ restringe as possibilidades de negação. Dentro dessa estrutura, a negação só pode aparecer no núcleo Σ, ou seja, entre os dois VPs. Podemos, assim, dispensar o traço A-não-A.[19]

Nos *tag questions*, em minha análise, a negação poderia aparecer tanto na oração inicial quanto na oração final, já que cada TP coordenado portaria seu núcleo Σ^0, responsável pela negação sentencial. O fato de os contituintes dos *tag questions* aparecerem, de modo geral, com a polaridade invertida seria derivado de restrições pragmáticas

[19]Marcelo Ferreira, em meu exame de qualificação, apontou que, apesar de a direcionalidade da negação ter sido superficialmente derivada da geometria da estrutura, em princípio, não é evidente que o segundo VP seja o VP negado na estrutura que estou propondo. Uma possibilidade é assumir que os traços disjuntivo e negativo, nas estruturas que estou propondo, sejam a contraparte morfossintática de um núcleo, armazenado no léxico, com a seguinte denotação (simplificada).

(i) $[+\text{DISJ},+\text{NEG}] = \lambda Q \lambda P (P \vee \neg Q) | P \equiv Q$

Uma denotação desse tipo, tanto para questões A-não-A quanto para *tag questions*, teria ainda a vantagem de garantir a identidade (invertida) entre os constituintes coordenados. No caso das questões A-não-A, a denotação acima garantitia que o segundo VP é o negado da estrutura. Por outro lado, no caso dos *tag questions*, a negação em C^0 interagiria com a negação interna ao TP presumivelmente resultando em polaridade invertida entre oração final e oração inicial, independentemente de qual desses constituintes carregue a negação. Deixarei desenvolvimentos desse ponto analítico para trabalhos futuros.

guiadas pela natureza do traço [DISJ][20]. O traço disjuntivo requereria que, em condições normais, os elementos coordenados não apresentassem as mesmas condições de verdade. Assim, *tag questions* em que oração inicial e oração final têm a mesma polaridade seriam barrados pelos mesmos motivos que geram paradigmas do tipo:

(43) a. #João não comeu o bolo ou (João) não comeu (o bolo)?
b. #João comeu o bolo ou (João) comeu (o bolo)?
c. João comeu o bolo ou (João) não comeu (o bolo)?
d. João não comeu o bolo ou (João) comeu (o bolo)?

(44) a. #Ninguém comeu o bolo ou ninguém comeu (o bolo)?
b. #Alguém comeu o bolo ou alguém comeu (o bolo)?
c. Alguém comeu o bolo ou ninguém comeu (o bolo)?
d. Ninguém comeu o bolo ou alguém comeu (o bolo)?

Na análise de den Dikken (1995), de modo semelhante à análise de Huang, Li e Li (2009), a polaridade invertida dos *tag questions* foi derivada por meio de um formativo A-não-A que, por definição, executaria essa função. Podemos dispensar esse operador se assumirmos que a polaridade invertida é derivada da natureza do traço disjuntivo.

Os formativos A-não-A, propostos nas análises resenhadas no capítulo anterior, são substituídos por traços sintático-semânticos independentemente necessários: traço disjuntivo, traço de pergunta, e traço negativo.

As próximas seções dedicam-se a desenvolver os detalhes dessa análise. Na próxima seção, mostro como os traços disjuntivo, negativo/reverso e de pergunta interagem para derivar a tipologia dos *tag questions* reduzidos e o Sincretismo Horizontal. Em seguida, desenvolvo duas implementações para as questões A-não-A reduplicativas, uma em que a reduplicação é resultado de uma regra de reajuste fonético, no sentido de Halle e Harris (2005) e Halle (2008), e outra em que a reduplicação (parcial) é resultado de múltipla realização fonética de elos de cadeia desencadeada por reanálise morfológica, no sentido de Nunes (2004, *inter alia*). Retomo então a questão das restrições contextuais das questões A-não-A e esboço uma análise por meio de minimalidade, seguindo Law (2001), e múltiplos *spell outs* (Uriagereka 1998; Nunes e Uriagereka 2000). Por último, apresento uma análise da posição do sujeito nas questões A-não-A coordenativas e de *tag questions* com elementos fronteados (*e.g. "Xadrez, João joga, não joga?"*).

[20] A ideia de restringir a distribuição da negação por meio de restrições pragmáticas deve-se a Culicover (1991). Em sua análise, contudo, isso não está relacionado ao traço disjuntivo (*cf.* capítulo 2).

3.3 O *Empobrecimento do Traço Disjuntivo* e a tipologia dos *Tag questions Reduzidos*

Considere, inicialmente, os *tag questions canônicos*:

(45) *Português* - TAG QUESTION CANÔNICOS
João jogou xadrez, não jogou?

Na seção anterior, assumi que *tag questions canônicos*, assim como questões A-não-A coordenativas, envolvem um traço disjuntivo abstrato, ausente superficialmente, mas disponível para interpretação. Para implementar essa ideia na arquitetura de gramática que estou assumindo, assumo que o traço disjuntivo pode ser empobrecido após o constituinte nucleado por esse traço ser integralmente formado. Com esse empobrecimento, nos *tag questions canônicos*, o núcleo C^0 seria preenchido por um item foneticamente nulo $\emptyset$, o mesmo inserido em perguntas polares (e.g. $[_{CP}\ \emptyset_{[+Q]}\ [_{TP}$ João joga xadrez]]). Esse procedimento aconteceria em todos os *tag questions canônicos*.

Antes de passarmos aos *tag questions reduzidos* e às questões A-não-A coordenativas, vejamos um outro fenômeno, em Mandarim, associado a questões A-não-A, que se comporta de modo análogo aos *tag questions canônicos*, as chamadas questões VP-VP:

(46) *Mandarim* - QUESTÃO VP-VP

ta chi fan chi mian?
ele come arroz come macarrão
"Ele come arroz ou macarrão?"
(Hagstrom 2006, p. 208)

Questões VP-VP apresentam uma interpretação disjuntiva, mas sem a presença superficial de um item de vocabulário para essa função. Repare que, analogamente às questões A-não-A, questões VP-VP são aparentemente sensíveis a ilha.

(47) *Mandarim* - QUESTÃO VP-VP QUESTION - Sensibilidade a ilha

*ni xihuan $[_{SRel}$ chi fan chi mian] de ren?
você gosta comer arroz comer macarrão DE pessoa
"Você gosta de pessoa que come arroz ou come macarrão?"
(Hagstrom 2006, p. 208)

Para capturar essa ausência de um item de vocabulário disjuntivo, assumirei, que, nesses casos, o traço [+DISJ] é empobrecido pela seguinte regra, desencadeada pela presença do traço interrogativo:

(48) EMPOBRECIMENTO DO TRAÇO DISJUNTIVO

a. Descrição estrutural: Um núcleo *N* portando os traços [+DISJ, +Q].
b. Mudança estrutural: $N \Rightarrow$ [−DISJ, +Q].

Nos *tag questions canônicos*, esse procedimento ocorreria na camada CP; nas questões VP-VP, no domínio ΣP.

Pode-se, ainda, especular que o fato de o empobrecimento do traço disjuntivo ser condicionado pela presença do traço [+Q] esteja relacionado à possibilidade de o próprio traço de pergunta conter uma disjunção inerente (Karttunen 1977; Jayasaleen 2008). O traço [+DISJ] teria duas faces: uma morfossintática, responsável pela construção do constituinte disjuntivo, e uma semântica. Após o constituinte disjuntivo ser montado pela sintaxe, a parte interpretativa do traço disjuntivo e a disjunção inerente ao traço de pergunta tornar-se-iam redundantes. Um modo de escapar dessa redundância seria o empobrecimento do traço disjuntivo.[21]

A adoção de uma regra de empobrecimento que inverta o valor do traço disjuntivo mas que não o elimine ficará clara no decorrer do texto. Basicamente, as duas análises que proponho a seguir para questões A-não-A reduplicativas dependem que se distigua o núcleo Σ, de questões A-não-A reduplicativas e de questões A-não-A coordenativas. Se o traço [DISJ] for eliminado de Σ, tal diferença será, em princípio, neutralizada, e o processo de reduplicação, seja ele qual for, se aplicará no interior das questões A-não-A coordenativas, sobregerando dados não atestados.

Assumo que, uma vez no mesmo nódulo terminal, o traço disjuntivo está hierarquizado acima do traço negativo para efeitos de inserção lexical ([DISJ] » [NEG]), reflexo das relações de escopo entre a negação e a disjunção nessas estruturas. Assim, se houver empate entre os traços morfossintáticos dos dois itens de vocabulário competindo pela inserção em um terminal sintático que possui os traços [+DISJ, +NEG], o item de vocabulário portando o traço [+DISJ] vence o item de vocabulário portando o traço [+NEG].

Vejamos as questões A-não-A coordenativas:

(49) *Mandarim* - QUESTÃO A-NÃO-A COORDENATIVAS

a. ta xihuan zheben shu bu xihuan zheben shu?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta desse livro ou não não gosta desse livro?"
b. ta [[xihuan zheben shu] [bu$_{[+Q,-DISJ,+NEG]}$ [xihuan zheben shu]]]

[21] Outro exemplo de empobrecimento do traço disjuntivo motivado, aparentemente, por redundância pode ser visto no encadeamento recursivo de constituintes disjuntos:

(i) a. João beijou Maria, Joana, Juliana, Rafaela, ou Sara.
b. João beijou Maria, ~~ou~~ Joana, ~~ou~~ Juliana, ~~ou~~ Rafaela, ou Sara.

Aqui o empobrecimento do traço disjuntivo impede que o item de vocabulário disjuntivo (*haishi*) dispute a posição. Como resultado, temos a inserção do item de vocabulário negativo (*bu*).[22] Nesses casos, assim como nas questões VP-VP, a inserção de um item de vocaulário interrogativo, *ma*, é barrada, já que ele se restringe a camada CP, o que pode facilmente ser especificado no item de vocabulário (/ma/ $\leftrightarrow$ [+Q,+FORCE]):

(50) *Mandarim* - ITEM DE VOCABULÁRIO INTERROGATIVO DE CP - *ma*

a. ta zhu zher.
ele vive aqui
"Ele vive aqui?"

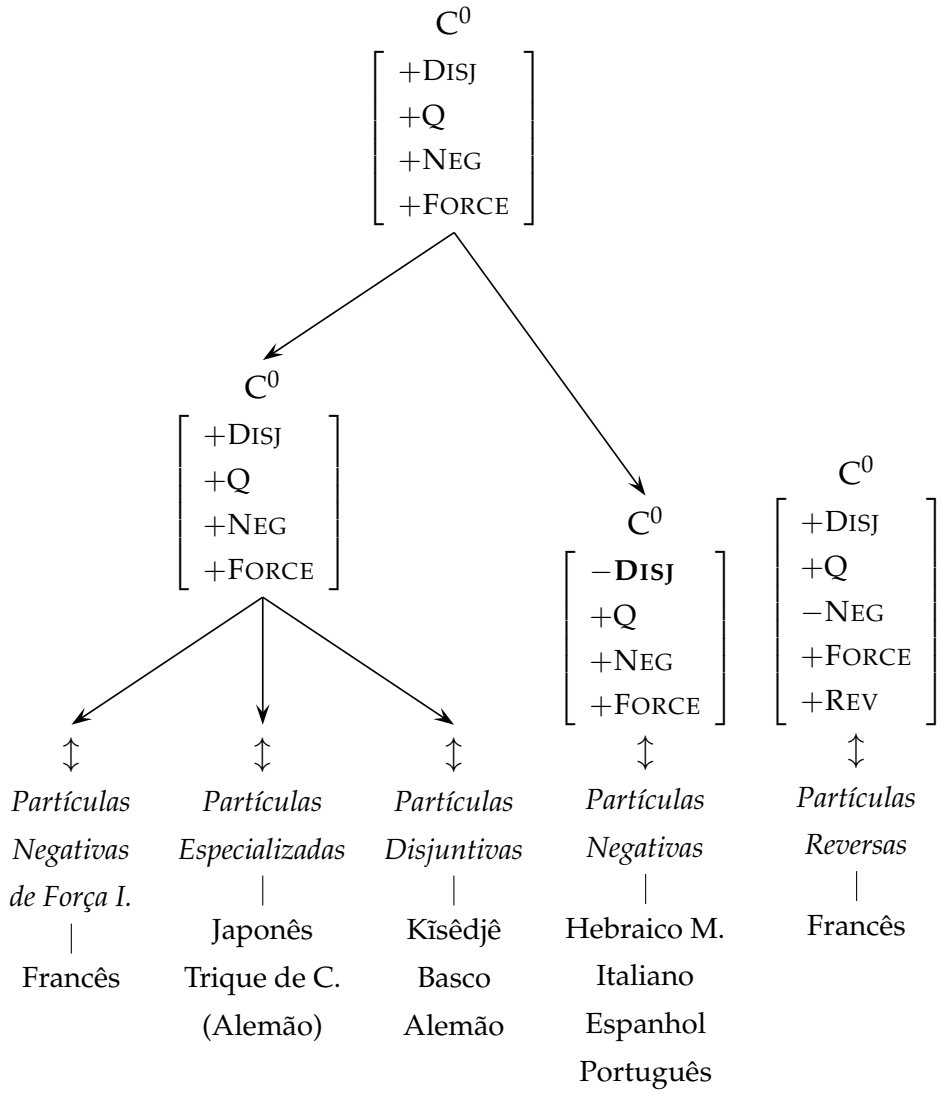
b. ta zhu zher ma?
ele vive aqui Q
"Ele vive aqui?"
[$_{CP}$ [$_{TP}$ ta zhu zher] ma]
(Huang, Li e Li 2009, p.238)

A hierarquização entre os traços [+DISJ, +NEG] para efeitos de inserção lexical, a possibilidade de empobrecimento do traço disjuntivo e a especificação morfossintática dos itens de vocabulário da língua são suficientes para derivar a tipologia dos *tag questions reduzidos*. Em minha análise, para que a polaridade invertida e as condições de elipse sejam satisfeitas, o núcleo C^0 em *tag questions reduzidos* fatalmente deverá portar, além dos traços [+DISJ, +Q], o traço [+NEG], que será responsável pela negação do segundo TP.

Os *tag questions reduzidos* formados por partícula negativa sofreriam empobrecimento do traço [DISJ], o mesmo processo encontrado nos *tag questions canônicos*, nas questões VP-VP, e questões A-não-A coordenativas, impedindo que o item de vocabulário disjuntivo dispute a posição (Hebraico, Italiano, Francês, Espanhol e Português). Esquematicamente, teríamos:

[22] A presença do empobrecimento do traço disjuntivo poderia ser questionada nas questões A-não-A, já que tanto Mandarim quanto Taiwanês e Cantonês apresentam mais de um item de vocabulário negativo, e a escolha depende de outros fatores da estrutura informacional, como aspecto, modo, ... (*cf.* seção 3.1.2 e Cheng, Huang e Tang (1997) para informações iniciais a esse respeito). Os itens de vocabulário negativos nessas línguas seriam especificados para outros traços morfossintáticos, além do negativo (em Mandarim, por exemplo, /bu/ $\leftrightarrow$ [+NEG,+α]), e, portanto, venceriam o item de vocabulário disjuntivo (por exemplo, em Mandarim, /haishi/ $\leftrightarrow$ [+DISJ]) independentemente de o traço disjuntivo ser empobrecido. Assumo, contudo, que o empobrecimento aplica-se também a essas estruturas, já que também se aplica a questões VP-VP.

(51)



Proponho, preliminarmente, os seguintes itens de vocabulário para cada tipo de *tag question* em cada uma das línguas estudadas:

(52) ITENS DE VOCABULÁRIO:

Partícula Negativas de Força Ilocucionária:

Francês: /non/ ↔ [+NEG, +FORCE] ✔

Partícula Disjuntiva:

Kĩsêdjê: /jantã/
Basco: /ala/
Alemão: /oder/
} ↔ [+DISJ] ✔ *(Sincretismo horizontal!)*

Kĩsêdjê: /khêrê/
Basco: /ez/
Alemão: /nein/
} ↔ [+NEG] ✗

Partículas Negativas: *(Empobrecimento do traço disjuntivo!)*

Hebraico Moderno:	/lo/	↔ [+NEG] ✔ *(Sincretismo horizontal!)*
Italiano:	/no/	
Espanhol:	/no/	
Português:	/não/	

Hebraico Moderno:	/o/	↔ [+DISJ] ✗
Italiano:	/o/	
Espanhol:	/o/	
Português:	/ou/	

Partículas especializadas:

Japonês:	/ne/	↔ [+DISJ, +Q, +NEG, +FORCE] ✔
Trique de C.:	/zha^2/	
?Alemão:	/gell/	

Partículas Reversas:

Francês: /si/ ↔ [+REV, −NEG] ✔

Esses itens de vocabulário, associados ao empobrecimento do traço disjuntivo e à hierarquização entre os traços [+DISJ, +NEG], derivam a formação de *tag questions reduzidos* e os casos de sincretismo horizontal.

Há apenas uma língua que ainda parece desafiadora a esta análise: o Alemão. Em princípio, se uma língua apresenta *tag questions reduzidos* com partículas especializadas, as outras possibilidades serão barradas, já que, fatalmente, os outros itens de vocabulário canditados à posição serão menos adaptados. O Alemão apresenta tanto *tag questions reduzidos* com partículas especializadas quanto com partículas disjuntivas. Esse tipo de língua, não é, em princípio, esperado em uma análise como a minha. Podemos nos perguntar, contudo, até que ponto esses dois tipos de *tag questions* do alemão são sinônimos:

(53) *Alemão* - TAG QUESTIONS REDUZIDOS - partícula especializada

João spielt Schach, gell?
João joga xadrez PRT
"João joga xadrez, né?"

(54) *Alemão* - TAG QUESTIONS REDUZIDO - partícula disjuntiva

João spielt Schach, oder?
João joga xadrez ou
"João joga xadrez, né?"

Se os dados acima realmente forem sinônimos, o Alemão torna-se aparentemente um desafio para minha análise. Se, contudo, houver alguma diferença de estrutura

informacional entre esses dois dados, a partícula especializada poderá ser especificada para tal propriedade diferencial e, assim, a distribuição entre os dois tipos de partícula em *tag questions reduzidos* se seguirá de diferentes composições de traços do núcleo C^0, com ou sem a especificação de característica diferencial. Essa dupla possibilidade de formação de *tag questions* reduzidos em Alemão pode ainda ser procendente de uma variação dialetal. Neste caso, não haveria problema algum para minha análise.[23]

Esse ponto ainda está sob investigação.

A aplicação do *empobrecimento do traço disjuntivo* seguiria o seguinte quadro:

(55) DISTRIBUIÇÃO DA APLICAÇÃO DO EMPOBRECIMENTO DO TRAÇO DISJUNTIVO

	TQ CANÔNICO (C^0)	TQ REDUZIDO (C^0)	VP-VP (Σ^0)	A-NÃO-A COORD. (Σ^0)
Português	✔	✔	∅	∅
Inglês	✔	∅	∅	∅
Samoano	✔	∅	∅	∅
Gaélico E.	✔	∅	∅	∅
Dinamarquês	✔	∅	∅	∅
Taiwanês	✔	∅	∅	✔
Persa	✔	∅	∅	∅
Hindi	✔	∅	∅	∅
Dime	✔	∅	∅	∅
Meithei	✔	∅	∅	∅
Basco	∅	✗	∅	∅
Kĩsêdjê	∅	✗	∅	∅
Alemão	∅	✗	∅	∅
Trique de C.	∅	∅	∅	∅
Japonês	∅	∅	∅	∅
Francês	∅	∅	∅	∅
Italiano	∅	✔	∅	∅
Espanhol	∅	✔	∅	∅
Hebraico M.	∅	✔	∅	∅
Mandarim	∅	∅	✔	✔
Cantonês	∅	∅	∅	∅
Teochew	∅	∅	∅	✔

[23] Agradeço a Klaus Abels (c.p.) por me informar da existência de variação dialetal na formação de *tag questions* reduzidos em Alemão. Para mais detalhes a esse respeito, ver *http://www.philhist.uni-augsburg.de/lehrstuehle/germanistik/sprachwissenschaft/ada/runde_2/f19a-b/*.

✔ = Aplicação do *empobrecimento do traço disjuntivo*;
✗ = Não aplicação do *empobrecimento do traço disjuntivo*;
∅ = Estrutura em questão não atestada/documentada na língua, ou a aplicação do *empobrecimento do traço disjuntivo* é irrelevante.

3.4 Questões A-não-A reduplicativas

Nesta seção, apresentarei duas análises para questões A-não-A reduplicativas. A compreensão que tenho dessas estruturas até o momento impede-me de apontar uma das análises como mais promissora que outra.

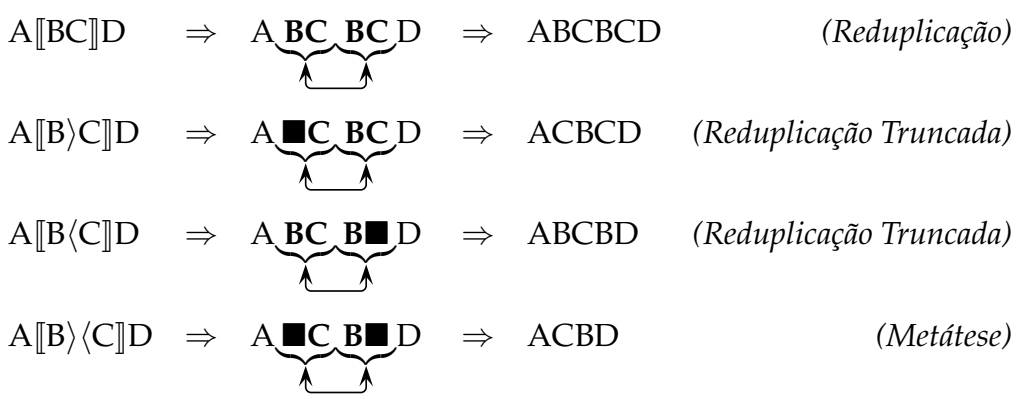
3.4.1 Proposta 1 - Reduplicação como Regra de Reajuste

Uma maneira de lidar com as questões A-não-A reduplicativas seria por meio da formulação de uma regra de reduplicação. Para isso, adotarei aqui o sistema de Halle e Harris (2005). O formalismo apresentado pelos autores permite especificar reduplicação, reduplicação truncada[24] e metátese por meio da inserção de diacríticos que especificam instruções de cópia e apagamento. Basicamente, as junturas "⟦" e "⟧"[25] especificam a porção a ser reduplicada; "⟩" e "⟨" especificam porções dos itens copiados a serem suprimidas. Esses símbolos seriam introduzidos em PF por meio de regras de reajuste. Basicamente, o formalismo funciona da seguinte maneira:

[24]Os termos "reduplicação total" e "reduplicação parcial" são usados de diferentes maneiras nos estudos linguísticos. Nos estudos decritivistas a que tive acesso, de modo geral, "reduplicação total" é usado sempre que uma base/morfema é copiada por inteiro (eg. xyzw → xyzwxyzw), e "reduplicação parcial" é usado quando a reduplicação afeta parte da base, mesmo que o resultado seja dois elementos contíguos (eg. xyzw → xyxyzw). Halle e Harris (2005) e Halle (2008), por outro lado, usam o termo "reduplicação total" sempre que os elementos copiados aparecem contíguos no *output* (eg. xyzw → xyzwxyzw; xyzw → xyxyzw) e "reduplicação parcial" quando a sequência copiada não aparece contígua (eg. xyzw → zwxyzw). Para evitar confusões terminológicas, adotarei a nomenclatura dos estudos descritivistas. Para a tipologia de Halle e Harris (2005) e Halle (2008), utilizarei os termos "reduplicação" (e.g. xyzw → xyzwxyzw; xyzw → xyxyzw), e "reduplicação truncada" (eg. xyzw → zwxyzw) emprestados de Frampson (2004).

[25]Usarei, aqui, a notação de Arregi e Nevins (2012) tanto para as junturas quanto para a especificação das regras.

(56) FORMALISMO DE HALLE E HARRIS (2005)[26]



Em Dime, por exemplo, o aspecto progressivo é formado pela sufixação do morfema imperfectivo "-déé" mais a reduplicação da raíz verbal (total ou parcial, dependendo de propriedades da raiz).

(57) *Dime* - FORMAÇÃO DO ASPECTO PROGRESSIVO - Reduplicação

a. t'ul -t'ul -déé -t
nadar -nadar -ASP -AGR
"nadando"

b. tíŋ -tíŋ -déé -t
ir -ir -ASP -AGR
"indo"

No formalismo adotado, essa reduplicação seria representada da seguinte maneira:

(58) a. ⟦t'ul⟧-déé-t ⇒ **t'ul** **t'ul**-déé-t ⇒ t'ul-t'ul-déé-t

b. ⟦tíŋ⟧-déé-t ⇒ **tí**ŋ **tí**ŋ -déé-t ⇒ tíŋ-tíŋ-déé-t

Como exemplo de reduplicação truncada, temos os dados do Madurês e do Chukchi (apresentados em Marantz 1982 *apud* Frampson 2004 e Halle 2008). Em Madurês, a formação de plural de alguns nomes envolve um tipo de reduplicação:

(59) *Madurês* - FORMAÇÃO DE PLURAL - Reduplicação Truncada

a. tre-estre-an (estre)
ta-fruta-SUF
"frutas"

b. en-maen-an (maen)
do-brinquedo-SUF
"brinquedos"

[26] A representação intermediária não tem estatuto teórico. Ela é somente um recurso didádico que utilizei para apresentar os efeitos das junturas.

O morfema de plural, então, desencadearia uma regra de reajuste que inseriria as junturas da seguinte maneira:

(60) a. ⟦es⟩tre⟧-an ⇒ ■**tre** **estre**-an ⇒ tre-estre-an

b. ⟦ma⟩en⟧-an ⇒ ■**en** **maen**-an ⇒ en-maen-an

Em Chukchi, a formação de absolutivo singular para certos nomes é também dada por reduplicação truncada:

(61) *Chukchi* - ABSOLUTIVO SINGULAR - Reduplicação Truncada

a. nute-nut (nute)
terra-terr.ABS.SG
"terra"

b. jil?-jil (jil?)
roedor-roe.ABS.SG
(um tipo de) "roedor"

Nesse caso, a reduplicação seria representada da seguinte maneira:

(62) a. ⟦nut⟨e⟧ ⇒ **nute** **nut**■ ⇒ nute-nut

b. ⟦jil⟨?⟧ ⇒ **jil**? **jil**■ ⇒ jil?-jil

Finalmente, alguns dialetos do espanhol permitem uma certa variação na posição do morfema plural do verbo quando o verbo está no imperativo[27]. Como fragmento do paradigma, temos os dados a seguir, em que o morfema plural do verbo pode ser aparentemente "deslocado" para a direita do pronome enclítico:

(63) *Espanhol* - Metátese

a. véndan**-lo** *(forma normativa)*
vendam-no
a' vénda-**lon** *(forma alternativa)*
b. sírvan**-me** *(forma normativa)*
sirvam-me
b'. sírva-**men** *(forma alternativa)*

Segundo o sistema de Halle e Harris, a metátese seria apenas um tipo de reduplicação truncada. No caso do Espanhol, a regra de reajuste inseriria as junturas assim:

[27]Para mais detalhes a respeito desses dados, ver Halle e Harris (2005).

(64) a. vénda⟦n⟩⟨lo⟧ ⇒ vanda**■ lo n■** ⇒ vénda-lon

b. sírvan⟦n⟩⟨me⟧ ⇒ sírva**■ me n■** ⇒ sírva-men

As questões A-não-A reduplicativas, nesse quadro teórico, seriam, então, especificadas da seguinte maneira:

(65) *Mandarim*

a. ta xi bu xihuan zheben shu?
ele gos não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"
(Huang 1991, p. 306)

a′. ⟦bu⟩xi⟧hian ⇒ **■ xi bu xi**huan ⇒ xi bu xihuan "gostar"

b. ni jintian gao- bu gaoxing?
você hoje fe não feliz
"Você está feliz hoje ou não"
(Huang, Li e Li 2009, p. 252)

b′. ⟦bu⟩gao⟧xing ⇒ **■ gao bu gao**xing ⇒ gao bu gaoxing "feliz"

(66) *Cantonês* - QUESTÕES A-NÃO-A REDUPLICATIVAS

a. nei zung-m-zungji jamok?
você gos-não-gosta música
"Você gosta de música?"
(Law 2001, p.302)

a′. ⟦m⟩zung⟧ji ⇒ **■ zung m zung**ji ⇒ zung-m-zungji "gostar"

b. ngo ho-m-hoji **zinghai** gaau jat pin man?
eu posso-não-posso somente submeter um CL artigo
"Eu posso submeter só um artigo?"
(Law 2001, p.305/306)

b′. ⟦m⟩ho⟧ji ⇒ **■ ho m ho** ⇒ ho-m-hoji "poder"

(67) *Teochew coloquial de Singapura* - QUESTÕES A-NÃO-A REDUPLICATIVAS

a. Ah Meng su m suka ji bun zi?
Ah Meng gos não gosta esse CL livro
"Ah Meng gosta desse livro?"
(Cole e Lee 1997, p. 190)

a′. ⟦m⟩su⟧ka ⇒ **■ su m su**ka ⇒ su-m-suka "gostar"

Proponho que a seguinte regra seja responsável pela inserção das junturas que desencadearão a reduplicação:

(68) REDUPLICAÇÃO A-NÃO-A

a. Descrição estrutural: $X\ \Sigma_{[+\text{NEG},+\text{Q}]} \left\{ \begin{array}{c} \text{V} \\ \text{A} \end{array} \right\} Y$;

b. Mudança estrutural:

(i) Insira ⟦ imediatamente à esquerda de Σ e ⟧ imediatamente à direita da primeira sílaba de $\left\{ \begin{array}{c} \text{V} \\ \text{A} \end{array} \right\}$;

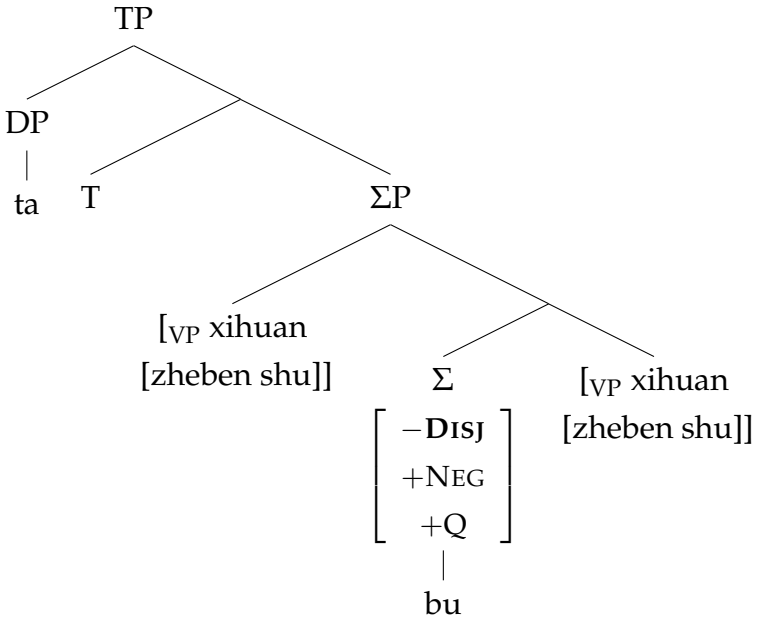
(ii) Insira ⟩ imediatamente à direita de Σ.

Para que essa regra funcione adequadamente, temos que assumir, ainda, que a presença do traço disjuntivo barra sua aplicação. Essa restrição tem como objetivo bloquear a aplicação da regra em questões A-não-A coordenativas que teriam, em minha análise, a estrutura a seguir:

(69) *Mandarim* - QUESTÃO A-NÃO-A COORDENATIVAS

a. ta xihuan zheben shu bu xihuan zheben shu?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta desse livro ou não não gosta desse livro?"

b.



3.4.2 Proposta 2 - Reduplicação como Consequência de Reajuste Fonológico

A teoria do movimento por cópia consiste em interpretar a aparente "propriedade de deslocamento" das línguas naturais como a interação entre as operações *Copy*, *Merge* e *Redução de Cadeias* (*cf.* Chomsky, 1995; Nunes 2004; e trabalhos subsequentes para

argumentação e detalhes técnicos). Vejamos, por exemplo, o movimento de um argumento interno de uma estrutura passiva pra posição de sujeito gramatical:

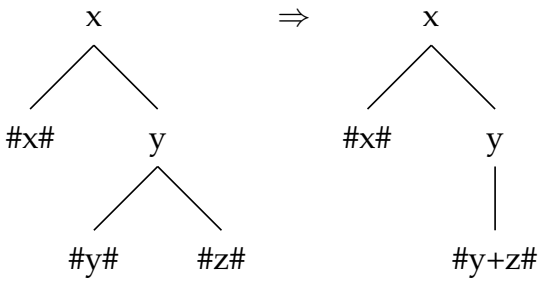
(70) a. K = [$_{TP}$ foi [$_{VP}$ visto Pedro]] Aplicações de *Merge*
b. K = [$_{TP}$ foi [$_{VP}$ visto Pedro]] *Copy*(Pedro)
L = Pedro
c. K′ = [$_{TP}$ Pedro [$_{T'}$ foi [$_{VP}$ visto Pedro]] *Merge*(K, L)

Se o algoritmo responsável por atribuir um ordenamento linear às estruturas interpretar as duas cópias de [Pedro] como objetos sintáticos não distintos, a linearização da estrutura acima será problemática. Por exemplo, [foi] e [visto] deverão, ao mesmo tempo, seguir e preceder [Pedro]. [Pedro] deverá ao mesmo tempo se seguir e se preceder. Fica assim, em princípio, impossível atribuir uma ordem linear para uma estrutura desse tipo. Para fins de linearização, condição imposta pelo sistema articulatório-perceptual, uma das duas cópias deve ser, portanto, apagada.[28]. Seguindo a nomenclatura de Nunes, vamos chamar esse procedimento de *Redução de Cadeias* e assumir, de modo simplificado, que ele especifique o apagamento de todas as cópias de uma cadeia, com exceção da cópia que c-comanda todas as outras[29]. Como resultado, teríamos:

(71) [$_{TP}$ Pedro [$_{T'}$ foi [$_{VP}$ visto ~~Pedro~~]]

Repare que uma análise desse tipo abre as portas para que, em certas condições, ocorra a realização fonética de múltiplas cópias de uma cadeia − basta que alguma operação torne uma das cópias "invisível" ao algoritmo de linearização. Nunes (2004) argumenta que a operação que possui esse efeito consistiria em reanalisar/fundir um complexo de núcleos em uma unidade atômica.

(72) REANÁLISE MORFOLÓGICA/ FUSÃO



(Kandybowicz 2007, p. 139)

[28]O raciocínio original de Nunes (2004) toma uma versão do *Axioma de Correspondência Linar* kayneano como algorítimo de linearização. Isso, contudo, não é uma necessidade lógica. Se assumirmos que as estruturas são linearizadas por um parâmentro de ordem, por exemplo, e que ele interpreta as duas ocorrências de Pedro como não distintas, a dificuldade de atribuição de ordem linear também ocorrerá.

[29]No sistema de Nunes, *Redução de cadeia* é definido de um modo mais genérico, e a decisão da cópia a ser apagada é tomada em termos de economia. Como minha análise não depende diretamente da implentação técnica proposta pelo autor, adotarei essa definição simplificada.

Refinando o raciocínio inicial de Nunes (2004), Kandybowicz (2007, p.139-141) argumenta que a operação de Fusão, ao destruir estrutura, afeta a ausência de distintividade morfossintática entre cópias da cadeia, ausência essa que desencadearia a *Redução de Cadeias*. O elo da cadeia que participa da Fusão: (i) tem suas fronteiras morfológicas (#...#) redefinidas e, portanto, distintas morfologicamente das outras cópias; e (ii) compartilha o terminal sintático com outro elemento e, portanto, é sintaticamente distinto dos outros elos da cadeia. Ao tornar as cópias da cadeia distintas entre si, a operação de fusão permite que mais de um elo seja pronunciado sem que haja problemas para que o algoritmo de linearização atribua uma ordem linear à estrutura.

Vejamos alguns exemplos apresentados por Nunes (2004) e outros autores em que se defende uma análise nessa linha para repetição de termos sintáticos:

ELEMENTOS WH

(73) *Alemão*

a. **Wen** glaubt Hans **wen** Jakob gesehen hat?
quem pensa Hans quem Jakob visto tem
"Quem Hans pensa que Jakob viu?"
(McDaniel 1986 apud Nunes 2004, p. 39)

b. [$_{CP}$ **Wen** glaubt Hans [$_{CP}$ #**wen**+C# Jakob gesehen hat ~~**wen**~~]]?

(74) *Romani*

a. **Kas** misline **kas** o Demìri dikhlâ?
quem você-pensa quem Demir viu
"Quem você pensa que Demir viu?"
(McDaniel 1986 apud Nunes 2004, p. 39)

b. [$_{CP}$ **Kas** misline [$_{CP}$ #**kas**+C# o Demìri dikhlâ ~~**kas**~~]]?

(75) *Frísio*

a. **Wer** tinke jo **wer**'t Jan wennet?
Onde pensa você onde-que Jan vive
"Onde você pensa que João vive?"
(Hiemstra 1986 apud Nunes 2004, p. 39)

b. [$_{CP}$ **Wer** tinke jo [$_{CP}$ #**wer**+t# Jan wennet ~~**wer**~~]]?

CLÍTICOS

(76) *Espanhol Argentino*

a. Vámo**nos** acostumbrando**nos** a este pais poco a poco.
Vamos-CLT.1P.PL acostumando-CLT.1P.PL a este país pouco a pouco
"Vamos nos acostumando a este país pouco a pouco."
(Nunes 2004, p. 45)

b. [$_{TP}$ #Vámo+**nos**# [$_{VP}$ acostumbrando**nos** a este pais poco a poco]]

REPETIÇÃO VERBAL

(77) *Vata*

a. **L̄i** à **l̄i**-dā zué sa̱ká.
comer nós comer-PAS ontem arroz
"Nós COMEMOS arroz ontem."
(Koopman 1984 apud Nunes 2004, p. 47)

b. [$_{FocP}$ #**l̄i**+Foc# [$_{TP}$ à **l̄i**-dā zué sa̱ká]]

(78) *Nupe*

a. Musa è **gi** bise **gi**.
Musa PRES comer galinha comer
"Musa ESTÁ comendo a galinha."
(Kandybowics 2007, p. 120)

b. [$_{TP}$ Musa è **gi** bise [$_{FocP}$ #**gi**+Foc# [$_{VP}$ ~~**gi**~~]]]

(79) *Portugues Brasileiro*

a. **Temper**-ar, o cozinheiro **temper**-ou aquele peixe (não a carne).
(Bastos-Gee 2009, p. 162)

b. [$_{TopP}$ #**Temper**-ar+Top# [$_{TP}$ o cozinheiro **temper**-ou aquele peixe]] (não a carne)

INCORPORAÇÃO DE POSPOSIÇÃO

(80) *Panará*

a. ka hẽ Ø-ka-ra-**hɔw**-pĩaseri prĩara **hɔw**
você ERG REAL.TR-2SG.ERG-3PL.ABS-com-brigar criança com
"Você brigou com as crianças."
(Quadros 2002 apud Nunes 2004, p. 49)

b. [$_{TP}$ ka hẽ Ø+ka+ra+#**hɔw**+pĩaseri# [$_{PP}$ prĩara **hɔw**]]

CLIVAGEM DE PREDICADOS

(81) *Japonês*

a. John-ga computer-o **kat-ta**-koto-wa **kat-ta**
John-NOM computador-ACC comprar-T-KOTO-CONT comprar-T
"Na verdade, John comprou um computador, (mas, ...)"
(Nishiyama e Cho 1997 apud Nunes 2004, p. 56)

b. [$_{FocP}$ [$_{TP}$ John-ga computer-o **kat-ta**-koto-wa] [$_{Foc'}$ #**kata**+Foc# t_{TP}]]

(82) *Coreano*

a. John-i computer-lul **sa-ss**-ki-nun **sa-ss**-ta
John-NOM computador-ACC comprar-T-KI-CONT comprar-T-MOD
"Na verdade, John comprou um computador, (mas, ...)"
(Nishiyama e Cho 1997 apud Nunes 2004, p. 55)

b. [$_{\text{FocP}}$ [$_{\text{TP}}$ John-i computer-lul **sa-ss**-ki-nun] [$_{\text{Foc}'}$ #**sa-ss**+Foc#-ta t_{TP}]]

(83) *Português Europeu*

a. O João **comprou** o carro, **comprou**.
(Martins 2007, p. 81)

b. [$_{\text{CP}}$ [$_{\text{TP}}$ o João **comprou** o carro] [$_{\text{C}'}$ #**comprou**+C# t_{TP}]]

Segundo os autores, todos esses casos envolveriam movimento (*Copy+Merge*) do material verbal, ou do clítico no caso do Espanhol Argentino, seguido de uma operação morfológica que reanalisa o complexo formado por uma das cópias verbais e o núcleo a que está adjungida.

Nesse sentido, questões A-não-A reduplicativas envolveriam a cópia do material verbal ou adjetival para Σ^0. O complexo de núcleos [$_{\Sigma^0}$ V Σ]/ [$_{\Sigma^0}$ A Σ] sofreria Fusão, distinguindo elos da cadeia morfossintaticamente. O truncamento do verbo/ adjetivo (*xihuan* → *xi*) seria um efeito de adaptação fonotática. Sabe-se que palavras polissilábicas são estranhas às línguas sino-tibetanas, que tendem a monossilabicidade, dado que o Proto-sino-tibetano é uma língua monossilábica (Lapolla 2005, p. 395). A operação de Fusão sempre que o verbo/ adjetivo fosse dissílabo (*xihuan/ gaoxing*), renderia uma palavra trissílaba (**#xihuan+bu# / *#gaoxing+bu#*). Como estratégia reparadora a essa restrição fonotática, parte do verbo/ adjetivo seria truncado (*#xihuan+bu#* → *#xi~~huan~~+bu#*).

(84) *Mandarim* - QUESTÕES A-NÃO-A REDUPLICATIVAS - Verbo

a. ta xi bu xihuan zheben shu?
ele gos não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"
(Huang 1991, p. 306)

b. (i) [$_{\text{TP}}$ ta [$_{\Sigma\text{P}}$ xihuan+bu [$_{\text{VP}}$ xihuan zheben shu]]]

(ii) [$_{\text{TP}}$ ta [$_{\Sigma\text{P}}$ **#xihuan+bu#** [$_{\text{VP}}$ xihuan zheben shu]]] *Fusão*

(iii) [$_{\text{TP}}$ ta [$_{\Sigma\text{P}}$ #xi~~**huan**~~+bu# [$_{\text{VP}}$ xihuan zheben shu]]] *Truncamento*

(iv) [$_{\text{TP}}$ ta [$_{\Sigma\text{P}}$ #xi+bu# [$_{\text{VP}}$ xihuan zheben shu]]]

(85) *Mandarim* - QUESTÕES A-NÃO-A REDUPLICATIVAS II - Adjetivo

a. ni jintian gao- bu gaoxing?
você hoje fe não feliz
"Você está feliz hoje ou não"
(Huang, Li e Li 2009, p. 252)

b. (i) ni jintian [$_{\Sigma\text{P}}$ gaozing+bu [$_{\text{AP}}$ gaoxing]]

(ii) ni jintian [$_{\Sigma\text{P}}$ **#gaoxing+bu#** [$_{\text{AP}}$ gaoxing]] *Fusão*

(iii) ni jintian [$_{\Sigma\text{P}}$ #gao~~**xing**~~+bu# [$_{\text{AP}}$ gaoxing]] *Truncamento*

(iv) ni jintian [$_{\Sigma\text{P}}$ #gao+bu# [$_{\text{AP}}$ gaoxing]]

(86) *Cantonês* - QUESTÕES A-NÃO-A REDUPLICATIVAS

a. nei zung-m-zungji jamok?
você gos-não-gosta música
"Você gosta de música?"
(Law 2001, p.302)

b. (i) [$_{TP}$ nei [$_{\Sigma P}$ zungji+m [$_{VP}$ zungji zungji jamok]]]

(ii) [$_{TP}$ nei [$_{\Sigma P}$ **#zungji+m#** [$_{VP}$ zungji jamok]]] *Fusão*

(iii) [$_{TP}$ nei [$_{\Sigma P}$ #zung~~ji~~+m# [$_{VP}$ zungji jamok]]] *Truncamento*

(iv) [$_{TP}$ nei [$_{\Sigma P}$ #zung+m# [$_{VP}$ zungji jamok]]]

(87) *Teochew coloquial de Singapura* - QUESTÕES A-NÃO-A REDUPLICATIVAS

a. Ah Meng su m suka ji bun zi?
Ah Meng gos não gosta esse CL livro
"Ah Meng gosta desse livro?"
(Cole e Lee 1997, p. 190)

b. (i) [$_{TP}$ Ah Meng [$_{\Sigma P}$ suka+m [$_{VP}$ suka ji bun zi]]]

(ii) [$_{TP}$ Ah Meng [$_{\Sigma P}$ **#suka+m#** [$_{VP}$ suka ji bun zi]]] *Fusão*

(iii) [$_{TP}$ Ah Meng [$_{\Sigma P}$ #su~~ka~~+m# [$_{VP}$ suka ji bun zi]]] *Truncamento*

(iv) [$_{TP}$ Ah Meng [$_{\Sigma P}$ #su+m# [$_{VP}$ suka ji bun zi]]]

A cópia do material verbal para Σ ocorreria na presença do traço interrogativo nesse núcleo. Esse procedimento seria, contudo, bloqueado se Σ, além do traço interrogativo, portasse o traço disjuntivo, impedindo que esse processo ocorresse no interior de questões A-não-A coordenativas de modo semelhante à restrição sobre a regra proposta na seção anterior.

3.5 (Re)interpretando restrições contextuais em questões A-não-A

Vimos, no capítulo anterior, que questões A-não-A apresentam certas restrições contextuais. Basicamente, questões A-não-A, de modo geral, não podem aparecer em contexto de ilhas (com exceção do Teochew Coloquial de Singapura) e com elementos quatificacionais em determinadas posições:

(88) *Mandarim* - QUESTÕES A-NÃO-A - Sensibilidade a ilhas

a. *ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ mai shu bu mai shu] de ren?
você mais gostar comprar livro não comprar livro DE pessoa
"Você prefere pessoas que gostam de livros ou não gostam de livros?"

b. *ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ lai bu lai] de nei-ge ren?
você mais gostar vir não vir DE aquele-CL pessoa
("Você prefere a pessoa que vai vir ou a pessoa que não vai vir?")

c. *[$_{Suj}$ ta lai bu lai] bijiao hao?
ele vir não vir mais bom
"É melhor que ele venha ou não venha?"
(Huang, Li e Li 2009, p. 247/246)

(89) *Cantonês* - SUJEITO/OBJETO QUANTIFICADO

a. ***mui** go hoksaang dou zung-m-zungji tai dinsi aa3?
todo CL estudante tudo gos-não-gostar assistir TV PRT
"Todo estudante gosta de assistir TV?"

b. sinsaang gamnin wui-m-wui sung laimat bei **mui** go hoksaang aa3?
professor este-ano vai-não-vai dar presente para **todo** CL estudante PRT
"O professor vai dar presentes para todos os estudantes?"
(Law 2001, p. 304)

(90) *Cantonês* - ADVÉRBIOS DE QUANTIFICAÇÃO

a. *ngo **zinghai** ho-m-hoji gaau jat pin man?
eu somente posso-não-posso submeter um CL artigo
"Eu só posso submenter um artigo?"

b. ngo ho-m-hoji **zinghai** gaau jat pin man?
eu posso-não-posso somente submeter um CL artigo
"Eu posso submeter só um artigo?"
(Law 2001, p. 305/306)

Análises anteriores para questões A-não-A (Huang 1991; Huang, Li e Li 2009; Law 2001; *cf.* capítulo anterior) postularam, para essas estruturas, um elemento Q no domínio IP que se moveria em LF para o domínio CP. A interação entre os domínios IP e CP na formação de sentenças interrogativas não parece ser uma idiossincrasia das questões A-não-A. A inversão sujeito-verbo do Inglês, do Alemão, e do Sueco (entre outros) pode, obviamente, ser entendida como efeito da presença de um traço [+Q] no domínio IP que se move para CP abertamente para marcar a sentença como interrogativa:

(91) *Inglês*

a. John **was** playing chess.
John estava jogando xadrez
"John estava jogando zadrez"

b. **Was** John playing chess?
estava John jogando xadrez
"John estava jogando zadrez?"

(92) *Sueco*

a. Lars **läser** tidningen.
Lars lê o.jornal
"Lars está lendo o jornal"

b. **Läser** Lars tidningen?
lê Lars o.jornal
"Lars está lendo o jornal?"
(*König e Siemund 2007, p. 298*)

(93) *Alemão*

a. Der Lehrer **trink-t** das Wasser.
o professor **bebe-3SG** a água
"O professor está bebendo a água"

b. **Trink-t** der Lehrer das Wasser.
bebe-3SG o professor a água
"O professor está bebendo a água?"
(Dryer 2005, p. 470)

Além disso, em Dime, o traço de pergunta interage diretamente com os morfemas flexionais de concordância verbal (/t/ $\leftrightarrow$ [+ autor]). A formação de pergunta nessa língua envolve a retirada de morfemas flexionais, que aparecem em contexto declarativo:

(94) *Dime* - FORMAÇÃO DE PERGUNTAS POLARES - Ausência de morfemas flexionais

a. wótú sól-is-im k'óm-déé-**t**
1PL.SUJ enjera-DEF-ACC assar-IMPERF-**1**
"Nós vamos assar a enjera."

b. wótú sól-is-im k'óm-déé-∅
1PL.SUJ enjera-DEF-ACC assar-IMPERF-**Q**
"Nós vamos assar a enjera?"
(Seyoum 2008, p.163)

Na análise que estou propondo, um traço [+Q] aparece na camada IP. Esse traço deve ser, de alguma forma, associado ao domínio CP para que tenha escopo sobre toda a sentença (Huang, Li e Li 2009). Assumirei que essa associação faz-se por meio de concordância. Tecnicamente, o núcleo C^0 de questões A-não-A teria um traço interpretável [*i*Q] não valorado, que sonda seu domínio de c-comando entrando em uma relação de concordância, *Agree*, com o traço não interpretável [*u*+Q] em Σ^0, que estaria sujeita a restrições de *minimalidade* (Rizzi 1990) e de *ciclicidade* (Chomsky 1973, 2001; Uriagereka 1999; *inter alia*).

Seguindo a intuição de Law (2001), assumo que, dada a natureza quantificacional do traço [+Q], a relação de concordância entre os traços [+Q] em C^0 e Σ^0 é barrada por

minimalidade quando um elemento quantificacional γ encontra-se entre elas (tal que C^0 c-comanda γ, e γ c-comanda Σ^0). Isso explicaria os casos de impossibilidade de formação de questões A-não-A com sujeito quantificado, em oposição à possibilidade de formação de questões A-não-A com objeto quantificado:

(95) *Cantonês* - SUJEITO/OBJETO QUANTIFICADO

a. *$C_{[i+Q]}$ **mui** go hoksaang dou zung-$m_{[u+Q]}$-zungji tai dinsi aa3?
todo CL estudante tudo gos-não-gostar assistir TV PRT
"Todo estudante gosta de assistir TV?"

b. $C_{[i+Q]}$ sinsaang gamnin wui-$m_{[u+Q]}$-wui sung laimat bei **mui** go hoksaang aa3?
professor este-ano vai-não-vai dar presente para **todo** CL estudante PRT
"O professor vai dar presentes para todos os estudantes?"

(96) *Cantonês* - ADVÉRBIOS DE QUANTIFICAÇÃO

a. *$C_{[i+Q]}$ ngo **zinghai** ho-$m_{[u+Q]}$-hoji gaau jat pin man?
eu somente posso-não-posso submeter um CL artigo
"Eu só posso submenter um artigo?"

b. $C_{[i+Q]}$ ngo ho-$m_{[u+Q]}$-hoji **zinghai** gaau jat pin man?
eu posso-não-posso somente submeter um CL artigo
"Eu posso submeter só um artigo?"

Passemos aos casos de restrição de ilhas. Assumo que os objetos sintáticos são enviados ciclicamente, em pedaços, para as interfaces LF e PF (*Spell Out*) (Uriagereka 1999; Nunes e Uriagereka 2000; Chomsky 2001). Os objetos sintáticos enviados às interfaces, e seus termos, ficam, assim, indisponíveis para futuras operações sintáticas. Seguindo Uriagereka (1999) e Nunes e Uriagereka (2000), assumo que objetos sintáticos complexos, ramificados, que serão inseridos numa posição de especificador ou de adjunto, uma vez montados, devem ser enviados às interfaces antes que sejam conectados à estrutura. O envio cíclico de materiais sintáticos que figurarão na posição de especificadores e adjuntos seria uma condição para que a estrutura fosse mapeada em um ordenamento linear. Assumindo que a ordem linear é estabelecida por meio da relação de c-comando assimétrico (Kayne 1994) entre os itens lexicais, os autores argumentam que o envio desses objetos para as interfaces, *SpellOut*, faz com que eles se comportem como itens lexicais complexos, o que permite a relação de c-comando assimétrico entre eles e o os itens lexicais da espinha dorsal da estrutura.[30]

[30]Seguindo Kayne (1994), eles argumentam que um termo sintático α precede um termo sintático β se e somente se α c-comanda assimetricamente β. No caso do adjuntos, outras propriedades também entrariam em cena para a especificação da ordem linear (Nunes e Uriagereka 2000, nota 5.)

Esse mecanismo explicaria certos efeitos de localidade de movimento à medida que barraria, de modo geral, a extração de dentro de especificadores e adjuntos[31]. Por exemplo:

(97) EXTRAÇÃO DO INTERIOR DE ESPECIFICADORES

* De quem [o filho $t_{\text{de quem}}$] viu a Maria?

[de quem] não poderia sair de dentro do sujeito já que objetos sintáticos que serão conectados às posições de especificadores são enviados às interfaces antes mesmo de serem conectados ao resto da estrutura, tornando seus termos inacessíveis ao sistema computacional:

(98) a. K = [$_{\text{DP}}$ o irmão de quem] — Aplicações de *Merge*
L = [$_{\text{V}'/\text{VP}}$ viu a Maria]

b. K′ = o filho de quem — *SpellOut*(K)
L = [$_{\text{V}'/\text{VP}}$ viu a Maria]

c. M = [$_{\text{VP}}$ o filho de quem [$_{\text{V}'}$ viu a Maria]] — *Merge*(K′, L)

Ao enviar [o filho de quem] às interfaces, seus termos ficam indisponíveis para futuras operações sintáticas.

Algo semelhante aconteceria com adjuntos complexos, ramificados, já que os itens de vocabulário que o compõem não podem ser diretamente mapeados em relações de precedência em relação a outros da estrutura.

(99) *Quem Maria chorou [quando t_{quem} chegou]?

(100) a. K = [$_{\text{VP}}$ Maria chorou] — Aplicações de *Merge*
L = [$_{\text{CP}}$ quando quem chegou]

b. K = [$_{\text{VP}}$ Maria chorou]
L′ = [$_{\text{CP}}$ quando quem chegou] — *SpellOut*(L)

c. M = [$_{\text{VP}}$ [$_{\text{VP}}$ Maria chorou] [$_{\text{CP}}$ quando quem chegou]] — *Merge*(K, L′)

A extração de [quem] é barrada já que o adjunto [quando quem chegou] é enviado às interfaces antes de a conexão com o resto da estrutura ser feita.[32]

Esse raciocínio explicaria por que a concordância entre C^0 e Σ^0 é barrada em questões A-não-A em contexto de ilhas. A proposta original de Uriagereka e Nunes envolve o bloqueamento de movimento para fora de especificadores e adjuntos, e pode ser estendida para casos de concordância que estamos estudando.

[31] A impossibilidade de extração do interior de especificadores e adjuntos é geralmente descrita na literatura como *Condição de Domínios de Extração* (Huang 1982). Para discussão atualizada a esse respeito, ver Jurka (2010).

[32] Nestes casos, um mecanismo específico de língua especificaria a posição dos adjuntos.

(101) *Mandarim* - QUESTÕES A-NÃO-A - Sensibilidade a ilhas

a. *ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ mai shu bu mai shu] de ren?
você mais gostar comprar livro não comprar livro DE pessoa
"Você prefere pessoas que gostam de livros ou não gostam de livros?"

a′. *$C_{[i+Q]}$ ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ mai shu $bu_{[u+Q]}$ mai shu] de ren?

b. *ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ lai bu lai] de nei-ge ren?
você mais gostar vir não vir DE aquele-CL pessoa
("Você prefere a pessoa que vai vir ou a pessoa que não vai vir?")

b′. *$C_{[i+Q]}$ ni bijiao xihuan [$_{SRel}$ lai $bu_{[u+Q]}$ lai] de nei-ge ren?

c. *[$_{Suj}$ ta lai bu lai] bijiao hao?
Ele vir não vir mais bom
"É melhor que ele venha ou não venha?"

c′. *$C_{[i+Q]}$ [$_{Suj}$ ta lai $bu_{[u+Q]}$ lai] bijiao hao?

Nesses casos, ao enviar o sujeito (especificador) e as sentenças relativas (adjuntos) às interfaces, o traço interrogativo não interpretável de Σ^0 seria impedido de entrar em concordância com o traço interrogativo no domínio CP, e, sobrevivendo em LF, causaria o fracasso da derivação.

3.6 A posição do sujeito em questões A-não-A e *tag questions* com elementos fronteados

A *Hipótese do Sujeito interno ao Predicado* sustenta-se basicamente em dados que revelam que verbos/adjetivos, seus argumentos (sujeito e complementos) formam um constituinte sintático independente da informação temporal. Alguns desses dados são: (i) expressões idiomáticas *sujeito verbo complemento* formadas independentemente da informação temporal; (ii) efeitos de *binding* em frontemanto de VPs/ APs; (iii) retomada pronominal *sujeito verbo complemento* independentemente do tempo; entre outros.[33]

(102) EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

a. A vaca foi pro brejo.

b. A vaca vai pro brejo.
([a vaca ir pro brejo] = *algo não dar certo*)

[33]Há, na literatura gerativista, inúmeros argumentos a favor da Hipótese do Sujeito Interno ao Predicado (Zagona 1982; Kitagawa 1986; Speas 1986; Contreras 1987; Sportiche 1988; Koopman e Sportiche 1991, Huang 1993) e, de modo geral, alguma versão dessa análise é aceita pela maioria dos acadêmicos vinculados a esse quadro teórico. Não é minha intenção, aqui, fazer uma revisão detalhada nem uma avaliação detalhada desses trabalhos. Apresento, por motivos expositivos, somente os dados que julgo menos controversos e que permitem uma apresentação simples da hipótese.

(103) BINDING

a. [$_{VP}$ t_2 Tirar fotos de si mesmo$_{*1/2}$] o Pedro disse$_1$ que o João$_2$ vai t.

b. (i) Eles$_1$ não sabiam ao certo [quantas fotos [um do outro]$_{1/2}$] os meninos$_2$ viram t.

(ii) Eles$_1$ não sabiam ao certo [quão t_2 orgulhosos [um do outro]$_{*1/2}$] os meninos$_2$ estavam t.

(104) RETOMADA PRONOMINAL[34]

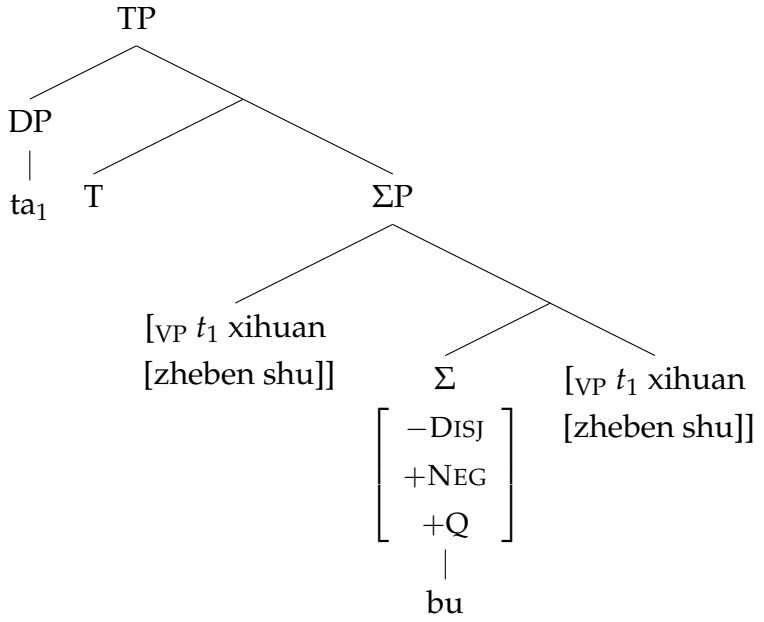
Eu bebi uma garrafa de uísque ontem, mas **isso** nunca mais vai acontecer.
*(isso = [eu beb-***er** *uma garrafa de uíque]/ *[eu beb-***i** *uma garrafa de uísque]*)

Se assumirmos a *Hipótese do Sujeito Interno ao Predicado*, os dados de questões A-não-A coordenativas terão duas posições de base para o sujeito gramatical em minha análise.[35]

(105) *Mandarim* - QUESTÃO A-NÃO-A COORDENATIVAS

a. ta xihuan zheben shu bu xihuan (zheben shu)?
ele gosta esse livro não gosta esse livro
"Ele gosta desse livro ou não não gosta desse livro?"

b.

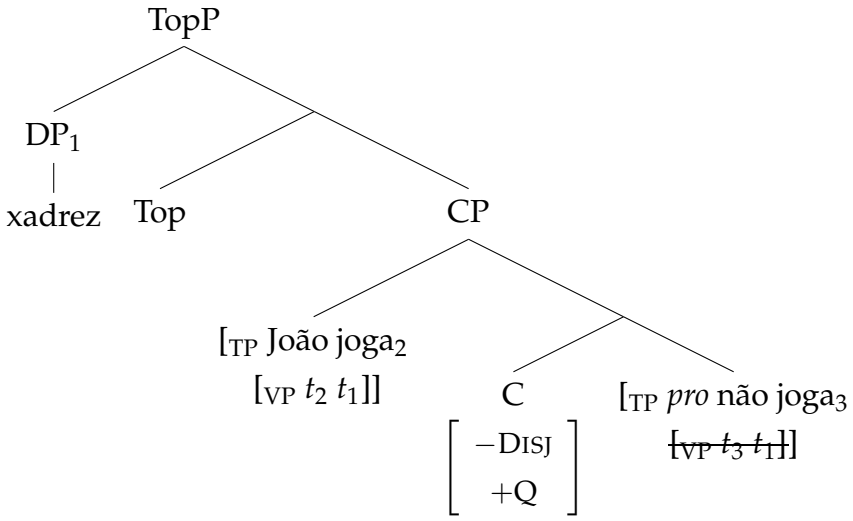


[34]Esses dados me foram apresentados por Maximiliano Guimarães (c.p.) como argumento para hipótese do sujeito interno ao predicado e foram discutidos no quadro teórico da Semântica Gerativa (Lakoff 1970, p. 165, nota 7).

[35]A *Hipótese do Sujeito Interno ao Predicado*, neste trabalho, agrupa uma família de análises em que o verbo e seus argumentos formam um constituinte independente do núcleo em que a informação temporal é interpretada está localizado. É irrelevante, aqui, se o sujeito é gerado em [Spec, VP], [Spec, *v*P], [Spec, *voice*P] (Kratzer 1996). Utilizarei [Spec, VP] por motivos expositivos e para dar unidade ao resto do trabalho. Para discussão e bibliografia a esse respeito, ver Den Dikken (2006, seção 2.3).

Repare que uma questão análoga se coloca para os *tag questions* com elementos fronteados:[36]

(106) a. Xadrez, o João joga, não joga?

b. 

Repare também que, nos dois casos, há um movimento aparente de elemento sintático para fora de um especificador, violando, em princípio, a *Condição de Domínios de Extração*, CED (Huang 1982).

Elementos movidos que parecem ser oriundos de duas posições sintáticas distintas vêm sendo analisados há algum tempo no âmbito da gramática gerativa. Os dois casos tradicionais são as chamadas *lacunas parasitas* e as construções *across-the-board extraction* (ATB):

(107) LACUNA PARASITA

a. Which paper did you file without reading?
que artigo AUX você arquivar sem ler
"Que artigo você arquivou sem ler?"

b. [Which paper]$_1$ did you file t_1 without reading t_1

(108) ACROSS-THE-BOARD EXTRACTION

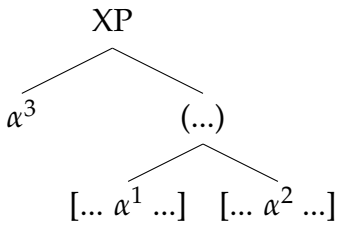
a. Which paper did John file and Mary read?
que artigo AUX John arquivar e Mary leu
"Que livro John arquivou e Mary leu?"

b. [Which paper]$_1$ did John file t_1 and Mary read t_1?

[36] O sujeito nulo do Português da oração final foi tratado aqui, como recurso expositivo, por *pro*. Se o sujeito *lexical* em Português estiver, na verdade, em uma posição mais alta na estrutura, em uma projeção de tópico, por exemplo (*e.g.* [João$_1$ t_1 joga xadrez]), e o [Spec,TP] contiver um vestígio dessa categoria, a mesma análise que assumirei a seguir para o fronteamento de objeto, também, poderá acomodar essa análise.

Assumindo a Teoria de movimento por cópia, Nunes argumenta que tanto lacunas parasitas quanto *across-the-board extaction* seriam formadas por *movimento lateral* (*Copy+Merge*) com um posterior movimento (*Copy+Merge*) para uma posição mais alta que c-comandaria as duas ocorrências mais baixas. Esse procedimento renderia a seguinte configuração:

(109)



Nesse caso, duas cadeias seriam formadas: $CH_1 = \langle\ \alpha^3, \alpha^1\ \rangle$ e $CH_2 = \langle\ \alpha^3, \alpha^2\ \rangle$. A operação de *Redução de Cadeias* apagaria as cópias α^1 e α^2, c-comandadas por α^3, permitindo a linearização.

Assumo aqui que esse mecanismo é responsável pela configuração final dos sujeitos em Questões A-não-A coordentativas e em *tag questions* com elementos fronteados. Esse mesmo mecanismo seria responsável pela ausência de efeitos de CED em minha análise, já que, apesar da cadeia formada, nenhum objeto seria diretamente extraído do interior de um especificador.

3.7 *Pseudo tag questions*: primeiras palavras

Pseudo tag questions, até onde pude pesquisar, não receberam tratamento em nenhum quadro teórico, nem mesmo foram sistematizados do ponto de vista descritivo. Nesta seção, apresento uma primeira sitematização desse fenômeno, que nos permitirá vislumbrar um tratamento unificado apesar de sua diversidade entre as línguas.

Considere, primeiramente, os *pseudo tag questions* em Português:

(110) a. João joga xadrez, não é verdade?
b. João joga xadrez, não é mesmo?
c. João joga xadrez, não é?
d. João joga xadrez, certo?

[verdade], [mesmo] e [certo] são palavras do mesmo "campo semântico". Essas três palavras servem, em Português por exemplo, como marcadores discursivos que salientam a concordância ou a certeza do interlocutor sobre algo que foi dito.

Assumirei que palavras como [verdade], [mesmo] e [certo] são realizações fonológicas do operador VERUM (Romero e Han 2002, *inter alia*), que pode também ser

foneticamente nulo nessas construções. [37] Esse operador estabeleceria uma relação de predicação com a sentença, que seria posteriormente fronteada:

(111) a. [João joga xadrez]$_1$, não é [$_{SC}$ verdade$_{VERUM}$ t_1]?
b. [João joga xadrez]$_1$, não é [$_{SC}$ mesmo$_{VERUM}$ t_1]?
c. [João joga xadrez]$_1$, não é [$_{SC}$ Op_{VERUM} t_1]?
d. [João joga xadrez]$_1$, [$_{SC}$ certo$_{VERUM}$ t_1]?

A posição final da oração fronteada seria a mesma que a da oração inicial em *tag questions*. O fato de o viés espistêmico corresponder à oração incial, em minha análise, em todas as línguas estudadas sugere que a camada CP pode conter um domínio funcional ou um traço em seu núcleo que atribuiria tal viés ao seu especificador. Seria essa a posição final da oração fronteada. Se essa análise estiver no caminho certo, podemos estendê-la facilmente a todos os outros casos de *pseudo tag questions*. Ficaríamos com:

(112) *Alemão*

a. João spielt Schach, nicht wahr?
João joga xadrez, não verdade
"João joga xadrez, não é verdade?"
b. [João spielt Schach]$_1$, nicht [$_{sc}$ wahr$_{VERUM}$ t_1]?

(113) *Hebraico Moderno*

[37] Segundo Romero e Han (2002), esse operador, em declarativas do inglês, seria característico de afirmação enfática em dados como:

(i) John DOES$_{VERUM}$ play chess.
Jonn AUX jogar xadrez
"John realmente joga zadrez."

Em perguntas polares, o operador VERUM poderia ser foneticamente realizado pela palavra [really$_{VERUM}$] (realmente). Perguntas polares sem o operador VERUM teriam como denotação, nas palavras dos autores, uma "partição balanceada":

(ii) Does John play chess?
AUX John joga xadrez
"John joga xadrez?
= {João joga xadrez, João não Joga xadrez}

O efeito do operador VERUM nas peguntas polares seria a inserção, na denotação, de uma "partição desbalanceada", em que as escolhas referem-se ao grau de certeza da proposição:

(iii) Does John really$_{VERUM}$ play chess?
AUX John realmente joga xadrez
"John realmente joga xadrez?
= {é certeza que João joga xadrez, não é certeza que João joga xadrez}

Essa "partição desbalanceada", segundo os autores, seria característico de perguntas polares eviesadas, que carregam um viés epistêmico. A interação entre esse operador em perguntas polares e propriedades discursivas (máximas conversacionais, ...) derivaria qual das escolhas corresponde ao viés, já que, sozinho, o operador não desempenharia essa função.

a. Daniel messaheck shachmat, nachon?
Daniel joga xadrez certo
"Daniel joga xadrez, certo?"

b. [Daniel messaheck shachmat]$_1$, [$_{sc}$ nachon$_{VERUM}$ t_1]?

(114) *Turco*

a. Ahmet dün sinema-ya gi-ti, değil mi?
Ahmet ontem cinema-DAT ir-PAS NEG.COP Q
"Ahmet foi ao cinema ontem, não é?"
(*König e Siemund 2007, p. 297*)

b. [Ahmet dün sinema-ya gi-ti]$_1$, [değil$_{VERUM}$ t_1] mi?

(115) *Italiano*

a. Tu giochi a scacchi, {vero/ giusto}?
Você joga a xadrez verdade certo
"Você joga xadrez, {verdade/ certo}?"

b. [Tu giochi a scacchi]$_1$, [{vero/ giusto}$_{VERUM}$ t_1]?

(116) *Mandarim*

a. ta hui lai, bu shi ma?
Ele vai vir não COP Q
"Ele está vindo, não está?"
(Cheng, Huang e Tang 1997, p. 95)

b. [ta hui lai]$_1$, bu [shi Op_{VERUM} t_1] ma?

(117) *Inglês*

a. John was playing chess, {right/ Ok/ ...}?
João estava jogando xadrez {certo/ Ok/ ...}
"João estava xadrez, {certo/ Ok/ ...}?"

b. [John was playing chess]$_1$, [{right/ Ok/ ...}$_{VERUM}$ t_1]?

(118) *Russo*

a. Ty ego slyšal, pravda?
você ele ouvir verdade
"Você ouviu ele, não é verdade?"
(*König e Siemund 2007, p. 297*)

b. [Ty ego slyšal]$_1$, [pravda$_{VERUM}$ t_1]?

(119) *Espanhol*

a. ¿Juan no ha jugado al ajedrez, verdad?
Juan não AUX jogado a+o xadrez verdade
"Juan não jogou xadrez, verdade?"

b. [Juan no ha jugado al ajedrez]$_1$, [verdad$_{VERUM}$ t_1]?

(120) *Francês*

a. Jean a joué aux échecs, n'est-ce pas?
Jean tem jogado a xadrez NEG'é-EXP não
"Jean jogou xadrez, né?"

b. [Jean a joué aux échecs]$_1$, [n'est-ce pas Op_{VERUM} t_1]?

(121) *Phan Rang Cham*

a. aay naaw thaaŋ o ʔjɔwʔ laay?
velho.irmão ir casa NEG correto Q
"Você não está indo pra casa, correto?"
(Blood 1978, p. 4 apud Thurgood 2005, p. 498)

b. [aay naaw thaaŋ o]$_1$ [ʔjɔwʔ$_{\text{VERUM}}$ t $_1$] laay

(122) *Polonês*

a. Jan to zrobił, prawda?
Jan isso.ACC fez.PERF.MASC verdade?
"João fez isso, não é?"
(Olesky 1977, p. 106)

b. [Jan to zrobił]$_1$, [prawda$_{\text{VERUM}}$ t_1]

(123) *Português*

a. [João jogou xadrez]$_1$, não é [Op_{VERUM} t_1 ?

b. [João jogou xadrez]$_1$, [{não é {isso /verdade/ mesmo})/ certo/ ...}$_{\text{VERUM}}$ t_1]?

Considere, finalmente, os *tag questions* do Português formados pela partícula [né]:

(124) João joaga xadrez, né?

Essa partícula parece ser derivada da contração de [não+é]. A palavra [não], cliticizada a um verbo, é fonologicamente enfraquecida, o que se vê na possibilidade de redução vocálica ([não] → [num]):

(125) João {não/num}+joga xadrez.

(126) A: Você joga xadrez?
B: Não/*Num

Os *tag questions* com [né] poderiam então, em princípio, ser derivados de *pseudo tag questions* (e.g. [João joga xadrez, não é?] → [João joga xadrez, né?]), em que a negação sofreu um processo fonológico de enfraquecimento. Repare, entretanto, que a relação [não+é → né] é muito servera para se resumir somente a um processo fonológico de redução vocálica.

(127) a. João não+é feliz.

b. João num+é feliz.
c. ?*João né feliz.

Mesmo em *pseudo tag questions* em que o operados VERUM é foneticamente realizado, a contração entre [não] e [é] parece não ser tão severa:

(128) a. João joga xadrez, não+é verdade?
b. João joga xadrez, num+é verdade?
c. ?*João joga xadrez, né verdade?

Esses fatos argumentam em favor de a paricula [né] ser um item de vocabulário autônomo, derivado de um processo diacrônico de "gramaticalização". O complexo de núcleos [num+é] em, certo ponto, foi interpretado, no processo de aquisição, com um item de vocabulário autônomo, como uma partícula especializada, da camada CP, para formação de *tag questions reduzidos*, $[_{\Sigma^0}$ num+é] » $[_{C^0}$né].

Capítulo 4

Considerações Finais

bim, bom,
bim, bim, bom,
bim, bom,
bim, bim, bom,
bim, bom,
bim, bom,
bim, bim, bom,
bim, bom,
bim, bim, bom,
bim, bim,
É só isso o meu baião,
E não tem mais nada não.
O meu coração pediu assim.
Só bim, bom,
bim, bim, bom
...

João Gilberto

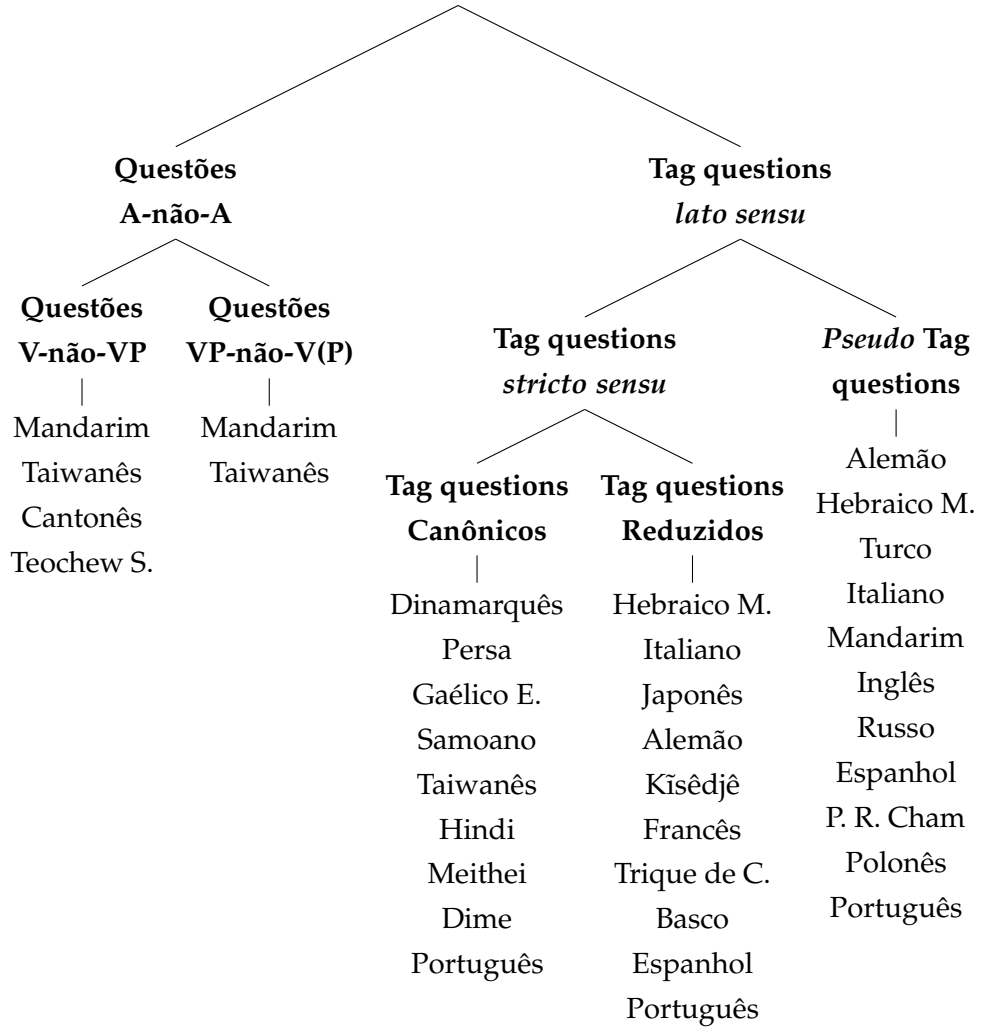
Este trabalho partiu de duas sugestões apresentadas na literatura:

> HIPÓTESE DE DEN DIKKEN: *tag questions canônicos* do Inglês e questões A-não-A do Mandarim são desencadeados pelo mesmo formativo. (den Dikken 1995)

> HIPÓTESE DE MORIN: *tag questions canônicos* do Inglês e *tag questions reduzidos* do Francês diferenciam-se pelo constituinte que sofre elipse na oração final. (Morin 1973)

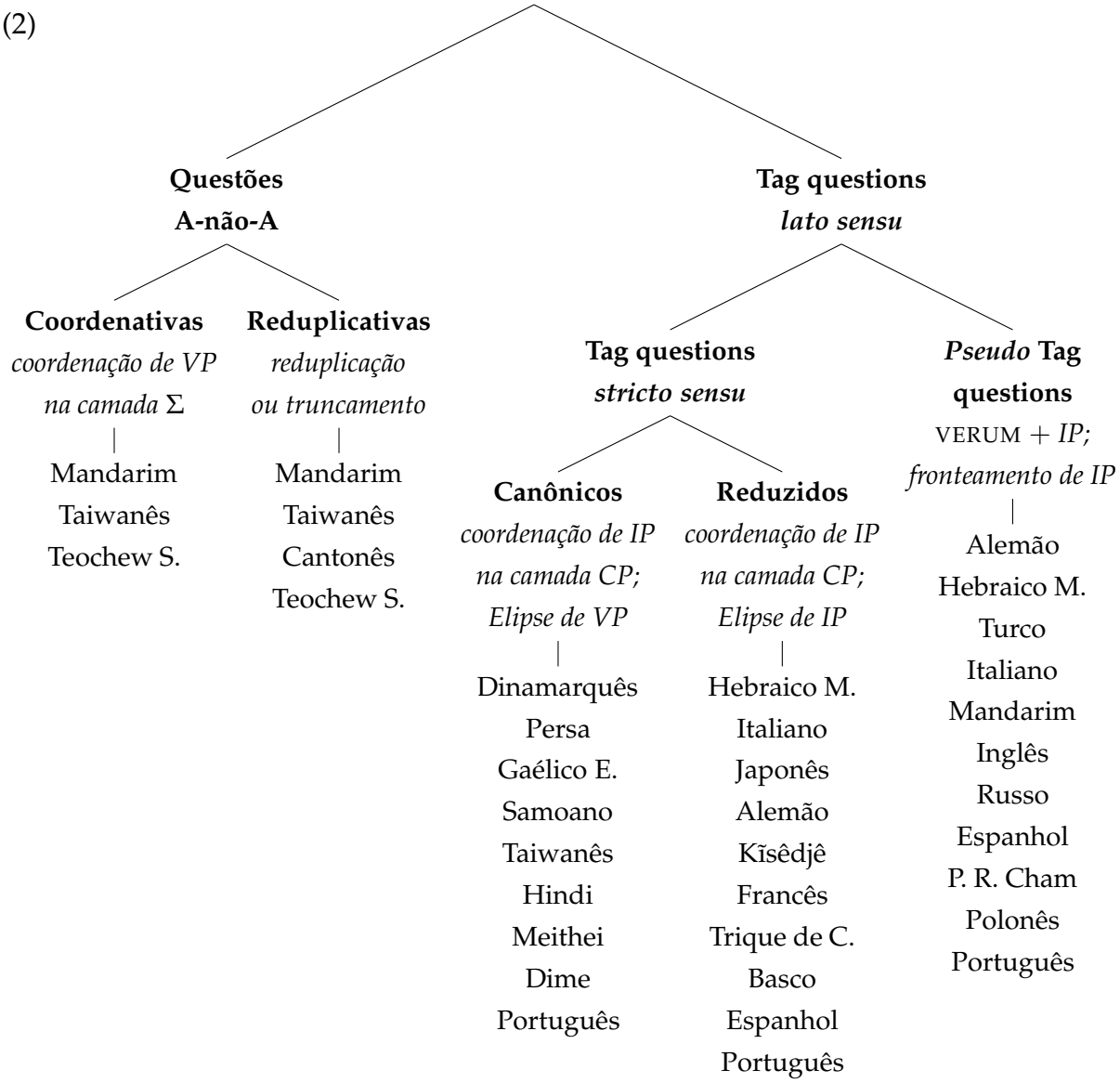
Procurei, então, averiguar quais as formas que *tag questions* e questões A-não-A poderiam tomar nas línguas. A partir da documentação disponível na literatura e de minha própria pesquisa de campo, cheguei ao seguinte quadro comparativo:

(1)



Reelaborando esse diagrama com as propostas analíticas do capítulo anterior, chegamos a:

(2)



Na revisão da literatura, percebi que, quanto à fonte de questões A-não-A, poderíamos chegar, com alguns pequenos ajustes e sem perda empírica, a um quadro comparativo muito mais simples que as propostas originais, que nos levavam ao seguinte quadro comparativo:

(3) *Formação de questões A-não-A*

	VP-NÃO-V(P)	V-NÃO-VP	
		V TOTAL	V PARCIAL
Huang (1991) (*Mandarim/ Taiwanês*)	Coordenação	Reduplicação	Reduplicação
Law (2001) (*Cantonês*)	∅	∅	Reduplicação
Cole & Lee (1997) (*Teochew*)	∅	Coordenação (Aux. Modais)	Coordenação

Sugeri, então, que, analiticamente, questões VP-não-V(P) (VP-não-VP e VP-não-V) e questões V-não-VP com repetição total do verbo fossem agrupadas em uma mesma categoria (questões A-não-A coordenativas), geradas por coordenação de VP. A diferença entre elas seria dada pelo constituinte afetado por elipse. No caso das questões VP-não-VP, não ocorreria elipse ([$_{VP}$ V Complemento] neg [$_{VP}$ V Complemento]). Nas questões VP-não-V, o complemento do VP coordenado à direita sofreria elipse ([$_{VP}$ V Complemento] neg [$_{VP}$ V ~~Complemento~~]). No caso das questões V-não-VP, por outro lado, o complemento do verbo do VP coordenado à esquerda sofreria a elipse ([$_{VP}$ V ~~Complemento~~] neg [$_{VP}$ V Complemento]). As questões V-não-VP com repetição parcial do verbo, em todas as línguas, foram agrupadas na categoria questões A-não-A reduplicativas e teriam todas a mesma fonte, que não seria, em princípio, coordenação. Chegamos, assim, ao seguinte quadro:

(4) *Formação de questões A-não-A - revisado*

	A-NÃO-A COORDENATIVOS	A-NÃO-A REDUPLICATIVOS
Mandarim	✔	✔
Taiwanês	✔	✔(Restrito)
Cantonês	∅	✔
Teochew	✔(Restrito)	✔

No que diz respeito aos *tag questions* canônicos e reduzidos, ampliei a cobertura empírica da hipótese de Morin e propus um refinamento da *Implicação sobre tag question* e da *Generalização sobre tag questions* propostas por Sailor (2009), que salientam a importância da elipse de VP na formação de *tag questions* canônicos:

> IMPLICAÇÃO SOBRE **TAG QUESTIONS CANÔNICOS**: Se uma língua L possui ***tag questions canônicos***, então L também possui elipse de VP independentemente.

> GENERALIZAÇÃO SOBRE **TAG QUESTIONS CANÔNICOS**: ***Tag questions canônicos*** em uma língua L comportam-se como elipse de VP em relação ao tipo de material encalhado (*stranded*).

A partir da documentação disponível na literatura e dos dados coletados por mim, elaborei o seguinte quadro comparativo:

		TQ CANÔNICOS	TQ REDUZIDOS
não possui elipse de VP	**Francês**	✗	✓
	Italiano	✗	✓
	Espanhol	✗	✓
possui elipse de VP	**Português**	✓	✓
	Hebraico Moderno	✗	✓
	Inglês	✓	✗
	Samoano	✓	?
	Dinamarquês	✓	?
	Taiwanês	✓	?
	Persa	✓	?
status da elipse de VP desconhecido (para mim!)	**Basco**	?	✓
	Kĩsêdjê	✗	✓
	Trique de C.	✗	✓
	Japonês	✗	✓
	Hindi	✓	?
	Meihei	✓	?
	Gaélico E.	✓	?
	Dime	✓	?

A partir desse quadro, foi possível refinar a hipótese de Morin e estendê-la para outras línguas. Chegamos, então, à formulação final proposta neste trabalho:

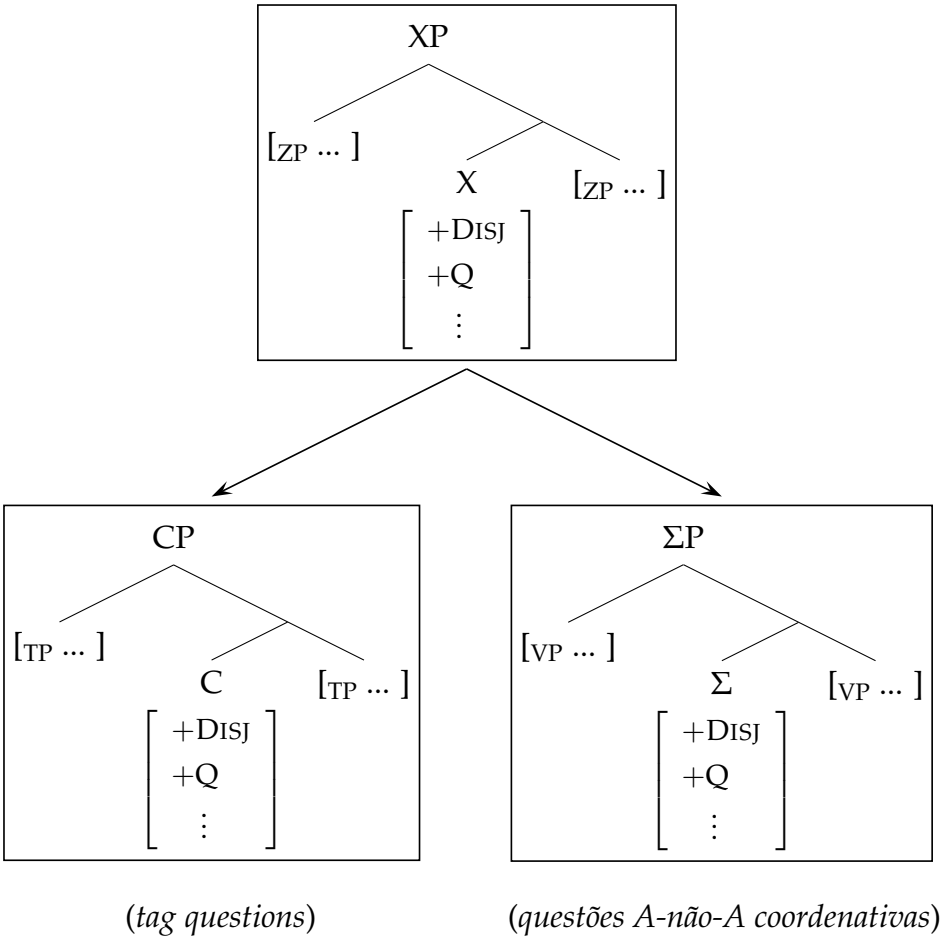
> HIPÓTESE DE MORIN ESTENDIDA (*Versão Final*): *tag questions canônicos* e *tag questions reduzidos* diferenciam-se pelo constituinte que sofre elipse na oração final:
>
> - *Tag questions canônicos* sofrem elipse de VP: Inglês, Dinamarquês, Persa e Português; (presumivelmente: Gaélico Escocês, Meihei, Dime e Hindi);
> - *Tag questions reduzidos* sofrem elipse de TP:
>   - ➢ *Partícula Negativa:* Francês, Italiano, Espanhol, Português, Hebraico Moderno;
>   - ➢ *Partícula Disjuntiva:* Alemão, Basco, Kĩsêdjê;
>   - ➢ *Partícula Especializada:* Alemão, Trique de Copala, Japonês;
>   - ➢ *Partícula Reversa:* Francês.

Por meio de testes de força ilocucionária baseados em Asher e Reese (2006), conclui que, para acomodar a possibilidade de parentéticos de força ilocucionária interrogativa na oração inicial dos *tag questions*: (i) a conexão entre a oração inicial e a oração final deveria ser sintática; e (ii) a oração final deveria ser a oração matriz da construção como um todo (como na análise de den Dikken).

Para acomodar a interpretação disjuntiva nas construções aqui estudadas, propus, reinterpretando a Hipótese de den Dikken, que tanto *tag questions* quanto questões A-não-A coordenativas portariam um traço abstrato disjuntivo, ao lado do traço interrogativo, mas em camadas diferentes da estrutura:

> HIPÓTESE DEN DIKKEN ESTENDIDA (*Versão Final*): *tag questions canônicos*, *tag questions reduzidos* e questões A-não-A coordenativas são desencadeadas pelas presença dos traços [+DISJ, +Q];
>
> - *Tag questions* canônicos e reduzidos: [+DISJ, +Q] na camada CP;
> - Questões A-não-A: [+DISJ, +Q] na camada ΣP.

(5)



(*tag questions*) (*questões A-não-A coordenativas*)

A diversidade na formação de *tag questions reduzidos*, assim como a possibilidade da ausência de um item de vocabulário disjuntivo, puderam, então, ser derivadas da manipulação dos traços presentes no núcleo formador de *tag questions* e no de questões A-não-A coordenativas, e da especificação morfossintática dos itens de vocabulário[1]. Criei, então, a noção de *sincretismo horizontal*, na qual itens de vocabulário aparecem

[1]No início desta pesquisa, *tag questions reduzidos* com partículas disjuntivas eram, para mim, uma idiossincrasia do Alemão. Conforme a pesquisa se desenvolveu, contudo, documentei esse tipo de *tag question* em duas outras línguas de famílias distintas, Basco e Kĩsêdjê, o que me fez perceber sua importântica na compreensão dessas estruturas.

em diferentes posições sintáticas desempenhando funções diferentes. Para mostrar que *sincretismo horizontal* é um fenômeno mais amplo que *tag questions reduzidos*, apresentei, como exemplo ilustrativo, o caso da formação de perguntas polares com partículas pós sentenciais:

(6) PARTÍCULAS INTERROGATIVAS DE FINAL DE SENTENÇA

	PRT DISJUNTIVA	PRT INTERROGATIVA	NEGAÇÃO SENTENCIAL
Zapoteca do I.	pacaa/ o	la	cadi/qué
Trique de C.	se^{32}	nah^{3}	ne^{3}/ se^{3}
Cantonês	dihng/ waahkjí	mei	mei, mou, m
Taiwanês	asi/ a	m, be, ...	m, be, ...
Malayalam	oo	oo	-illa
Sinhala	$də_{(int.)}$/ $hari_{(pos.)}$/ $vat_{(neg.)}$	də	nææ

Para os *tag questions*, chegamos ao seguinte quadro referente ao sincretismo horizontal:

(7) SINCRETISMO HORIZONTAL: TAG QUESTIONS REDUZIDOS

	PRT DISJUNTIVA	TQ REDUZIDO	PRT NEG. (NEG. SENT.)	PRT NEG. (FORÇA ILOC.)
Japonês	ia	ne	*verbo*-na-*tempo*	ie
Trique de C.	se^{32}	zha^{2}	ne^{3}/ se^{3}	
Alemão	oder	oder/gell	nicht	nein
Hebraico M.	o	lo	lo	lo
Italiano	o	no	no	no
Francês	ou	non/ $si_{(rev.)}$	(ne) *verbo* pas	non
Espanhol	o	no	no	no
Português	ou	não	não	não
Kĩsêdjê	jantã	jantã	khêrê	khêrê
Basco	ela (/ala/)/ edo	ela (/ala/)/ edo	ez	ez

Para acomodar a diversidade na formação de *tag questions* reduzidos, propus que (i) o traço disjuntivo é hierarquizado acima do traço negativo, reflexo das relações de escopo semântico estabelecidas entre esses dois traços nessas estruturas; e (ii) uma regra de empobrecimento do traço disjuntivo. O resto foi derivado da especificação morfossintática dos itens de vocabulário − partículas negativa, disjuntiva e reversa, independentemente dessas estruturas.

(8) EMPOBRECIMENTO DO TRAÇO DISJUNTIVO

a. Descrição estrutural: Um núcleo *N* portando os traços [+DISJ, +Q];
b. Mudança estrutural: $N \Rightarrow$ [−DISJ, +Q].

A distribuição da aplicação do *empobrecimento do traço disjuntivo* nas estruturas estudadas neste trabalho foi:

(9) DISTRIBUIÇÃO DA APLICAÇÃO DO EMPOBRECIMENTO DO TRAÇO DISJUNTIVO

	TQ CANÔNICO (C^0)	TQ REDUZIDO (C^0)	VP-VP (Σ^0)	A-NÃO-A COORD. (Σ^0)
Português	✔	✔	∅	∅
Inglês	✔	∅	∅	∅
Samoano	✔	∅	∅	∅
Gaélico E.	✔	∅	∅	∅
Dinamarquês	✔	∅	∅	∅
Taiwanês	✔	∅	∅	✔
Persa	✔	∅	∅	∅
Hindi	✔	∅	∅	∅
Dime	✔	∅	∅	∅
Meithei	✔	∅	∅	∅
Basco	∅	✗	∅	∅
Kĩsêdjê	∅	✗	∅	∅
Alemão	∅	✗	∅	∅
Trique de C.	∅	∅	∅	∅
Japonês	∅	∅	∅	∅
Francês	∅	∅	∅	∅
Italiano	∅	✔	∅	∅
Espanhol	∅	✔	∅	∅
Hebraico M.	∅	✔	∅	∅
Mandarim	∅	∅	✔	✔
Cantonês	∅	∅	∅	∅
Teochew	∅	∅	∅	✔

✔ = Aplicação do *empobrecimento do traço disjuntivo*.
✗ = Não aplicação do *empobrecimento do traço disjuntivo*.
∅ = Estrutura em questão não atestada/documentada na língua, ou a aplicação do *empobrecimento do traço disjuntivo* é irrelevante.

Quanto às questões A-não-A reduplicativas, apresentei duas possíveis análises, uma por meio de regra de reduplicação e outra por meio de truncamento do verbo.

A regra de reduplicação responsável pela formação de questões A-não-A reduplicativas teria o seguinte formato:

(10) REDUPLICAÇÃO A-NÃO-A - Análise 1

a. Descrição estrutural: $X\ \Sigma_{[+\text{NEG},+\text{Q}]} \left\{ \begin{array}{c} \text{V} \\ \text{A} \end{array} \right\} Y$

b. Mudança estrutural:

(i) Insira ⟦ imediatamente à esquerda de Σ e ⟧ imediatamente à direita da primeira sílaba de $\left\{ \begin{array}{c} \text{V} \\ \text{A} \end{array} \right\}$;

(ii) Insira ⟩ imediatamente à direita de Σ.

Na outra análise, as questões A-não-A reduplicativas seriam derivadas por meio da adjunção de uma cópia do verbo/adjetivo ao elemento negativo no núcleo Σ. Esse complexo de núcleos sofreria um processo de Fusão que teria duas consequências: (i) evitar que as cópias do verbo se sujeitassem à Redução de Cadeias; e (ii) render, em certo casos, uma "palavra" trissílaba, estranha, de modo geral, às línguas sino-tibetanas. Restrições fonotáticas da língua forçariam o truncamento do verbo anexado à negação:

(11) *Mandarim* - Questões A-não-A reduplicativas - Análise 2

a. ta xi bu xihuan zheben shu?
ele gos não gosta esse livro
"Ele gosta ou não gosta desse livro?"
(Huang 1991, p. 306)

b. (i) [$_{\text{TP}}$ ta [$_{\Sigma\text{P}}$ xihuan+bu [$_{\text{VP}}$ xihuan zheben shu]]]

(ii) [$_{\text{TP}}$ ta [$_{\Sigma\text{P}}$ **#xihuan+bu#** [$_{\text{VP}}$ xihuan zheben shu]]]

(iii) [$_{\text{TP}}$ ta [$_{\Sigma\text{P}}$ #xi~~**huan**~~+bu# [$_{\text{VP}}$ xihuan zheben shu]]]

(iv) [$_{\text{TP}}$ ta [$_{\Sigma\text{P}}$ #xi+bu# [$_{\text{VP}}$ xihuan zheben shu]]]

Restrições de Ilhas sobre questões A-não-A foram analisadas em conjunto com outras restrições de localidade por meio de efeitos de minimalidade e Condição de Domínios de Extração (Huang 1982), interpretadas à luz da teoria dos múltiplos *Spell-Outs* (Uriagereka 1999; Nunes e Uriagereka 2000).

Finalmente, para *pseudo tag questions*, apresentei uma primeira abordagem que nos permitiu contemplar algumas similaridades na formação desse tipo de estrutura nas línguas. Basicamente, palavras como "verdade", "certo", "mesmo", "correto" e seus equivalentes em outras línguas foram interpretadas nessas estruturas como instanci-

ações do mesmo formativo, o operador VERUM (Romero e Han 2002), que poderia, também, ser foneticamente nulo em algumas línguas:

(12) a. [João joga xadrez]$_1$, não é [$_{SC}$ verdade$_{VERUM}$ t_1]?
b. [João joga xadrez]$_1$, não é [$_{SC}$ mesmo$_{VERUM}$ t_1]?
c. [João joga xadrez]$_1$, não é [$_{SC}$ *Op*$_{VERUM}$ t_1]?
d. [João joga xadrez]$_1$, [$_{SC}$ certo$_{VERUM}$ t_1]?

A oração inicial dos *pseudo tag questions* entraria em uma relação de predicação com o operador e seria posteriormente fronteada.

Referências Bibliográficas

[1] Akerberg, M. Aquisição da pronúnica: a entoação em perguntas sim/não. **Trabalhos em línguística aplicada**, v. 50, n. 1, Campinas, 2011.

[2] Arregi, K.; Nevins, A. **Morphotactics: Basque Auxiliaries and the Structure of Spellout.** manuscrito (à sair em Springer, Studies in Natural Language and Linguistic Theory series.), 2012.

[3] Asher, N.; Reese, B. Prosody and the Interpretation of Tag Questions", **Proceedings of LENLS**, ed. E. McCready, 2006.

[4] Baerman, M. e Brown, D. Syncretism in Verbal Person-Number Marking. In. Dryer, Matthew S. e Haspelmath, Martin (eds.) **The World Atlas of Language Structures Online.** Munich: Max Planck Digital Library, cap. 29, 2011. disponível em *http://wals.info/chapter/29*.

[5] Baerman, M. e Brown, D. Case Syncretism. In. Dryer, Matthew S. e Haspelmath, Martin (eds.) **The World Atlas of Language Structures Online.** Munich: Max Planck Digital Library, cap. 28, 2011. disponível em *http://wals.info/chapter/28*.

[6] Blood, D. W. Some aspects of Cham discourse structure. **Anthropological Linguistics.**, v. 20, p. 110-132, 1978.

[7] Carlso, T. **Tainae grammar essentials**. Sil Publications: Ukarumpa, 1991.

[8] Colicover, P. English tag questions in Universal Grammar. **Lingua**, v. 88, p. 21-54, 1992.

[9] Chomsky, N. **The minimalist program**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

[10] Chomsky, N. Derivation by phase. In Michael Kenstowicz (eds.) **Ken Hale: A life in language.** p. 1-52. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.

[11] Cheng, L.; Huang, J.; Tang, J. Negative particle questions: a dialectal perspective. In Chaofen Sun (ed.), **Studies on the History of Chinese Syntax**, Monograph 10, p. 65-112, 1997.

[12] Cheng, L.; Huang, J.; Tang, J. Negative particle questions. James Black; Virginia Motapanyane (eds.) **Microparametric Syntax and Dialect Variation, Current Issues in Linguistic Theory**. v. 139, John Benjamins, Amsterdam, p. 41-78, 1997.

[13] Cole, P.; Lee, C. L. Locality constraints on yes/no questions in Singapore Teochew. **Journal of East Asian Linguistics**, v. 6, p. 189-211, 1997.

[14] Contreras, H. Small clauses in Spanish and English. In. **Natural language and linguistic theory.** v. 5, p. 225-244.

[15] Corver, N.; Nunes, J. (eds.) **the copy theory of movement**, Amsterdam: John Benjamins, 2007.

[16] Cyrino, S. M. L. **O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico.** (Tese de doutorado) - Unicamp, 1994.

[17] Dagnac, A. Modal ellipsis in French, Spanish and Italian: Evidence for a TP-deletion analysis. In Arregi, K.; Fagyal, Z., Montrul, S. A.; Tremblay, A. (eds.),**Romance Linguistics 2008: Interactions in Romance: selected papers from the 38th Linguistic Symposium on Romance Languages**, Urbana-Champaign, abril, 2008. p. 157-170. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

[18] den Dikken, M. **Extraposition as intraposition, and the syntax of English tag questions.** Ms., Vrije Universiteit Amsterdam, 1995.

[19] Doron, E. V-Movement and VP Ellipsis, In **Fragments: Studies in ellipsis and gapping.** Shalom Lappin; Elabbas Benmamoun (eds.), Oxford University Press: New York, p. 124-140, 1999.

[20] Dryer, M. S. Polar questions. In **The World Atlas of Language Structures.** Martin Haspelmath; Matthew S. Dryer; David Gil; Bernard Comrie (eds.). Oxford University Press, 2005.

[21] Embick, D.; Noyer, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In Ramchand G.; Reiss C. (eds.) **The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces.** Oxford University Press, 2004.

[22] Emonds, J. **Root and structure-preserving transformations.** (Tese de doutorado) - MIT, 1970.

[23] Gair, J. W. **Colloquial Sinhalese clause structures.** The Hague: Mouton, 1970.

[24] Gaminde, I. Zamudio berbarik berba. Bilbo: Labayru Ikastegia, 2000. Disponível em http://bips.bi.ehu.es/manwe-bideoteka/zamudio/

[25] Ginsburg, J. **Interrogative features.** (Tese de coutorado) - University of Arizona, 2009.

[26] Goldberg, L. **Verb-stranding VP ellipsis: A crosslinguistic study.** (Tese de doutorado) - McGill University, Montreal, 2005.

[27] Hagstrom, P. A-not-A questions. In Martin Everaert; Henk van Riemsdijk (eds.), **The Blackwell Companion to Syntax.** v. 1, capítulo 7. Oxford: Blackwell. p. 173-213, 2005.

[28] Halle, M. 1997. Impoverishment and fission. In **PF: Papers at the interface, ed. Benjamin Bruening Yoonjung Kang and Martha McGinnis**, v. 30 do MIT Working Papers in Linguistics, p. 425–450. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

[29] Halle, M. Reduplication. In. **Foundational issues in linguistic theory: Essays in honor of Jean-Roger Vergnaud, ed. Robert Freidin**, Carlos P. Otero; María Luisa Zubizarreta, p. 325-357. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2008.

[30] Halle, M.; Marantz, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In K. Hale; J. Keyser (eds.) **The View from Building 20.** p. 111-176. MIT Press: Cambridge, MA, 1993.

[31] Harley, H.; Noyer, R. State of the Article: Distributed Morphology. In **GLOT**, University of Pennsylvania, p. 3-9, 1999.

[32] Hellenthal, A.C., **A grammar of sheko.** (Tese de doutorado) - Leiden University, 2010.

[33] Hollenbach, B. A syntactic sketch of Copala Trique. In C. Henry Bradley; Barbara E. Hollenbach (eds.) **Studies in the syntax of Mixtecan languages.** v. 4, p. 173–431. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1992.

[34] Holmberg, A. **Answering yes/no-questions in English and other languages.** Guest lecture at School of Linguistic Science, EFLU, Hyderabad, 2012.

[35] Hualde, J. I.; Urbina, J. O. **A grammar of Basque**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

[36] Hiemstra, I. Some aspects of wh-questions in Frisian. **North-Western European Language Evolution** v. 8, p. 97–110, 1986.

[37] Huang, C.-T. J. **Logical relations in Chinese and the theory of grammar.** (Tese de doutorado) - MIT, 1982.

[38] Huang, C-T J. On the distribution and reference of empty pronouns. **Linguistic Inquiry.** v. 15, p. 531-574, 1984.

[39] Huang, C.-T. J. **Modularity and Chinese A-not-A Questions.** Interdisciplinary Approaches to Linguistics: Essays in Honor of Yuki Kuroda, C. Georgopoulos; R. Ishihara (eds.) p. 305-332, Kluwer Academic Publishers, 1991.

[40] Huang, C.-T. J. Reconstruction and the structure of VP: some theoretical consequences. In. **Linguistic Inquiry**, v. 24, p. 103-138.

[41] Huang, C.-T. J.; Li, Y.-H. A.; and Li, Y. **The Syntax of Chinese.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

[42] Jayaseelan, K. A. **Question particles and disjunction.** Manuscrito., Hyderabad, English and Foreign Languages University, 2008. Disponível em http://ling.auf.net/lingBuzz/000644

[43] Jurka, J. **The importance of being a complement: CED effects revisited.** (Tese de doutorado) - University of Maryland, 2010.

[44] Kandybowics, J. On Fusion and Multiple Copy Spell–Out: The Case of Verbal Repetition. In Norbert Corver; Jairo Nunes (eds.), **The Copy Theory of Movement**, p. 119-150. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

[45] Karttunen, L. Syntax and semantic of questions. **Linguistics and Philosophy**, p. 3-44, 1977.

[46] Kayne, R. **The Antisymmetry of Syntax.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.

[47] Kimper, W. A. Question Formation in the Karonga Dialect of Tumbuka, In O. F. Arasanyin; M. A. Pemberton (eds). **Selected Proceedings of the 36th Annual Conference on African Linguistics**, Cascadilla Proceedings Project, MA Somerville, 2006.

[48] Kishimoto, H. Wh-in-situ and movement in Sinhala questions. In. **Natural Language and Linguistic Theory** 23. p. 1-51, 2005.

[49] Kitagawa, Y. **Subjects in Japanese and English.** (Tese de doutorado) - University of Massachusetts, 1986.

[50] Klima, E. Negation in E. In. J. A. Fodor; J. Katz. **The structure of language.** Englewood Cliffs: Prentice Hall, p. 246-323.

[51] Koopman, H. **The syntax of verbs.** Dordrecht: Foris, 1984.

[52] Koopman, H. The positions of subjects. In **Lingua**, v. 85, p. 211-258.

[53] König, E; Siemund, P. Speech act distinctions in grammar. In Timothy Shopen (ed.) **Language Typology and syntatic description.**, v. 1, p. 276-324, New York, Cambridge University Press, 2007.

[54] Kramer, R.; Rawlins K. Polarity particles: an ellipsis account. In **The Proceedings of the 39th Annual Meeting of the North East Linguistic Society**, 2009.

[55] Kramer, R; Rawlins K. **Polarity particles and ellipsis: a (somewhat) cross-linguistic perspective.** *Handout* apresentado no *Polarity particles workshop*, 2010.

[56] Kratzer, A. Severing the external argument from its verb. In Johan Rooryck and Laurie Zaring, eds., **Phrase Structure and the Lexicon**, p. 109-137. Dordrecht: Kluwer, 1996.

[57] Laka, I. **Negation in syntax: On the nature of functional categories and projections.** (Tese de doutorado) - MIT, 1990.

[58] Lakoff, G. Syntactic Amalgams. **Paper from the 10th meeting of the Chicago Linguistic Society**, 1974.

[59] Lakoff, R. Language in Context. **Language**, v. 48, n. 4, p. 907-927, 1972.

[60] LaPolla, R. In. Brown, K. (ed.) **Encyclopedia of Language and Linguistics**, p. 393-397. London: Elsevier, 2005.

[61] Law, A. A-not-A questions in Cantonese. **UCLWPL**, v. 13, p. 295-318, 2001.

[62] Lobeck, A. **Ellipsis: Functional Heads, Licensing and Identification.** New York: Oxford University Press, 1995.

[63] Lewis, M. P. (ed.), **Ethnologue: Languages of the World**, Sixteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International, 2009. versão online: http://www.ethnologue.com/.

[64] Martins, A. M. Double realization of verbal copies in European Portuguese emphatic affirmation. In In Norbert Corver; Jairo Nunes (eds.), **The Copy Theory of Movement**, p. 77-118. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

[65] McCawley, J. **The Syntactic Phenomena of English.** Chicago: University of Chicago Press, 1988.

[66] McDaniel, D. Conditions on wh-chains. (Tese de doutorado) - City University of New York, 1986.

[67] Merchant, J. **The syntax of silence: Sluicing, islands, and the theory of ellipsis.** Oxford: Oxford University Press, 2001.

[68] Morin, Y. Tag questions in French. **Linguistic inquiry**. v. 4, p. 97-100, 1973.

[69] Nunes, J. **Linearization of chains and sideward movement.** Cambridge MA: The MIT Press, 2004.

[70] Nunes, J.; Uriagereka, J. Cyclicity and extraction domains. **Syntax**, v. 3, p. 20-43, 2000.

[71] Nishiyama, K.; Cho, E. Predicate cleft constructions in Japanese and Korean: The role of dummy verbs in TP/VP preposing. In Noriko Akatsugu; Hajime Hoji; Shoichi Iwasaki; Sung-Ock Sohn; Susan Strauss (eds.), **Japanese/Korean Linguistics.** v. 7, p. 463–479. Stanford, Calif.: CSLI Publications.

[72] Olesky, W. Tag questions in English and equivalent constructions in Polish. Poznań studies in contemporary linguistics. v. 7, p. 96-109, 1977.

[73] Pesetsky, D.; Torrego, E. The Syntax of Valuation and the Interpretability of Features. In Karimi, V. S.; Wilkins, W. (eds.) **Phrasal and Clausal Architecture: Syntactic Derivation and Interpretation.** Amsterdam: Benjamins, [2004] 2007.

[74] Pickett, V. B.; Black, C. A.; Marcial, C. V. **Gramática popular del zapoteco del Istmo.** Instituto Lingüístico de Verano. 2001. Disponível em http://www.sil.org/mexico/zapoteca/istmo/G023a-GramaticaZapIstmo-ZAI.htm

[75] Quadros, R. **Phrase structure of Brazilian Sign Language.** (Tese de doutorado) - Pontificia Universidade Catolica do Rio Grande do Sul, 1999.

[76] Rizzi, L. **Relativized Minimality**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

[77] Romero, M. Biased Yes/No Questions: The Role of VERUM'. **Sprache und Datenverarbeitung**, v. 30, p. 9-24, 2006.

[78] Romero, Maribel, and Chung-hye Han. 2002. Verum focus in negative yes/no questions and Ladd's p / ¬p ambiguity. In **Proceedings of Semantics and Linguistic Theory XII**. Ithaca, NY: CLC Publications.

[79] Raimy, E. **The morphology and phonology of reduplication.** Berlim: Mouton de Gruyter, 2000.

[80] Ross, J.R. **Constraints on Variables in Syntax**. (Tese de doutorado) MIT, 1967.

[81] Ross, J. R. Slifting. In Maurice Gross; Marcel Schützenberger (eds.), **The Formal Analysis of Natural Languages.** p. 133–172, Mouton and Company: Holland, 1973.

[82] Seyoum, M. **A grammar of Dime.** (Tese de doutorado) - Leiden University, 2008.

[83] Sailor, C. **Tagged for deletion: a typologicalto VP ellipsis in tag question**. (Dissertação de mestrado) UCLA, 2009.

[84] Singh, C.Y. **Tag questions in Meiteilon.** Mon-Khmer Studies 25, 29-38, 1996.

[85] Speas, M. **Adjunctions and projection in syntax.** (Tese de doutorado) - MIT, 1986.

[86] Sportiche, D. A theory of floating quantifiers and its corollaries for contituent structure. In. **Linguistic Inquiry**, v. 19, p. 425-49, 1988.

[87] Thurgood, G. A Preliminary Sketch of Phan Rang Cham. In **The Austronesian Languages of Asia and Madagascar.** Karl Alexander Adelaar; Nikolaus Himmelmann (eds.). p. 489-512, Routledge: NewYork, 2005.

[88] Stockwell, R.; Schacter, P.; Partee, B. **The Major Syntactic Structures of English.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1973.

[89] Tsai, W. D. **Economizing the Theory of A$'$-Dependencies.** (tese de doutorado) - MIT, 1994.

[90] Uriagereka, J. Multiple Spell-Out. In Samuel David Epstein; Norbert Hornstein (eds.) **Working minimalism**, 251–282. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1999.

[91] Zagona, K. **Government and proper government of verbal projections**. (Tese de doutorado) - University of Washington, 1982.